

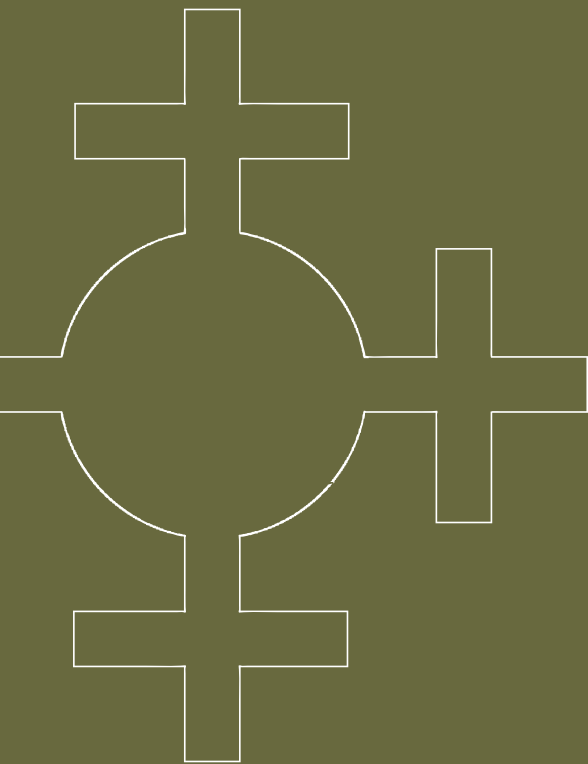


Um SóCorpo

VOLUME 1

Reflexões Norte-Sul a respeito do VIH e SIDA





Um Só Corpo

VOLUME 1

Reflexões Norte-Sul a respeito do VIH e SIDA

Um Só Corpo Volume 1 consiste numa colecção de reflexões sobre os desafios, para a Igreja, do estigma associado à SIDA. Um segundo volume foca os recursos de oração, liturgia, culto e estudo bíblico, bem como testemunhos pessoais de pessoas afectadas pelo VIH e SIDA. O volume 1 é editado em inglês e português, o volume 2 em inglês.

EDITOR	Elizabeth Knox-Seith, Consultora da DanChurchAid
COORDENADOR DO PROJECTO	Jan Bjarne Sodal, Conselho Cristão da Noruega
COMITÉ EDITORIAL	Precious Mwewa, Jornalista, Zâmbia; Rev. Japhet Ndhlovu, Conselho das Igrejas da Zâmbia; Rev. Elias Zacarias Massicame, Conselho Cristão de Moçambique; Jan Bjarne Sodal, Conselho Cristão da Noruega; Birthe Juel Christensen, DanChurchAid, Dinamarca
CONSULTOR EXTERNO	Gillian Paterson,
TRADUTORES	Ivan Chetwynd (inglês), Melodie and Tony Winch (português)
FOTÓGRAFO	Ulrik Jantzen, DasBüro, Copenhaga
MODELOS PARA FOTOGRAFIAS	Beauty Chandra and Preben Bakbo Sloth, activistas VIH
DESIGN GRÁFICO	Kit Halding, DanChurchAid
IMPRESSÃO	JØNSSON & NKN, Copenhaga
PUBLICADO PELA	The Nordic-Foccisa Church Cooperation
ISBN 13	978-82-7941-025-6
ISBN 10	82-7941-025-2
©	Christian Council of Norway 2006

A Nordic-FOCCISA Church Cooperation é uma relação de colaboração entre onze conselhos de Igrejas na África Austral e cinco conselhos de Igrejas nos países nórdicos.

A Nordic-FOCCISA Church Cooperation gostaria de agradecer a NORAD e Danida/DanChurchAid pelo seu apoio generoso para este projecto

Esta publicação não pode ser vendida ou utilizada para fins comerciais. O material desta publicação pode ser citado, ou a publicação ou suas páginas serem fotocopiadas, desde que seja feita devida referência aos autores e editores.

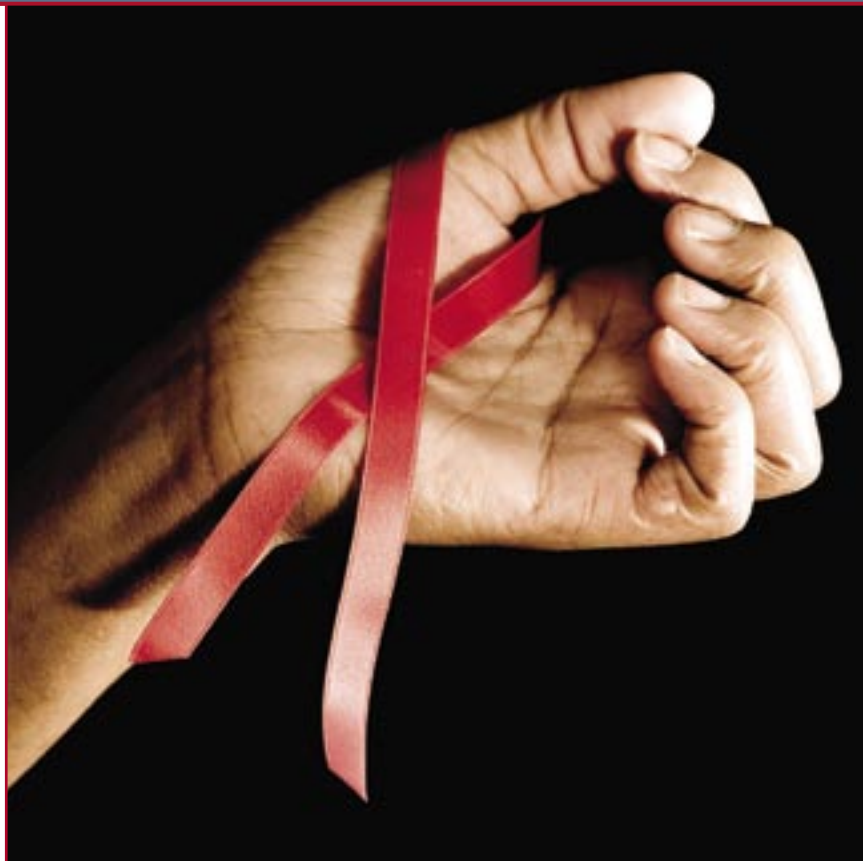
PODEM SER ENCOMENDADOS EXEMPLARES DE AMBOS OS VOLUMES A:

Christian Council of Mozambique (Conselho Cristão de Moçambique)
Telefone: +258-21-322836
E-mail: titosccm@virconn.com

Council of Churches in Zambia (Conselho de Igrejas na Zâmbia)
Telefone: +260-1-229551
E-mail: info@ccz.org.zm

DanChurchAid
Telefone: +45 33 15 28 00
Email: mail@dca.dk

Christian Council of Norway (Conselho Cristão da Noruega)
Telefone: +47 23081300
E-mail: nkr@ekumenikk.org



Um Só Corpo

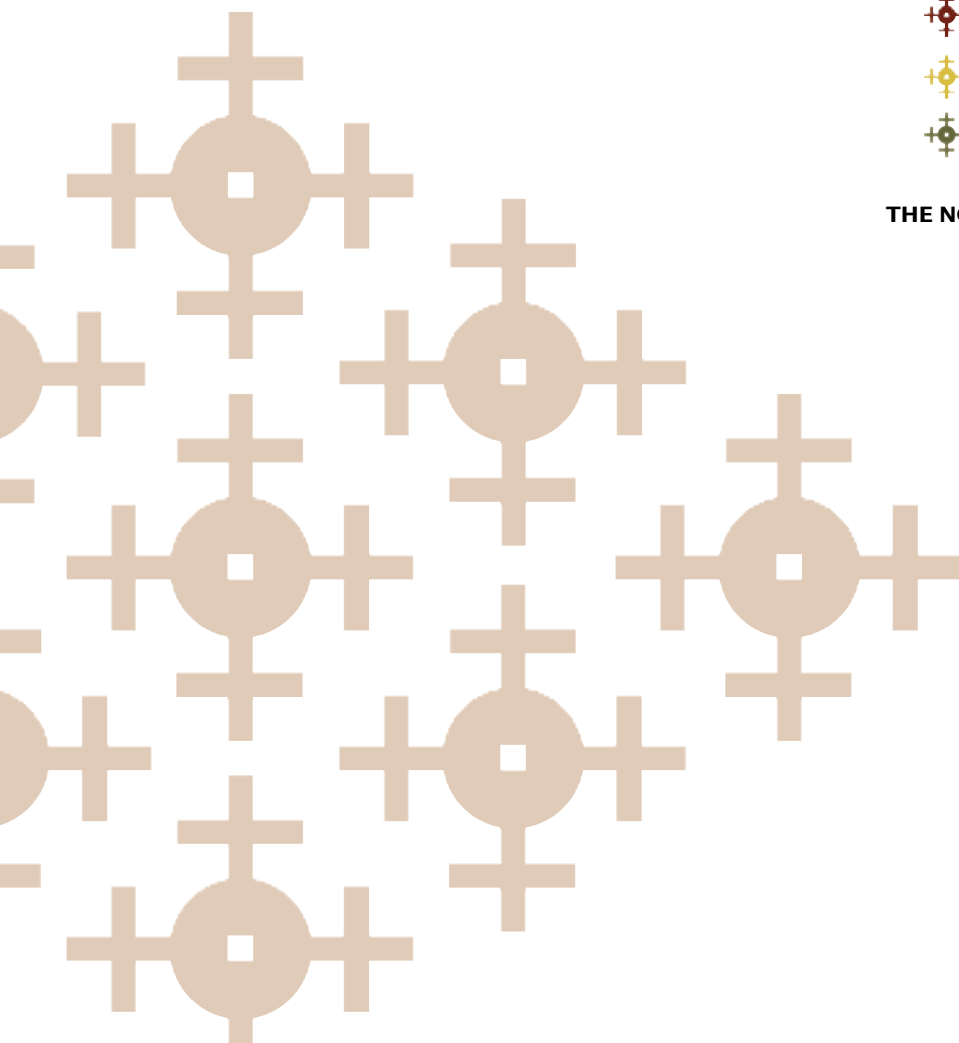
Reflexões Norte-Sul a respeito do VIH e SIDA

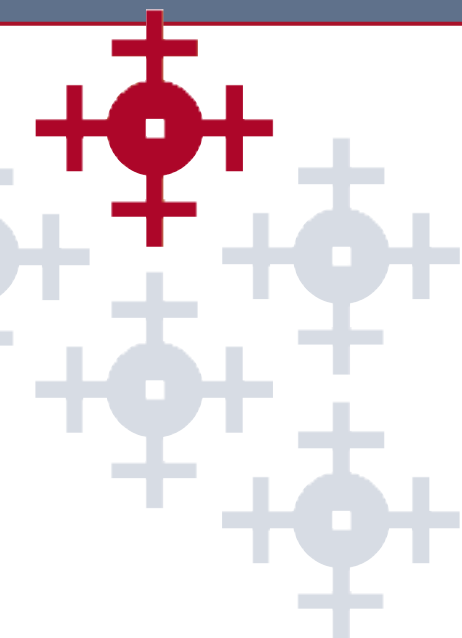
 Sexualidade Humana

 A Igreja Abrangente

 Imagens de Deus

THE NORDIC-FOCCISA CHURCH COOPERATION





	INTRODUÇÃO	
	Afirmação de Abertura	5
	O Desafio do Estigma	6
	SEXUALIDADE HUMANA	12
MOÇAMBIQUE	A Igreja e o seu papel na educação sexual	14
ZÂMBIA	Pecados patriarcais	16
ZÂMBIA	Deus e Sexualidade	18
NORUEGA	Tabu Vulnerável	20
DINAMARCA	Uma Dávida Divina e uma Tarefa Humana	23
DINAMARCA	Sexualidade e Morte	24
	A IGREJA ABRANGENTE	30
ZÂMBIA	A Igreja que cura	32
DINAMARCA	O Corpo de Cristo	36
MOÇAMBIQUE	Estigmatização	40
NORUEGA	Sem Medo	42
DINAMARCA	Superando Isolamento	44
	IMAGENS DE DEUS	48
NORUEGA	Nossa Identidade Mais Profunda é o Amor	50
DINAMARCA	Imagens Construtivas e Deformadas	52
NORUEGA	Significado e Identidade	54
DINAMARCA	Culpa e Perdão	56
DINAMARCA	Vergonha	58
ZÂMBIA	A compaixão de Deus	60
	EPÍLOGO	
	Chamados a ser diferentes	64



Afirmação de Abertura

“Um Só Corpo” é o resultado de um diálogo íntimo e colaborativo entre pessoas de quatro países: Moçambique, Zâmbia, Noruega e Dinamarca.

A Nordic-FOCCISA Church Cooperation reuniu-nos. O nosso trabalho foi motivado pelo apelo a iniciativas ecuménicas em resposta ao VIH e SIDA tanto na África como em outros locais. Pode ser visto como o seguimento de um apelo do Conselho Mundial das Igrejas para colaborar entre regiões, em primeiro lugar para abordar questões de estigmatização.

Somos leigos e ordenados, homens e mulheres, e somos provenientes de uma série de Igrejas, regiões e culturas. Somos provenientes de Igrejas, organizações religiosas e ecuménicas e organizações de pessoas afectadas pelo VIH e SIDA.

Partilhamos o sofrimento causado pelo vírus que nos tem vindo a infectar e afectar como seres humanos e como a família da Igreja. Nesta era da SIDA, em termos teológicos, partilhamos o desafio de trabalharmos no sentido de ultrapassar a estigmatização, abordando questões sobre o sexo, a sexualidade e a igualdade entre sexos, repensando a nossa missão e transformando as nossas estruturas.

No cerne do nosso trabalho, existe a crença de que somos todos criados à imagem de Deus. Deus criou nos uns para os outros e para Si próprio. Os nossos corpos são os templos do Senhor.

Afirmamos que Deus:

- é o nosso Criador, que nos abraça com amor, cuidado e bondade;
- sofre connosco quando sofremos;
- acompanha-nos na vida e na morte.

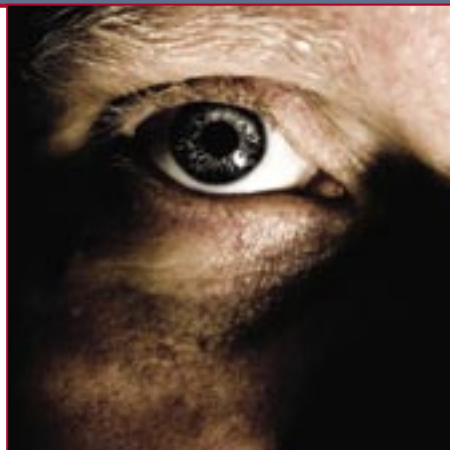
Afirmamos que cabe à Igreja a responsabilidade de combater o estigma da SIDA:

- criando “pontos de apoio” efectivos em áreas necessitadas, especialmente entre a população que vive ou está afectada pelo VIH ou pela SIDA;
- trabalhando no sentido de criar comunidades abrangentes que aproveitem os recursos humanos disponíveis, incluindo os recursos e o saber de pessoas com VIH e SIDA;
- dando prioridade à capacitação das pessoas com VIH e SIDA;
- lembrando que as pessoas portadoras do VIH e da SIDA são os nossos recursos mais valiosos na luta contra a epidemia.

Afirmamos que a sexualidade deve ser enaltecida e desfrutada. Fomos criados como seres sexuais, mas somos também chamados a exercer controlo sobre a nossa sexualidade e a comportarmo-nos com responsabilidade perante os outros e perante nós próprios. Ao honrar a integridade e a dignidade de cada pessoa, somos também responsáveis por nos protegermos uns aos outros contra o vírus e a estigmatização que, com tanta frequência, o acompanha.

Sendo provenientes de países da África Austral e países nórdicos, estamos conscientes de que a estigmatização relacionada com a SIDA e com o VIH acontece numa grande diversidade de contextos culturais e regionais e que as características variam consoante as circunstâncias. Uma resposta que seja apropriada num determinado contexto pode, no entanto, não o ser num contexto diferente. Reconciliados na nossa diversidade, estamos conscientes de que temos de trabalhar em conjunto.

Vemos, assim, com bons olhos os desafios complexos que surgiram do nosso diálogo, e cremos que estes espelham a situação global que tentamos abordar. Estamos convencidos de que o encontro com a diferença de outros contextos enriqueceu o trabalho que efectuamos em cada um dos países, e contribuiu para a luta global contra a estigmatização associada ao VIH e SIDA.



Colaboração Norte-Sul em tempo de SIDA

O Desafio do Estigma

POR JAPHET NDHLOVU, CONSELHO DAS IGREJAS NA ZÂMBIA, JAN BJARNE SØDAL, CONSELHO CRISTÃO DA NORUEGA, BIRTHE JUEL-CHRISTENSEN, DANCHURCH AID, DINAMARCA E ELIAS MASSICAME, CONSELHO CRISTÃO DE MOÇAMBIQUE.

Um dos maiores entraves à prevenção da transmissão e tratamento eficaz do VIH e da SIDA, é a estigmatização e a discriminação que as pessoas portadoras do VIH ou da SIDA enfrentam, bem como as suas famílias e aqueles que sobrevivem. Em lugar de o combater, as religiões tendem a reforçar esse estigma. Tem havido muitos apelos para uma resposta global aos desafios que as epidemias representam. A presente iniciativa nasceu do desejo de dar resposta a esses apelos e, em especial, para apoiar a luta contra o estigma, promover congregações mais abrangentes e reforçar a solidariedade no eixo Norte-Sul. O objectivo seria explorar as oportunidades e as diferentes visões, que resultam de um diálogo teológico conjunto entre o Norte e o Sul sobre a SIDA. – um diálogo em que especialmente as pessoas afectadas pelo VIH e SIDA foram convidadas a participar activamente.

Em 2001, o Conselho Mundial de Igrejas organizou uma consulta em Nairobi sobre a resposta ecuménica ao desafio do VIH/SIDA na África. 'Para as Igrejas', afirmava-se no preâmbulo ao Plano de Acção desta reunião, 'o contributo maior que podemos dar no combate à transmissão do VIH é a erradicação do estigma e discriminação.'

O nosso processo de diálogo e cooperação foi uma resposta directa a esse apelo. Pensou-se que as novas perspectivas proporcionadas por este diálogo ajudariam a identificar algumas das raízes teológicas e eclesiais do estigma da SIDA. Uma parte adicional da tarefa, e relacionada com esta, era produzir material que pudesse ser útil para as comunidades locais, especialmente para os responsáveis pelo ensino, pregação, culto e outro trabalho congregacional.

A Nordic-FOCCISA Church Cooperation é o resultado de uma relação de colaboração entre a Irmandade dos Conselhos Cristãos do Sul de África e os cinco conselhos de

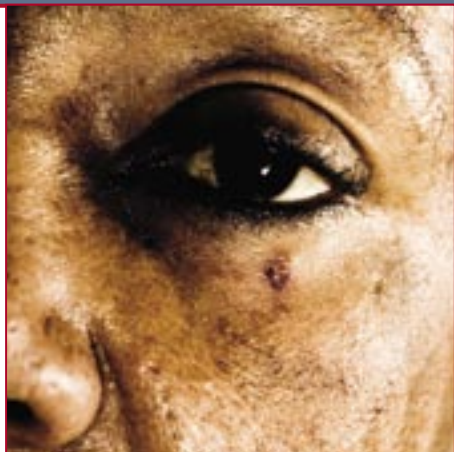
igrejas dos cinco países do norte da Europa. Formada por dezesseis conselhos nacionais de igrejas, esta "cooperação" nasceu em 1992 assente num desejo de encontrar novos caminhos para a luta contra o apartheid na África do Sul. Em 2003, ao enfrentarem o desafio do VIH e da SIDA nas respectivas regiões, os dezesseis secretários-gerais acordaram em iniciar um processo conjunto de reflexão teológica sobre a realidade do estigma e da discriminação relacionada com o VIH/SIDA. Os conselhos nacionais de igrejas da Zâmbia, Moçambique e Noruega, em conjunto com a DanChurchAid, da Dinamarca, foram designados para avançar com o processo em nome de todo o grupo. Foi nomeado um grupo principal que, regularmente, se tem reunido e trocado correspondência e que é responsável pelo presente documento.

Unidade em Cristo

Este documento consiste numa colecção de textos de reflexões destinados a abordar algumas das questões teológicas que foram levantadas ao longo do processo. Está a ser elaborado um segundo volume em Inglês, dedicado aos recursos para oração, liturgia, culto e estudo da bíblia, combinado com testemunhos pessoais de pessoas afectadas pelo VIH e SIDA em ambas as regiões, Norte e Sul.

Demos a este livreto o título 'Um só corpo', pois somos todos um em Cristo. Como seres humanos individuais, somos um corpo feito de carne e sangue. Cristo o Salvador, Cristo o Reconciliador levanta-nos e dá-nos vida nova, tanto como indivíduos como em comunidade. Por mais frágeis e doentes que sejamos, por mais confusas e difíceis que as nossas vidas reais sejam, somos um todo aos olhos de Deus, criados à Sua imagem e com uma vida nova em Cristo e através do Espírito Santo. O mesmo se aplica à comunidade da Igreja.

Que não haja 'dissensão no corpo' é a injunção de S. Paulo. E no Evangelho segundo S. João, Jesus vai ainda mais longe quando pede ao Pai 'que sejam todos um. Tal como tu, ó Pai, és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um entre



nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste.’

Deus reflecte-se na unidade do corpo, que, por sua vez, é a imagem da nossa unidade com Deus. Deste modo, a nossa imagem de Deus, a nossa compreensão de quem somos como Igreja e a nossa perspectiva da sexualidade humana estão todas intimamente associadas. É esta unidade que celebramos quando nos reunimos em comunidade.

É nas nossas liturgias, no nosso culto e na mensagem que recebemos nos nossos sermões que “Um Só Corpo” é celebrado e reflectido. Mas é aqui também, infelizmente, que as divisões são criadas e mantidas, que as atitudes de estigmatização são alimentadas e que Deus é retratado como um criador vingativo. Como cristãos que se identificam com o trabalho de unidade de Deus, devíamos ser especialmente sensíveis a estas forças de divisão. Onde estas tomam a forma de estigmatização e rejeição, devíamos concentrar nos com especial atenção na interdependência cada vez mais intensa do corpo de Cristo.

O Espelho da Injustiça

O vírus da imunodeficiência humana – VIH – constitui um dos maiores desafios que o mundo enfrenta actualmente, ameaçando a família humana global ao destruir as vidas dos indivíduos, das famílias, das sociedades e das nações. Para aqueles que vivem com VIH ou SIDA, a estigmatização é a principal razão de terem relutância em revelar a sua situação ou em dirigirem-se voluntariamente para aconselhamento, exames, cuidados de saúde ou medicação para prevenir a transmissão do vírus a um futuro filho.

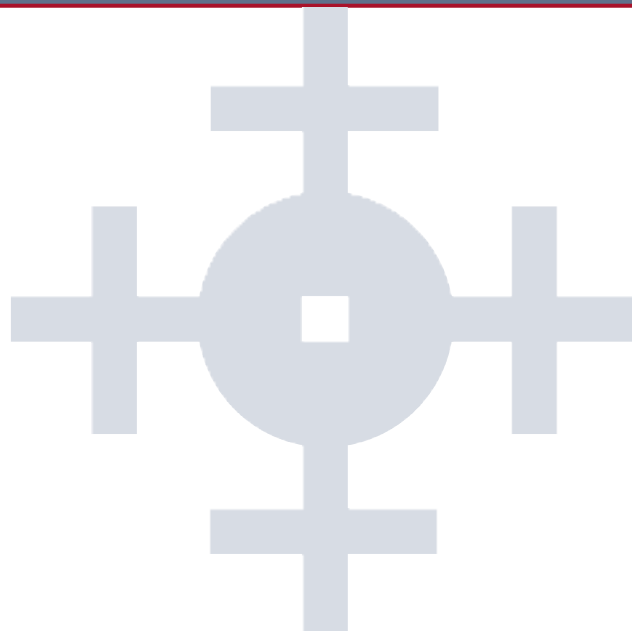
O VIH e a SIDA têm afectado vidas humanas de uma forma complexa e intensa. Pondo de parte as questões biomédicas, a SIDA tornou-se um espelho que reflecte as injustiças e as desigualdades, a estigmatização e os preconceitos que já existem na sociedade. Nas regiões mais drasticamente afectadas, constitui um fenómeno cultural que está a desestabilizar o mundo e a desafiar as instituições sociais a todos os níveis. Por conseguinte, a reflexão sobre o VIH e

a SIDA é também uma questão de reconhecimento de realidades culturais, políticas e económicas muito enraizadas. O discurso internacional em torno da SIDA é principalmente conduzido pelos média e pelas influências financeiras provenientes do Norte global. O tratamento médico é um exemplo. As lutas amplamente divulgadas por patentes, por direitos de propriedade intelectual e pelo acesso ao tratamento antiretroviral têm ocupado as manchetes dos média e encorajado também novas linhas de pensamento e diferentes estratégias de investigação e de tratamento. Ao chamar a atenção para a distribuição de medicamentos e recursos, para a estrutura do sistema de saúde, para o acesso à investigação e para a prioridade que é negada aos paradigmas locais de tratamento, a SIDA tem levantado questões de fundo sobre a ordem mundial global.

Citando o padre ugandês, Gideon Byamugisha, ele próprio com SIDA, “é já do conhecimento geral que, em relação ao VIH e à SIDA, não é a condição em si que é mais dolorosa, mas sim o estigma e a possibilidade de rejeição e de discriminação, de incompreensão e de falta de confiança com que as pessoas portadoras do VIH têm de conviver”.

Para os africanos, a questão racial também tem sido fulcral. A imagem da África como “o berço da SIDA” proporciona um grande motor de discriminação e de ostracismo e é também a confirmação de uma mitologia racista. Receia-se que atitudes racistas sejam exacerbadas pelos dados estatísticos amplamente divulgados que estabelecem relações entre os descendentes africanos e uma prevalência elevada do VIH. Por isso, as repercussões do estigma relacionado com a SIDA vão muito para além do indivíduo, da família ou da comunidade local, matizando todo o diálogo global sobre o VIH e a SIDA.

A estigmatização é como um vírus agarrado a outro vírus que, já de si, é mortal. A luta contra a estigmatização salva vidas, alivia o sofrimento e aumenta consideravelmente a qualidade de vida mesmo em situações em que não se dispõe da medicação adequada.



Igreja fracturada, mundo fracturado

Particularmente em círculos Cristãos, a infecção pelo VIH e a SIDA têm constituído motivo de exclusão social, discriminação e estigmatização. Muitos crentes consideraram - e consideram ainda - a SIDA como um indicador de depravação moral e de pecado. Quando os pais são portadores de VIH ou morreram em consequência do vírus, as crianças são excluídas das escolas religiosas, as famílias são marginalizadas pelas congregações. A SIDA tem sido usada como desculpa para pregar sobre a moralidade e sobre uma conduta de vida correcta e, ao mesmo tempo, tem servido para aumentar a própria presunção da chamada maioria "moral". É evidente que, entretanto, os hospitais das missões ligadas a igrejas e os programas escolares de saúde

comunitária dedicavam-se com frequência, de forma paciente e discreta, a tratar e a apoiar as pessoas infectadas com o VIH na sua luta por um tratamento adequado e por uma dignidade humana básica. Porém, não é surpreendente que tantos optem pelo silêncio e pela negação em vez de se arriscarem a sofrer a onda de estigmatização social e de rejeição, que já viram outros serem forçados a suportar. À luz do sofrimento causado e da catástrofe social que se desenrola perante os nossos olhos, podemos apenas questionar qual será "o verdadeiro pecado".

A noção de estigma

Estigmatização significa rotularmos alguém como não merecendo fazer parte da comunidade. O que frequentemente leva à discriminação e ao ostracismo. No entanto, este "rótulo" não precisa de ser expresso abertamente. As formas mais subtis de estigmatização podem ser tão expressivas como as explícitas como, por exemplo, atitudes, campanhas de boatos, evasão ao contacto físico ou ao olhar, ou exclusão aparentemente accidental de um grupo. As pessoas que são alvo deste tipo de atitudes irão inevitavelmente interiorizar essas mensagens de estigmatização e sentir a vergonha e a culpa associadas à auto estigmatização.

É, portanto, evidente que existem muitas razões para se querer ocultar um estado de seropositividade ou para se evitar fazer um teste que o possa confirmar. Em algumas comunidades, porém, o número de pessoas infectadas pode ser tão elevado que não existe forma de o esconder. Noutras, existe um conhecimento não oficial em que a situação é conhecida e tacitamente reconhecida a um determinado nível, mas mantém-se a aparência de que não existe. Apesar de tudo, mesmo se as pessoas forem mais abertas acerca do seu estado, isso não significa que a estigmatização vá desaparecer. Os motivos para a estigmatização são vários, dependem da cultura e nem sempre são fáceis de identificar. E nenhum estranho consegue avaliar se ela existe ou não: no fim, apenas as pessoas infectadas e as directamente afectadas pelo vírus podem dizer se a estigmatização ainda é um problema ou não.

A compaixão de Jesus

A Igreja é chamado para ser diferente. Quais as reflexões que a fé Cristã nos oferece quando tentamos abordar a estigmatização e a exclusão associadas à SIDA?

Alguns textos do Novo Testamento são especialmente úteis na procura de uma resposta Cristã verdadeiramente holística para combater o silêncio, a vergonha e o estigma associado à infecção pelo VIH e à SIDA. Na Palestina do século primeiro, por exemplo, a lepra era considerada uma doença particularmente horrível e era estigmatizada de forma ímpar.

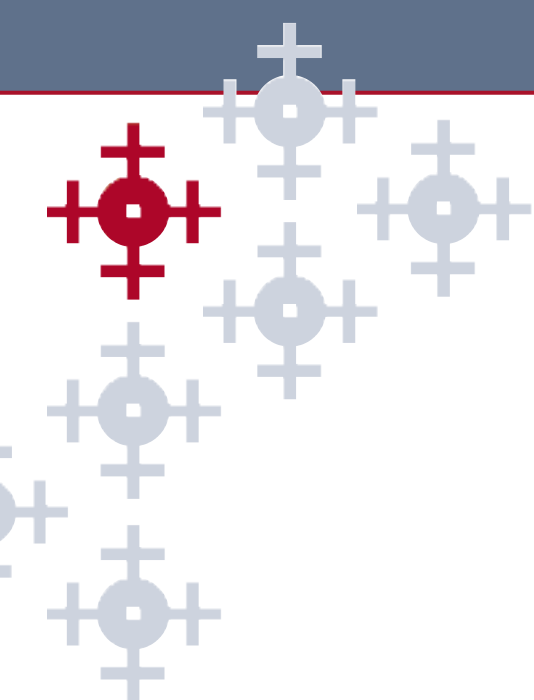
Quando Jesus encontrou o leproso no caminho da Galileia, ele preferiu estender a mão e tocar o leproso enquanto o curava. Com esse gesto, desafiou os costumes sociais e ignorou os tabus associados à lepra. Em resumo, Jesus escolheu pôr em risco tanto a saúde como a aceitação social. Por que agiu desta forma inaceitável em termos médicos e sociais?

A cura do leproso não foi um incidente isolado. Muito pelo contrário, a compaixão caracterizou toda a vida de Jesus e todo o seu ministério. Respondia sempre com compaixão ao deparar-se com a ignorância, a fome, a doença e até a morte. Era a compaixão que o prendia, quando via os doentes e os cegos por entre as multidões e a dor daqueles que haviam perdido os seus entes queridos. Mas a compaixão de Jesus não se limitava ao nível da emoção. Pelo contrário, a sua compaixão traduzia-se num ministério prático. Através da compaixão, ressuscitou os mortos, ensinou as multidões e curou os doentes.

Ao pregar aos necessitados, Jesus Cristo não receava o contacto físico. Pegou na mão de doentes e possuídos pelo demónio. Os seus dedos tocaram olhos cegos, ouvidos surdos e bocas mudas. Mais surpreendentemente ainda, Jesus tocou em leprosos - os marginalizados do seu tempo. E, com isso, demonstrou a grandeza da sua compaixão.

A compaixão de Jesus não conheceu limites, abrangeu tanto os seus amigos como os seus inimigos. De acordo com o Novo Testamento, Jesus não é apenas um exemplo grandioso de compaixão humana. Sobretudo, Ele personifica o coração piedoso do Deus da Bíblia. A compaixão divina conduz à acção





divina, visível sobretudo em Jesus Cristo. É através deste espelho que devemos olhar para as nossas igrejas - que são o Corpo de Cristo - e para a forma como elas respondem à realidade da infecção pelo VIH e SIDA

Diversidade Reconciliada

Durante o processo em que foi produzido este livreto a tarefa principal tem sido identificar algumas das raízes teológicas e eclesiais relativas à estigmatização e à discriminação vividas, no seio das igrejas, por pessoas infectadas pelo VIH e pela SIDA, ou pelas suas famílias ou sobreviventes. Ao fazer estas reflexões, esperamos contribuir para apoiar o desenvolvimento de comunidades verdadeiras e completamente abrangentes, permeadas pelo amor de Deus.

Pelo que já foi dito, torna-se evidente que esta não é uma tarefa simples. Na Namíbia, em 2003, a UNAIDS organizou um workshop sobre o tema do estigma dirigida a destacados teólogos dos cinco continentes. “A teologia Cristã”, segundo afirmava a declaração conjunta após este workshop, “tem funcionado, por vezes intencionalmente, de tal modo que reforça o estigma e aumenta a probabilidade de discriminação”. Esta situação, afirmaram os teólogos no workshop, precisa de ser tratada ao nível do que os Cristãos acreditam, do que o clérigo prega, do que cantam e como rezam, e do que é ensinado nos seminários.

Os nossos contextos na Zâmbia, Moçambique, Dinamarca e Noruega são extremamente diferentes. Todavia, na análise efectuada, concluímos que a reflexão teológica sobre o estigma relacionado com o VIH e com a SIDA levantou questões importantes em relação a três assuntos principais:

1. as nossas imagens de Deus,
2. o nosso conceito de Igreja,
3. toda a questão da sexualidade humana.

Por exemplo, se pensarmos na infecção provocada pelo VIH como um castigo de um Deus vingativo e irado, como se concilia essa imagem com o Deus das nossas escrituras ou com o Deus que encontramos na igreja? Quando as pes-

soas infectadas com VIH e SIDA se sentem estigmatizadas e excluídas das suas próprias congregações, o que é que isso diz sobre o nosso entendimento da igreja em que acreditamos? Quando se diz que a relação entre a infecção pelo VIH e o sexo é uma das razões para as pessoas com VIH e com SIDA serem estigmatizadas, será que essa ideia reflecte uma visão Cristã da sexualidade humana, ou não?

No entanto, o processo não tem sido simples. A diversidade de contextos deu origem - talvez sem surpresa - a uma grande variedade de contributos em que alguns se contradiziam directamente. Mas esta é a realidade da situação actual da Igreja. Esperamos que este facto constitua um estímulo para um diálogo genuíno. Seria uma experiência interessante ter um grupo a ler em conjunto alguns artigos sobre um dos três temas principais, bem como algumas das citações, e acompanhar esse grupo partilhando pensamentos e reflexões baseados na situação da vida real dos participantes.

Não pretendemos conseguir, neste tipo de trabalho, abordar os três temas com a profundidade e a complexidade teológica que cada um deles merece. E não nos desculpamos por isso. Cabe ao leitor levá-lo por diante.

Esperamos que este livreto possa:

- gerar novas reflexões e trabalhos sobre VIH e SIDA;
- proporcionar ferramentas úteis para grupos de estudo, liturgias, estudos da Bíblia e outras actividades;
- gerar processos e avaliações similares sobre outras questões que dêem origem a estigmatização; e
- encorajar projectos regionais e multinacionais que reflectam sobre as questões e produzam mais materiais.

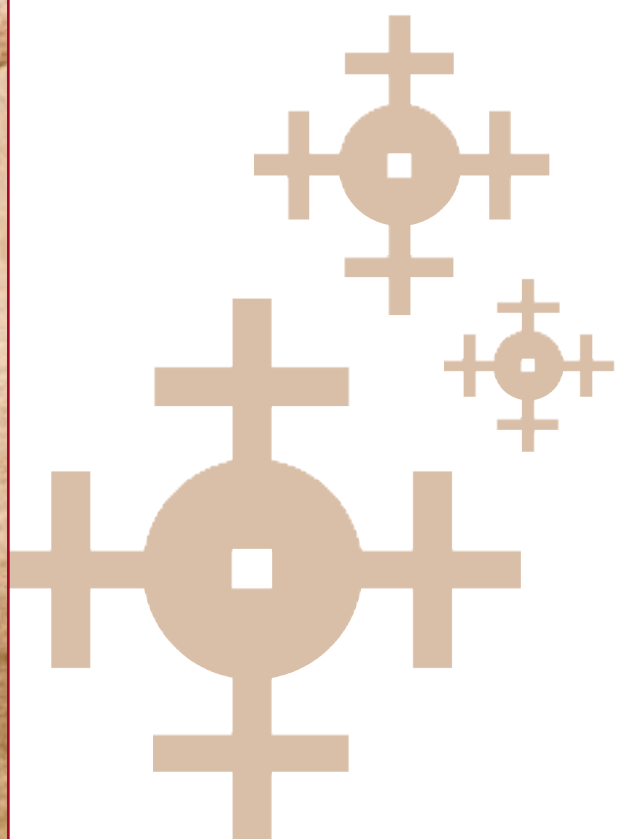
Espero que “Um Só Corpo” reflecta uma diversidade reconciliada que tome em conta completamente a nossa humanidade e a nossa irmandade ecuménica. Vindos do Sul e do Norte, de Leste e de Oeste, e de muitas Igrejas. Somos leigos e ordenados, homens e mulheres, tanto seropositivos e seronegativos para o VIH. Em conjunto, somos chamados a viver em reconciliação como um sinal do amor de Deus neste mundo. Na verdade, somos Um Corpo.



A maior contribuição que as Igrejas podem dar para combater a transmissão do VIH é a erradicação do estigma e da discriminação. As Igrejas dedicaram-se, num primeiro passo, ao VIH/SIDA, e muitas têm programas de tratamento, educação e aconselhamento excelentes. Mas o desafio colocado às Igrejas é sentido a um nível mais profundo. À medida que a pandemia avançou, foram reveladas falhas que vão até ao cerne da nossa teologia, da nossa ética, da nossa liturgia e da nossa prática religiosa. Actualmente, as Igrejas são obrigadas a reconhecer que – mesmo involuntariamente – contribuíram, de forma tanto activa como passiva, para o alastramento do vírus. A nossa dificuldade em abordarmos assuntos relativos ao sexo e sexualidade dificultou muitas vezes a tarefa de nos dedicarmos, de forma honesta e realista, a assuntos de educação sexual e prevenção do VIH.

A nossa tendência para excluir os outros, a nossa interpretação das escrituras e a nossa teologia do pecado promoveram, no seu conjunto, a estigmatização, a exclusão e o sofrimentos das pessoas portadoras do VIH e da SIDA. Esta situação prejudicou a eficácia dos programas de educação, de prevenção e de tratamento da doença e infligiu um sofrimento acrescido aos que já estão afectados pelo VIH. Dada a urgência extrema da situação e a convicção de que as Igrejas têm um papel distinto a desempenhar na resposta à pandemia, é necessário repensarmos a nossa missão, e transformarmos as nossas estruturas e as nossas formas de trabalhar.

CONSELHO MUNDIAL DAS IGREJAS, PLANO DE ACÇÃO, NAIROBI 2001





Sexualidade, VIH/SIDA e Estigma

Sexualidade Humana



DOCUMENTO CONCEITUAL PELO GRUPO PRINCIPAL NORDIC-FOCCISA, LUSAKA, 2004

As nossas Igrejas causaram, muitas vezes sem o quererem, estigma e discriminação através do seu silêncio sobre a sexualidade, ou pelas abordagens teológicas negativas que pregaram. O pecado sexual foi mais estigmatizado que todos os outros pecados. E, no entanto, a fé bíblica compreende o pecado de forma relacional, a saber como a ruptura da nossa relação essencial com Deus, uns com os outros e com o resto da criação em todas as áreas das nossas vidas diárias. Jesus demonstrou-nos que a resposta cristã ao pecado, mesmo o pecado de adultério, não era a justiça imediata mas o perdão. A Igreja teve um papel condenador em relação ao pecado sexual e é por esta razão que os cristãos tiveram tanta dificuldade em falar disso.

Em contextos culturais diferentes, a associação entre sexo e pecado foi reforçada por tabus diferentes relacionados com a sexualidade. Tem sido difícil debater estes assuntos abertamente mesmo na Igreja, e isto não foi posto em causa pela Igreja. Por outro lado, a Igreja recusou-se a ver a realidade associada ao comportamento sexual. Comportamo-nos como se o sexo não existisse e, no entanto, sabemos que acontece todos os dias entre os membros da Igreja. A estigmatização das pessoas com VIH e SIDA surgiu desta associação errada, feita geralmente no pensamento cristão, entre sexualidade e pecado. Como resultado, muitas pessoas sentiram-se abandonadas e afastaram-se da Igreja. A condenação e falta de abertura prejudicaram a prevenção e tratamento do VIH/SIDA.

Sexualidade humana como dádiva de Deus

Fomos criados à imagem de Deus e a sexualidade faz parte da criação da natureza humana. Deus criou-nos como seres humanos sexuados em toda a nossa diversidade, e a sexualidade deve ser celebrada, usufruída e tratada com responsabilidade. A Igreja precisa, deste modo, de falar de forma positiva sobre a sexualidade e de enfatizar os seus aspectos positivos básicos. As pessoas afectadas pelo VIH/SIDA são também seres humanos que precisam de ser abraçadas.

Ao abordar aspectos da sexualidade, o desafio que se põe à Igreja é responder com compaixão e carinho às pessoas infectadas pelo VIH, ultrapassando os limites do medo e preconceito, com a atitude de Jesus, estendendo a mão e tocando aqueles que precisam. Com um toque simples mas profundo, Jesus quebra barreiras, desafia os costumes e leis que afastam, e personifica as suas convicções sobre o significado abran-

gente do reino de Deus. Isto significa acção, talvez iniciando um grupo de apoio na paróquia ou apoiando os que o fazem.

Ética da sexualidade

Deus criou-nos uns para os outros e para si Mesmo. Os nossos corpos são o tempo do Senhor e o abuso destes corpos é, deste modo, uma ofensa tanto contra Deus como contra a criação de Deus. Deus criou-nos para usufruirmos das relações sexuais e, tal como acontece com qualquer dádiva preciosa, há valores associados à sexualidade, tais como respeito, responsabilidade, bondade, perdão, amor e igualdade.

Ao discutir a sexualidade, há aspectos a abordar pela Igreja, tais como exploração, abuso, opressão, desrespeito e violência sexual. Ao honrarmo-nos uns aos outros como seres sexuados, estamos a honrar a própria vida. A Igreja tem de reconhecer que muitas pessoas são obrigadas ou optam por afastar-se de qualquer relação sexual, por vezes em resultado do estigma associado à sexualidade. A Igreja deve, por este motivo, ter um papel pró activo no tratamento destes assuntos.

Os indivíduos devem ser responsáveis pela sua sexualidade, o que inclui responsabilidade por se protegerem. A Igreja tem de reconhecer que o sexo acontece na comunidade cristã e que as pessoas têm de se proteger. As estratégias simplistas de prevenção têm de ser postas em causa. A Igreja deve também incentivar a comunicação e abertura entre os casais nas relações sexuais.

Desafios para a Igreja

A Igreja deveria:

- Fornecer educação sexual;
- Falar abertamente sobre sexualidade a partir do púlpito;
- Fornecer aconselhamento sexual às pessoas - dando um realce especial à juventude;
- Fornecer capacidades vitais que incentivassem a capacidade de defender as próprias opiniões;
- Ouvir as experiências das pessoas;
- Incluir o tópico de VIH/SIDA na formação teológica;
- Incentivar a formação de grupos de apoio aos infectados;
- Criar grupos de apoio e de solidariedade para as pessoas seropositivas para o VIH e para as seronegativas para o VIH;
- Incluir o VIH/SIDA na sua liturgia;
- Resolver o problema da igualdade entre sexos;

Somos de opinião que estas sugestões contribuirão para a redução do estigma relacionado com a sexualidade e o VIH.



MOÇAMBIQUE

A Igreja e o seu papel na educação sexual

POR ELIAS ZACARIAS MASSICAME

O VIH/SIDA continua a ser um tema delicado para ser discutido na Igreja, dado o seu carácter sexual. Em Moçambique, as dificuldades que a Igreja enfrenta têm muito a ver com a forma como está estruturada, bem como com factores culturais africanos no que respeita ao VIH/SIDA.

É difícil falar sobre VIH/SIDA, uma vez que certos grupos vêem o assunto como uma 'desgraça e castigo aos pecadores'. Há muitas razões subjacentes a isto, uma das quais que, no processo de socialização e no contexto religioso, os africanos vêem o sexo como não pertencendo ao domínio de Deus. Por esse motivo, o silêncio tornou-se uma solução natural para os temas relativos ao sexo.

Mas uma forma autêntica de procurar soluções na luta contra o VIH/SIDA exige que se coloque a sexualidade no seu justo lugar e que esta seja vista como um factor associado à humanidade e à própria sociedade. Deve ser tratada com cuidado, como uma coisa boa e delicada associada à procriação e à santidade da continuação da espécie humana.

Os seres humanos são criados à imagem e semelhança de Deus, e os seus corpos são um templo de Deus. Têm, assim, uma obrigação de respeitar a realidade.

Nesta era da tecnologia e das autoestradas da informação, é urgente a necessidade de desmistificar o VIH/SIDA, para fornecer informações sexuais correctas aos jovens e reprimir o desejo de sexo livre, que se encontra difundido nos média. O desejo de liberdade e emancipação a qualquer custo dos jovens levou, muitas vezes, à anarquia e a uma ruptura dos laços familiares. Quando o livre acesso à informação

não é acompanhado de formação e educação adequadas, não ajuda os jovens a desenvolverem padrões de vida, valores e formas de enfrentar a realidade desejáveis.

Quebrando o silêncio

Isto coloca um desafio à Igreja. No entanto, é importante observar que a Igreja sem uma crise é uma Igreja sem história. Existem sempre problemas e estes têm de ser vistos como oportunidades de chegar a novas abordagens no sentido de encontrar soluções. O que a Igreja precisa de fazer hoje é de interpretar, com uma linguagem adequada, o que está subjacente ao VIH/SIDA, mas fazê-lo sem distorcer o teor das realidades científicas.

O desafio é, à luz do Evangelho, encontrar os exemplos actuais que possam ser usados, de acordo com as nossas realidades culturais, para ultrapassar a barreira e quebrar o silêncio sobre a sexualidade humana. O Evangelho tem de ser visto como uma força impulsionadora para consciencializar e educar as pessoas sobre a pandemia do VIH/SIDA.

Com os chamados 'ideais de liberdade' actuais, os pais perderam o seu poder de exercerem autoridade sobre os filhos. O sua linha de autoridade foi distorcida, dado que os pais foram destituídos do seu papel parental. Esta situação é cimentada pelos média, que fornecem à nova geração imagens que aguçam o seu apetite por práticas sexuais irresponsáveis e prematuras. A fragilidade do sector da educação não permite que os jovens tenham uma alma robusta num corpo robusto. Como resultado, os jovens crescem com alicerces morais frágeis e não são educados para serem adultos com respeito pela sexualidade na sua santidade. O



Rev. Dinis Matsolo, Secretário-Geral do Conselho Cristão de Moçambique diz que:

“Não esqueçamos que em muitas culturas, a responsabilidade pela educação sexual cabia aos tios e tias paternos, e era, deste modo, tabu que os pais discutissem sobre sexo com os filhos. Mas as alterações estruturais na sociedade, incluindo a urbanização, criaram outra realidade e na era do VIH/SIDA este tipo de educação sexual deixou de ser prática.”

A educação sexual deve, assim, ser vista como um instrumento essencial para evitar o alastramento do VIH/SIDA no continente africano, onde mais de 85% das infecções pelo VIH decorrem do contacto sexual. Devem ser desenvolvidos exercícios ou actividades dirigidos a grupos sexualmente activos, tais como jovens.

Este tipo de educação deve incluir informações sobre sexo e saúde reprodutiva masculina, para que as pessoas saibam que, para além de evitar gravidezes indesejadas, o sexo prematuro tem outras consequências negativas. Temos todos de agir de forma responsável para evitar e conter o alastramento das doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o VIH/SIDA.

A atitude bíblica

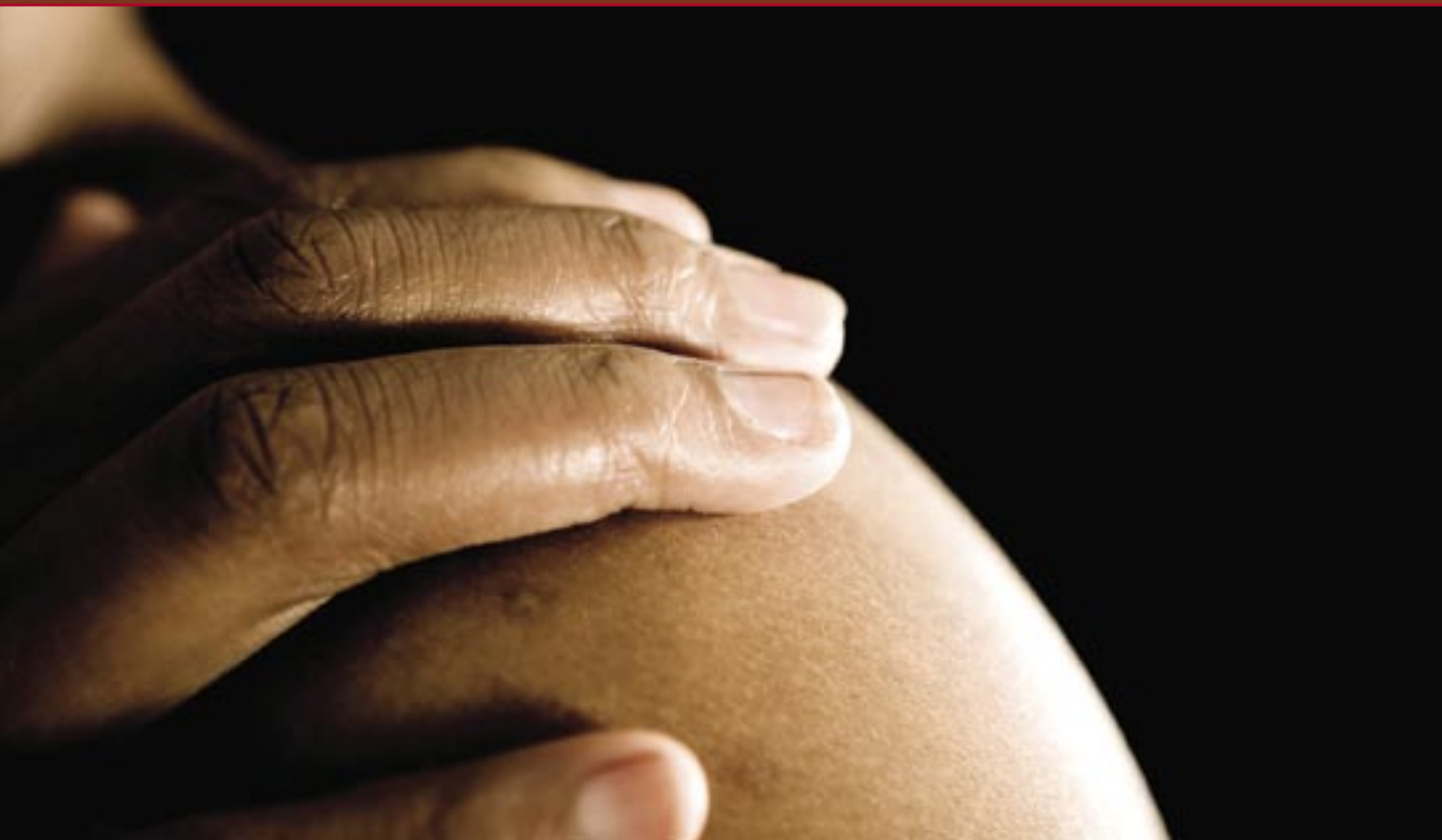
A Bíblia tem uma atitude positiva em relação ao sexo como parte da criação de Deus. Aborda o sexo de forma honesta e aberta, dizendo, ao mesmo tempo, que o sexo deve ser desfrutado apenas dentro da instituição do casamento (Génesis 4:1; Provérbios 5:15-20).

Dinis Matsolo sustentou: “A realidade do VIH/SIDA desafia a

humanidade a alterar a sua atitude em relação à sexualidade. Os homens e mulheres são convocados, em primeiro lugar, a optarem pela abstinência antes do casamento, e pela fidelidade conjugal, depois de casados. Os ensinamentos da Bíblia referem que é esta a forma correcta de viver e abordar a sexualidade humana. Mas estes ensinamentos estão a ser mal interpretados. Estamos a assistir a um uso excessivo de sexo na sociedade e esta é a realidade que temos que enfrentar. E, tal como sabemos, mudar de atitude não é sempre fácil, é um processo. Tal significa que na prevenção temos não só de nos concentrar na mudança de comportamento como temos de abordar a formação comportamental de forma séria. Como diz o provérbio inglês, “Burro velho não aprende línguas.”

O teólogo do Malavi, Rev. Dr. Augustine Musopole sugere que, para que a Igreja promova mudanças de comportamento relativamente ao sexo e sexualidade, tem de lidar com a sua ambivalência: “Precisamos de uma teologia clara das nossas normas sociais relativas ao desenvolvimento e comportamento sexuais, que inclua uma teologia do corpo, da sexualidade, do prazer sexual, e das práticas rituais sexuais no contexto da interrelação humana no universo”, afirma.

Dado que o VIH na África Austral é sobretudo transmitido por relações sexuais, tanto a Igreja como a sociedade são convocadas urgentemente a começarem a observar as atitudes e comportamentos humanos relativos ao sexo, para quebrarem o silêncio. São necessárias reflexões teológicas, campanhas de consciencialização e debates, entre outras actividades. A chamada ‘teologia clara do VIH/SIDA’ pode ser possível se as Igrejas e as comunidades cristãs promoverem e defenderem uma educação sexual que integre os temas do VIH/SIDA.



Reflexões Teológicas e Práticas sobre Sexualidade,
Igualdade entre Sexos e VIH/SIDA

ZÂMBIA

Pecados patriarcais

POR JAPHET NDHLOVU

Tal como o mundo bíblico, as igrejas e as sociedades africanas continuam a ser ainda muito patriarcais. Como muitas outras sociedades na África Austral, a sociedade zambiana continua a marginalizar as mulheres, retirando-lhes o acesso à propriedade e tomada de decisões. Muitas mulheres casadas ou numa relação receiam insistir em sexo seguro, com medo de que os seus maridos/companheiros que as sustentam as deixem, privando-as de abrigo ou alimentos. Além disso, a violência masculina aumentou tanto na era do VIH/SIDA que muitas raparigas, mulheres e idosas são violadas quer em suas casas como em locais públicos. Em tais condições, a fórmula de 'ser fiel' torna-se impraticável para muitas mulheres casadas e solteiras. A fórmula de 'abstenção' é vencida pelas formas sociais subjacentes de distribuição desigual do poder.

Os estudos sobre VIH/SIDA revelam que um dos principais factores no alastramento do VIH/SIDA é a impotência das mulheres, especialmente a sua incapacidade de tomarem decisões sobre as suas vidas devido à falta de poderes de propriedade material e tomada de decisões. Na realidade, as Igrejas na Zâmbia são muitas vezes as guardiãs do poder patriarcal e outras relações de desigualdade. Enquanto os homens e mulheres forem definidos como desiguais, o controlo do VIH/SIDA continuará a ser um desafio. Isto convoca a Igreja e os seus líderes a deixarem de baptizar as relações patriarcais e lutarem

para propor uma teologia que afirme que quer os homens quer as mulheres são feitos à imagem de Deus e são iguais perante Ele (Gen. 1:27). Jesus já há muito que criou precedentes, negligenciando o poder patriarcal e fazendo apelo a uma Igreja que reconheça a igualdade dos homens e mulheres.

Compreensão nova e abrangente

Nunca é demais realçar que o VIH/SIDA é um aspecto de desenvolvimento.

O comportamento sexual na Zâmbia, incluindo no seio do matrimónio, é muito influenciado pelas normas socio culturais-religiosas. Por exemplo, uma mulher aprende a nunca recusar sexo ao marido, mesmo que saiba que este tem relações sexuais extraconjugais ou suspeite que este esteja infectado pelo VIH ou outras doenças sexualmente transmissíveis. A poligamia foi também vista como um factor para a vulnerabilidade das mulheres ao VIH. O sexo fora da união conjugal por parte dos maridos é tolerado pela sociedade e não parece ter qualquer "impacto" num casamento; mas o sexo fora da união conjugal pela mulher é um crime sem perdão. Este cenário é também aceite, pela maioria das Igrejas, por normal.

O que é conhecido como "sexo a troco de favores" é praticado em toda a Zâmbia dentro e fora do casamento. Algumas mulheres casadas são obrigadas, como mecanismo ou estratégia de resolução de problemas, quando as condições

Há necessidade de uma liderança leal e perseverante que possa ajudar a contribuir para atitudes não moralistas. As Igrejas têm de ser locais de abertura, onde as pessoas cujas vidas foram afectadas pela SIDA possam exprimir a sua dor e encontrar compaixão e consolo. A congregação não representa na íntegra o corpo de Cristo, enquanto as pessoas com VIH ou SIDA forem excluídas e afastadas. Uma Igreja que cura deveria derrubar barreiras.

JAPHET NDHLOVU

sócio-económicas são difíceis, a fazerem sexo com outros homens a troco de dinheiro ou prendas. As viúvas são purgadas das “forças más” que se presume terem causado a morte do cônjuge e, assim, uma viúva (ou viúvo) é “purificado” através do acto de relações sexuais com um parente do falecido. A crença de que ter sexo com uma rapariga virgem pode curar os homens infectados com VIH aumentou também a vulnerabilidade das raparigas jovens e aumentou os casos de incesto. Estas práticas aumentam os riscos de contrair VIH tanto pelas mulheres como pelos homens, mas colocam as mulheres numa posição muito mais complicada e tornam-nas mais vulneráveis ao VIH, dado que não podem controlar os próprios corpos.

Há um cruzamento interessante entre a fé cristã, o casamento, a igualdade entre os sexos e o VIH/SIDA. Os papéis e relações dos géneros no casamento têm uma influência considerável no decurso e impacto da epidemia do VIH/SIDA. A definição de papéis dos géneros afecta a vulnerabilidade das mulheres e dos homens à transmissão do VIH e medeia o impacto nas mulheres e casamentos. Deste modo, se a Igreja pretender participar e contribuir para a prevenção do alastramento do VIH, o aspecto da justiça dos géneros na Igreja tem de ser levado a sério.

A mensagem às Igrejas articulada pelas mulheres teólogas na Zâmbia é que a justiça dos géneros não recebeu a devida atenção por parte da Igreja. Apela a uma interpretação das escrituras sem preconceitos relativamente aos géneros, que informe as pessoas do amor de Deus e expectativas de todos. Por exemplo, a insistência dos pregadores na maioria das Igrejas de que as mulheres devem submeter-se aos homens é completamente desapropriada e errada. Esta interpretação não só aumenta o poder dos homens sobre as mulheres em todas as esferas da vida, incluindo as relações sexuais, como rebaixa a posição de todas as mulheres no país, relegando-as para posições subordinadas e tornando-as impotentes para tomarem as rédeas da sua sexualidade.

Para que haja esperança na protecção das famílias e criação de sociedades sólidas e saudáveis, as pessoas de fé têm de olhar para além de si mesmas. A fé em Cristo pode e dá às pessoas a força interior para aceitarem as responsabilidades sociais e políticas, encontrarem a vontade de atribuírem recursos essenciais para programas de justiça de géneros, terem bons modelos de casamentos e ultrapassarem o poder do desejo sexual que pode levar ao VIH/SIDA.

Na Epístola aos Romanos, Paulo refere o problema e a sua solução, de uma só vez:

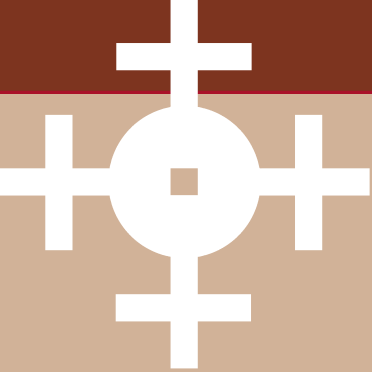
“Acho, então, esta lei em mim: que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (ROMANOS 7:21-15)

Na Epístola aos Efésios 5: 22-33 Paulo foi prudente em equilibrar o seu ensinamento, instruindo também os maridos a amarem as suas mulheres como a si próprios. Assim, a escritura devia ser entendida no contexto de que ‘amor’ e ‘submissão’ são dois lados da mesma moeda. Um não tem efeito sem o outro. Coloca o marido e a mulher em pé de igualdade.

Participação dos homens

Os homens têm um papel principal na prevenção do alastramento do VIH/SIDA, dado que tipicamente tomam a iniciativa nas relações sexuais e controlam o uso ou não uso de medidas preventivas, incluindo preservativos. Os homens desempenham um papel principal no alastramento do vírus, e, por isso, têm de ser mobilizados como parte essencial na luta para conter a epidemia.

Apenas quando forem concebidos programas que abordem directamente o comportamento sexual dos homens pode haver uma redução considerável da taxa do alastramento da pandemia na Zâmbia. O principal meio de transmissão do VIH é através de relações sexuais. Por esse motivo, há necessidade de influenciar de forma positiva os homens, como os decisores principais e poderosos na família, em especial na sociedade patriarcal zambiana. Os homens decidem geralmente com quem, onde e como farão sexo. Os homens tendem a ter mais parceiros sexuais que as mulheres e, muitas vezes, não usam preservativos de forma coerente. Porque é que os homens se comportam assim? Sobretudo porque a sociedade lhes diz que é assim que se devem comportar. Os rapazes crescem na expectativa de terem muito sexo. Muitos homens e mulheres pensam que é ‘natural’ que os homens tenham mais parceiros ou que o impulso sexual de um homem seja tão forte que não possa ser controlado. Deste modo, os rapazes crescem com a convicção de que têm o ‘direito’ de ter sexo sempre que queiram e algumas raparigas crescem com a convicção de que é seu dever satisfazerem os homens. As mulheres que pretendam proteger-se sentem, muitas vezes, que não podem abordar esse tema com o parceiro.



Deus e Sexualidade

POR JAPHET NDHLOVU

A presença e poder de Deus, que Jesus anunciou como o reino de Deus, implica transformação pessoal, social e cósmica. O facto de Deus não ter sido descrito ou definido de forma sexual foi um feito notável e distinto da religião hebraica. Contudo, as origens e desenvolvimento da sexualidade humana foram associadas através dessa tradição, da sua forma distinta, à presença e poder criativos de Deus. Num episódio do Génesis (Gen 1) quando Deus criou a humanidade, 'criou o homem e a mulher, à imagem de Deus'. No que respeita ao amor e companheirismo, à dívida da vida e co-criação, esta dívida de dualidade sexual foi concedida aos humanos como imagens de Deus.

Este tipo de amor humano, amor sexual é celebrado em si próprio como uma dívida no Cântico dos Cânticos. Noutros escritos bíblicos, é reconhecido como espelhando o amor de Deus por Israel e como sinal do amor de Cristo pela Igreja, a comunidade dos seus discípulos.

A dívida divina da sexualidade implica um chamado e uma tarefa humana. Os objectivos humanos mais abrangentes do amor e dívida de vida estão especificados de forma mais exacta na sexualidade. Estes objectivos têm de ser procurados ao longo do tempo pelo desenvolvimento e integração dos dotes sexuais de uma pessoa numa vida social, relacional e pessoal mais extensa.

A sexualidade é pura e profunda. Isto significa que tem de ser reconhecida como parte da vontade de amar de Deus. O sexo é, em primeiro lugar, ideia de Deus. Não pode ser 'impuro'. A sexualidade faz parte da criação que foi pronunciada pelo seu criador como sendo 'boa'.

É um segredo divino entre duas pessoas, concebidas deliberadamente para serem fisiologicamente e emocionalmente compatíveis. Cria um elo permanente a nível psicológico que exige uma fidelidade física correspondente. O acto é apenas parte do todo. É a cereja no bolo mais substancial de uma relação para a vida inteira. Os actos sexuais individuais são oásis numa longa jornada, que prevê a partilha também das dificuldades e "passagens do deserto".

Essas atitudes foram reforçadas pela poligamia tradicional, em que um homem podia ter mais do que uma mulher. Quando todos os parceiros respeitavam a poligamia tradicional e eram fiéis, isto dava autoridade aos homens sobre as suas mulheres, mas limitava a probabilidade de transmissão de doenças. Actualmente, a tradição que aceita a poligamia é geralmente interpretada como o direito do homem ter sexo com tantas mulheres quantas desejar. Fazem isto sem terem em conta as obrigações de fidelidade ou responsabilidade familiar. Todas as mulheres são vistas como objectos sexuais pelos homens. Além disso, os homens podem não ter receio da ruptura dos seus casamentos, em parte dado que, em muitos casos, as mulheres são economicamente dependentes deles e se o casamento terminar e o dote da noiva (lobola) for pago, os filhos pertencem à família do homem e não da mulher.

Os homens têm um poder considerável no sexo; raramente são criticados por terem várias parceiras sexuais. Geralmente espera-se que tomem a iniciativa em questões sexuais e geralmente esperam que as suas exigências sexuais sejam satisfeitas. O abuso deste poder por parte dos homens é um dos factores principais subjacentes à epidemia do VIH/SIDA. É, assim, importante que os homens sejam incentivados a identificarem e darem prioridade aos próprios aspectos na prevenção, cuidados e apoio do VIH/SIDA, e a defenderem estes assuntos. Devido à posição dos homens na sociedade na Zâmbia, será essencial criar capacidades nos homens para serem receptivos à prevenção do VIH/SIDA.

Deficiências

As estratégias de prevenção do VIH/SIDA actuais promovem geralmente a monogamia, fidelidade e uso de preservativos, conjuntamente com moralidade e religião - tais como a estratégia ABC, que significa 'Abstinência', 'Ser fiel (Be faithful)' e 'Usar Preservativos (use Condoms)'.

Dado que estas estratégias não conseguiram abordar os conceitos subjacentes de masculinidade e práticas de alto risco ou mesmo práticas sexuais violentas, revelaram-se insuficientes e mesmo prejudiciais. Devido à desigualdade entre os géneros sistemática e à impotência das mulheres, estas não conseguiram fazer cumprir estas estratégias aos seus parceiros masculinos. Geralmente, vieram aumentar o fardo actual nas vidas das mulheres, uma vez que as negociações sobre sexo seguro se tornaram responsabilidade exclusiva das mulheres. Estas estratégias de prevenção vitimizaram e continuaram a

O VIH/SIDA não é apenas um aspecto de saúde, mas também um aspecto social, económico, de desenvolvimento, de igualdade entre os sexos, e deve ser considerado de forma abrangente. É, deste modo, necessário abordar a crise do VIH/SIDA com uma análise da igualdade entre os sexos e procurar respostas relativas aos sexos para a crise. Isto exige programas abrangentes e contextualizados e uma nova linguagem, que evite a estigmatização e marginalização.

JAPHET NDHLOVU

marginalizar as mulheres infectadas. Uma estratégia eficaz abordará seriamente as questões de igualdade entre sexos.

Capacitar as mulheres é essencial para uma estratégia que seja holística. A sua exclusão das conversações estratégicas resultará numa visão parcial do desafio da pandemia. É neste contexto e com isto em mente que as deficiências das estratégias de prevenção actuais devem ser tratadas.

Houve propostas para contextualizar a estratégia ABC e alargá-la a uma estratégia "ABCDE". Em vez de se dirigir e culpar os indivíduos - especialmente as mulheres - pela crise do VIH/SIDA, o que de facto a estratégia ABC usava frequentemente está a fazer, a responsabilidade pela mudança deve ser atribuída à comunidade local. É necessário trabalhar e promover o diálogo no seio do contexto local, tomando em consideração as relações de poder existentes. Os homens têm de ser responsabilizados pelo seu comportamento sexual, e as autoridades, igrejas e instituições educacionais e sociais locais têm de ser postas em causa quando afirmam e defendem normas e práticas discriminatórias e prejudiciais.

A B C D E:

A. Defesa da igualdade entre os sexos (Advocacy for (gender) equality)

B. Atenção ao Corpo e sexualidade (Attention to Body and sexuality)

C. Trabalho em contexto com a Comunidade (Work with the Community and in Context)

D. Diálogo para o Desenvolvimento (Dialogue for Development)

E. Capacitação para partilha de poder (Empowerment for sharing of power)

É necessária uma abordagem abrangente e exaustiva, baseada na defesa da igualdade entre os sexos e que incentive os homens e as mulheres nas comunidades locais a promoverem a mudança social.

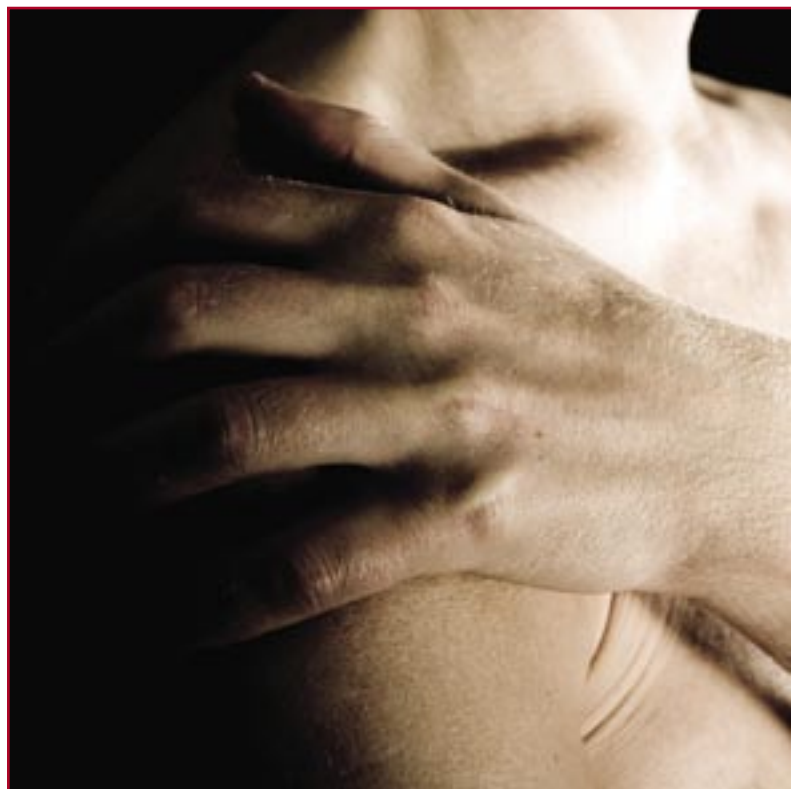
O apelo à liderança

A natureza do cruzamento de casamento, género e VIH/SIDA apela à liderança na Igreja para desafiar as normas e valores sociais que atribuem um estatuto inferior às mulheres e raparigas e aceitam a violência e abuso contra elas. A liderança é também desafiada a promover relações de poder iguais entre os homens e as mulheres. Desta forma, os homens beneficiarão do processo da mesma forma que as mulheres. Um fardo terrível é imposto aos homens devido aos papéis dos géneros, que fazem equivaler masculinidade a proezas sexuais, parceiros sexuais múltiplos, agressão física e domínio sobre as mulheres, uma tendência para comportamentos de alto risco. Se se conseguir incentivar os homens a comportarem-se de acordo com as es-

crituras e que reduzem o seu próprio risco de transmissão do VIH, eles próprios se tornarão mais fortes, deixarão de ser estigmatizados como impulsioneiros da pandemia e serão recrutados como parceiros, como co-líderes na procura da solução.

Há necessidade de reconhecer também o papel do patriarcado. O patriarcado tem raízes fortes tanto na Bíblia como na cultura. Apesar dos esforços concertados que estão a ser levados a cabo para tentar inverter as relações desiguais que existem entre homens e mulheres, tanto na Igreja como no mundo secular, o patriarcado continua a ser dominante. É largamente aceite que a Igreja e as instituições religiosas são guardiãs da cultura e do poder.

É por esta razão que os pecados patriarcais devem ser compreendidos e eliminados. Em seu lugar, a Igreja tem de invalidar essas tendências, insistindo na partilha de poder entre os homens e as mulheres. Ao fazer isto, promoverá a convicção de que o comportamento sexual responsável e respeitoso tanto para os homens como para as mulheres tem de ser uma crença essencial e uma estratégia-chave na prevenção do alastramento do VIH/SIDA.



Pensamentos, reflexões e experiências em grupos por pessoas que vivem com ou estão afectadas pelo VIH/SIDA

NORUEGA

Tabu Vulnerável

Na sociedade norueguesa e nas Igrejas norueguesas, o VIH e a SIDA tendem a ser associados na mente das pessoas a sexo ou sexualidade. Como resultado, a sexualidade tornou-se um ponto inicial para um debate sobre Deus e ética. 'Há um lugar para Deus na sexualidade?' foi perguntado às pessoas no grupo. 'E qual é a ligação entre a nossa imagem de Deus e a nossa compreensão da sexualidade?'

Pensa-se frequentemente, em especial - mas não só - por parte das pessoas religiosas, que o sexo pertence ao lado 'obscuro' da existência humana. No final do espectro da experiência humana encontra-se Deus, que é luz; no outro, rodeado de culpa, vergonha e tabu, o sexo. Na sociedade ocidental, tem havido um afastamento em relação a este ponto de vista. O sexo parece ter-se tornado disponível de forma tão livre e ser discutido tão abertamente que se tornou bastante difícil admitir que não é desejado ou que é algo difícil. O carácter vulnerável, frágil e incerto da sexualidade parece ter sido banido. Embora esta reacção contra os pontos de vista moralistas seja saudável, o seu efeito secundário indesejado é uma cultura da sexualidade na qual o sexo perdeu completamente a sua associação com a fé, ética e mesmo, por vezes, com as relações humanas. Deste modo, o sexo e Deus continuam a estar em lados opostos do espectro, e parece difícil descobrir o arco-íris que os unirá.

Amor e intimidade

Há um lugar para Deus na sexualidade? Claro, disseram os participantes: o sexo faz parte da imagem do Deus encarnado que existe em todos nós. Mas não é tão simples assim. Um problema é que a nossa espiritualidade negligencia muitas vezes o corpo; outro é que a nossa imagem de Deus faz com que seja difícil que acreditamos que Deus encarnou num ser humano com sentimentos sexuais. 'Sim, o sexo é uma dívida de Deus' disse um participante. 'Mas, ao mesmo tempo, acarreta culpa e vergonha. Começa com afeição e amor; depois surge a culpa e a vergonha.'

Temos de ser capazes de falar sobre sexo como algo normal,' disse outro. 'É muito importante que falamos de VIH usando uma linguagem onde palavras como afeição, amor, necessidade de intimidade, perdão e amor pelo próximo predominem.

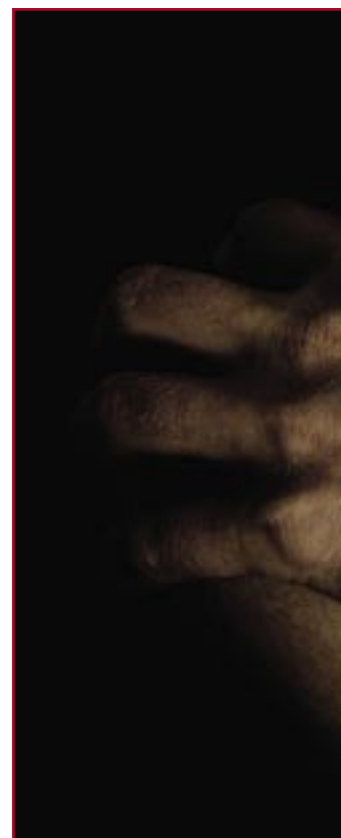
Mas não é o que se passa geralmente na actualidade.' 'E, contudo, muitas pessoas são contagiadas pelo VIH através do "sexo normal" numa relação de amor. Não é necessário ser-se especialmente insaciável, ou ter-se tido imenso sexo.'

Um dos focos de dificuldade, que afecta especialmente as atitudes cristãs perante o VIH, é a forma como é geralmente associado, na mente das pessoas, ao sexo, sexualidade e pecado. 'A palavra "pecado" perdeu o seu significado,' exclamou um participante. 'Foi adulterada e abusada. Foi usada pelos fortes para destruir e controlar os fracos. As pessoas usam-na para fazer cumprir um conjunto de regras nas quais se podem esconder, sem terem de usar a cabeça.'

O pecado aliena

O pecado aliena-nos das outras pessoas, de nós mesmos e de Deus. Nos nossos debates, voltámos repetidamente à questão colocada por Jesus no Evangelho segundo João 9:3. 'Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?' Esta pergunta sublinha a tendência humana para associar a incapacidade ou doença à culpa moral. 'Subjacente a esta pergunta está a ideia de que algumas pessoas são mais culpadas do que outras, e, por isso, merecem aquilo que lhes acontece. É como se isso tornasse o resto de nós menos culpados.' Tornou-se muito óbvio que aqueles de entre nós que vivem com o vírus sentem que têm esse papel.

A nossa condição de seropositivos para o VIH funciona como um estigma moral, que permite aos outros julgarem-nos como pecadores, e permitindo-lhes, deste modo, sentirem-se menos pecadores. Desta forma, o termo 'pecado' é, na realidade, usado pelos cristãos para cometer um pecado: quebrar e destruir relações e criar escolhidos e excluídos, enquanto que, pelo contrário, a Igreja se deveria na primeira linha da batalha se opor à ideia de culpa e portadores inocentes de VIH. 'Por vezes, tenho de recon-





hecer que fiz uma má escolha', disse um participante, 'e acarreto com as consequências; mas não fizemos todos más escolhas?' 'Temos de ser capazes de admitir os erros, mesmo na Igreja,' disse outro. Mas há uma diferença entre falar de consequências e falar de castigo.

Valores

São necessários valores e regras como base de relações boas e saudáveis connosco próprios, uns com os outros, com a comunidade em geral e com toda a criação. Não pusemos isso em causa. 'Mas as regras existem para nos ajudar a interpretar esses valores básicos nas situações da vida real, não existem para condenar e excluir.' Em especial, as regras devem existir para preservar a vida 'em relações' protegendo e defendendo os mais ameaçados e vulneráveis na comunidade e na criação. Através desta interpretação, "pecar" é quebrar ou destruir a integridade das relações, provocando alienação de Deus, dos outros e de toda a criação. Hoje, no entanto, o conceito de pecado tornou-se individualizado na nossa cultura, pelo que necessitamos urgentemente de um vocabulário que possa descobrir o comportamento que mina a integridade das relações e as coloca num contexto moral mais amplo.

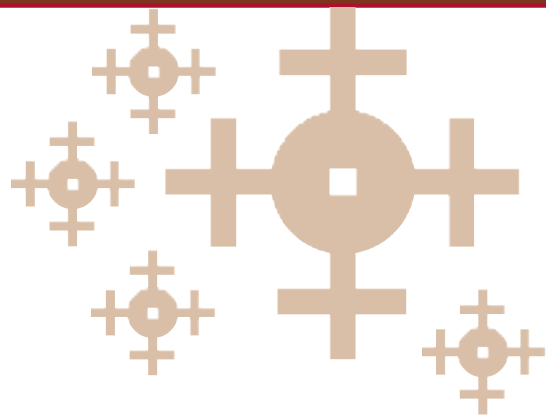
Neste debate, os participantes foram ajudados pela afirmação de Jesus de que 'O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado.' Aqui, Jesus não diz que as regras não têm importância; diz que a sua função é ajudar-nos a encontrar formas de interpretar valores básicos no contexto de vidas melhores e mais preenchidas. Não existem definiti-

vamente para criar categorias de escolhidos e excluídos, ou permitir que um grupo de pessoas se sinta mais virtuoso que outro. Libertos desta ideia de função inclusiva/exclusiva das regras, podemos aprender a falar com mais verdade sobre a sexualidade e as relações em que a sexualidade é vivida.

O facto é que o sexo pode ser bom e mau; pode ser ofensivo e não ofensivo; tal como o casamento. Como disse um participante, 'A Igreja não diz sempre a verdade sobre as realidades do casamento, em especial no que respeita ao poder e papéis dos géneros.' Ou, nas palavras de uma mulher seropositiva para o VIH, 'Há muito de mau a decorrer nos casamentos, especialmente para as mulheres.' 'O que significa,' diz outra, 'que temos de analisar a experiência real das pessoas e a nossa própria experiência, também, e não as imagens ideais.'

Gestão responsável

Como compreender as regras de forma a não serem exclusivas? A ideia de gestão responsável tornou-se importante para nós, e o debate versou as associações feitas no Evangelho entre gestão e ética. Não somos escravos ou robots, e as directrizes não são feitas para serem seguidas de forma cega. Pelo contrário, somos "guardiões" livres e responsáveis, que tentam fazer o máximo dos recursos que nos foram atribuídos e das condições em que nos encontramos. Não nos podemos esquecer que o mundo é de facto extremamente injusto, os nossos pontos de partida na vida podem divergir enormemente. E nunca é na vítima que Deus coloca a responsabilidade principal por lutar contra a injustiça.



'Precisamos de directrizes,' disse um participante, falando sobre as regras; 'e para o "guardião" estas directrizes e valores são interiorizados. Mas leva algum tempo até que estes valores sejam interiorizados.' Ao ajudar-nos a viver os valores do Evangelho, uma função da Igreja é incentivar em nós a bondade básica que possuímos, e ajudar-nos a satisfazer a nossa ânsia e sede do Reino. Isto significa ter sede de justiça e de amor pelo nosso semelhante. 'O processo de interiorizar estes valores é talvez como o grão de mostarda', disse um participante. 'Sendo pequeno e talvez frágil, pode transformar-se em algo grande e forte. Através da confusão e incerteza pode gradualmente chegar-se ao reconhecimento e compreensão.'

A indivisibilidade do amor

Uma reflexão sobre sexo e sexualidade leva à reflexão sobre a própria vida. 'Vim para que eles possam ter vida,' disse Jesus, 'e tê-la em abundância.' A função dos mandamentos é tornar a vida possível para todos. Entre a Vida e as Regras, a hierarquia é, portanto, clara: as regras não podem estar no topo, ou tornar-nos-emos legalistas e prejudicaremos a nossa própria vocação - bem como a dos outros - de

nos tornarmos guardiões da vida e da criação. Se a vida e comunidade humanas criadas por Deus são primordiais na nossa hierarquia de prioridades morais, somos desafiados a colocar menos ênfase na observação das regras e um ênfase mais forte na nossa responsabilidade perante a vida, comunidade e criação. Desta forma, os mandamentos ficam escritos nos nossos corações. Deus - que lê os nossos corações e sabe todos os nossos segredos - confia-nos a interpretação destes mandamentos em conformidade. São os nossos corações de carne, e não os nossos livros de regras, que permitem que os mandamentos se encarnem no mundo real criado.

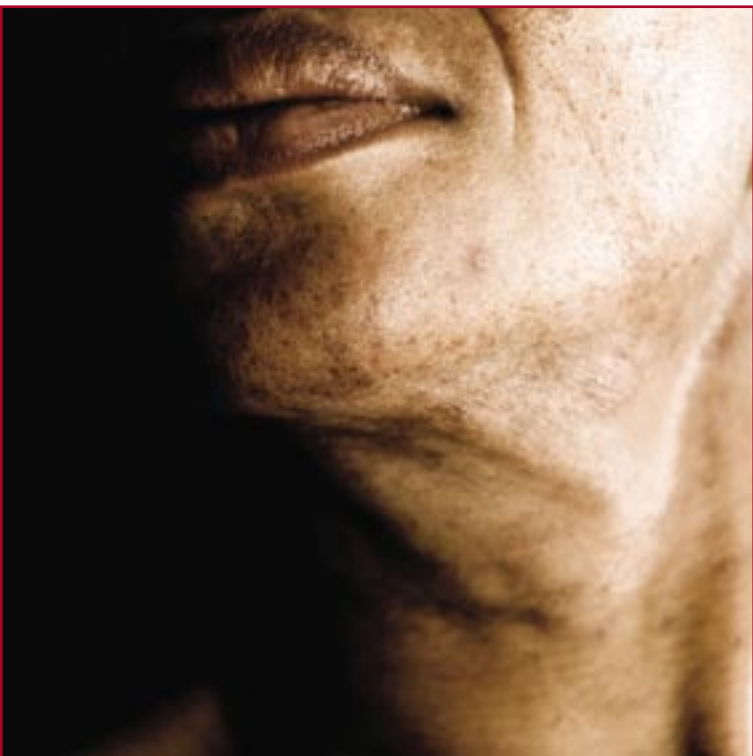
Como Igrejas e como indivíduos cristãos, Deus apela-nos a honrar, aceitar e sermos guardiões responsáveis da nossa própria sexualidade e da dos outros. Gostaria de terminar com as palavras de um participante seropositivo: 'Com a associação que faz entre o amor de Deus e o amor do próximo, este duplo mandamento relativo ao amor desperta uma resposta no fundo da natureza humana. Mas temos de nos lembrar da indivisibilidade do amor. Para amarmos o nosso próximo e amarmos Deus, é importante que nos possamos amar a nós mesmos.'

O auto-estigma é um sentimento íntimo de vergonha, que pode ser vivido por aqueles que a sociedade estigmatiza. É uma resposta interna à experiência externa da estigmatização, que os grupos e os indivíduos estigmatizados sentem ou crêem estar presente nas atitudes e reacções dos outros. Em relação ao VIH e SIDA, as imagens, ideias e 'significados' que as pessoas têm - por exemplo, de sexualidade, infecção sanguínea e morte - mexem com pontos profundos e vulneráveis da sua consciência. Não podemos ser abertos e honestos acerca das nossas atitudes de estigmatização ou auto-estigmatização sem expormos estes pontos vulneráveis.

DAS REFLEXÕES NORUEGUESAS

Ficar infectado através de alguém que não teve a coragem de dizer a verdade, foi um golpe terrível na minha confiança nas outras pessoas. Como poderia jamais voltar a acreditar em alguém, se a minha confiança tinha sido traída tão totalmente por forma a infectar-me mortalmente? Como é que poderia voltar a acreditar no meu próprio bom senso? Poderia eu algum dia voltar a acreditar em mim mesmo para me responsabilizar pela minha própria vida? Estas questões resultaram numa auto-estima muito baixa e num sentimento de apatia.

PREBEN BAKBO SLOTH, AFECTADO PELO VIH, DINAMARCA



DINAMARCA

Uma Dávida Divina e uma Tarefa Humana

POR CARINA WÖHLK

“Não é bom que o homem esteja só”, disse o Senhor Criador no Génesis 2:18. O melhor da vida é a vida partilhada. Deus criou-nos, deste modo, para vivermos juntos em relações, e permitiu que nos uníssemos uns aos outros através da sexualidade.

A nossa sexualidade e sensualidade são naturais, são formas concedidas por Deus em que a vida se exprime. Duas pessoas que são atraídas uma pela outra podem, em conjunto, transcender a sua individualidade e criar algo que é maior e mais forte que cada uma delas. Um encontro sexual pode ser algo vigoroso e criativo. Pode dar intimidade e intensidade, proximidade e prazer, respeito e espaço. Fazer amor é uma verdadeira dávida.

Mas a dávida é também uma tarefa. Expomo-nos na nossa sexualidade. Desnudamo-nos perante a outra pessoa. A vulnerabilidade pode ser uma tentação em si mesma. Pode fazer-nos usar indevidamente a nossa sexualidade, de forma egoísta, para nos satisfazermos ou demonstrarmos o nosso poder - prejudicando o nosso companheiro.

Quando nos dirigimos aos outros com desejo e bom humor, temos de ter cuidado para não abusarmos uns dos outros. Deus deu-nos a obrigação de usarmos a nossa sexualidade de forma responsável. Ele é o Pai do Amor – e pretende que a sexualidade esteja ao serviço do amor.

Os seres humanos são criaturas sexuais, dado que Deus pretendeu que assim fosse. Na sexualidade se encontra a génese da vida - a possibilidade de uma criança ser concebida e um amor maior surgir. Cabe-nos a nós conservar a faísca da vida.

Se pretendermos abordar Deus e descobrir os seus planos para nós, temos de tomar em conta a responsabilidade perante nós mesmos e os outros. Temos de administrar a liberdade que Deus nos deu. Isto significa mantermos a cabeça fria e o coração quente. Temos de ter a coragem de viver e de amar.

E temos de estar conscientes da forma como levamos a nossa própria vida e a nossa vida em conjunto com os outros. Tal significa que temos de nos preocupar connosco e com os outros - a nível emocional, social, psicológico e físico.



DINAMARCA

Sexualidade e Morte

POR ELIZABETH KNOX-SEITH

SIDA é um processo de aprendizagem - um fluxo contínuo de “hojes” que varia com uma força imprevisível. Pode estar-se completamente desperto e saudável um dia - e prostrado com a doença no dia seguinte, sem aviso prévio. Estão sempre a aparecer novos sintomas - e nem sequer os médicos tão conhecedores conseguem manter controlo sobre o que se passa no organismo de cada indivíduo. Cada paciente é um caso único, e a única coisa que eles podem dizer é que não podem dizer nada com certeza.

- Vou morrer amanhã?
- Talvez.
- Posso viver mais quatro anos?
- Talvez.
- Dez?
- Bem, é possível...

É impossível as pessoas com VIH planearem as suas vidas. A doença pode surgir subitamente em qualquer altura e levá-los - mas, por outro lado, não vale a pena preparar-se para morrer. Muitas pessoas vivem vidas normais, embora talvez com recaídas ocasionais - e, nesse caso, é irritante ter desistido da formação e outras coisas na vida, apenas porque se julgou que a vida não ia durar muito tempo. Muitos permanecem vivos muitos anos - talvez mais do que hoje pensamos. O VIH/SIDA só é conhecido há 25 anos, pelo que não foi possível reunir estatísticas sobre a sua evolução por um longo período de tempo.

Enquanto que a sexualidade é um requisito para o começo

da vida, a morte é o símbolo de como a vida termina. Em muitas culturas, a morte não é concebida como a conclusão final da vida, mas apenas como o início de uma nova vida de uma forma diferente. Mas, mesmo assim, o processo da morte pode ser vivido como ameaçador e crítico: uma transição que é assustadora, dado que implica dor, luta e dúvida.

A sexualidade parece estar rodeada de uma série de ideias interactivas e com uma elevada carga, e, por isso, é ainda mais difícil abordá-la que a morte. A morte é uma ameaça à vida, falando em termos físicos - mas a um nível mais profundo não ameaça as nossas relações com Deus e com as coisas de Deus. A morte pode ser sentida como castigo de Deus, mas é mais frequentemente vista como o contrário, uma passagem para Deus.

É mais complicado, por outro lado, lidar com a sexualidade, dado que esta é, simultaneamente, a condição prévia para o surgimento de vida nova e uma ameaça perigosa à nossa relação com Deus. Esta tensão observa-se particularmente na tradição cristã - e o problema foi resolvido, defendendo que a sexualidade faz parte do casamento e o seu objectivo principal é a fecundação, ou seja, a propagação da espécie. Na tradição católica, isto é tão invariável e coerente que os contraceptivos são proibidos, mesmo se usados dentro do casamento. A sexualidade como prazer, como forma de experimentar um contacto mais intenso e profundo entre indivíduos, não é reconhecida.

A sexualidade é “um espinho na carne”, um exemplo da subordinação ao mundo. O celibato tem sido visto como a forma

A epidemia do VIH/SIDA é provavelmente um dos sintomas mais reveladores da nossa ruptura actual. Nela, o amor e morte unem-se violentamente. Os mais jovens, desesperados na procura de intimidade e comunhão, arriscam as próprias vidas por ele.

HENRI NOUWEN

mais sincera e directa de atingir Deus, dado que aqueles que optam pelo celibato, optam por se libertar da subordinação ao mundo resultante das necessidades corporais. De acordo com Paulo, o corpo é o templo do Espírito Santo – mas parece que o templo pode ser profanado se se permitir que a sexualidade se exprima como prazer sem limites. Dominar o desejo e viver apenas em e para Deus tem sido o objectivo a que muitas pessoas em toda a história se propuseram - sem pensar que Deus pode, talvez, também encontrar-se na sexualidade.

Quando um fenómeno como a SIDA surge, não é surpreendente que séculos de luta e dor históricas venham à superfície. A SIDA é um fenómeno com tanta carga emocional, dado que levanta questões existenciais tão profundas e geralmente traumáticas. Quando a sexualidade é, de súbito, associada à morte, ocorre um curto-circuito na mente humana - e esta é certamente a razão principal para a ansiedade terrível que a SIDA suscita em muitas pessoas. O alastramento possível da doença torna-se um campo de batalha de repressão - e aqui temos de ter a coragem de enfrentar assuntos que, de outro modo, são varridos para debaixo do tapete.

A ameaça ao amor

A sexualidade exprime o ser mais íntimo de uma pessoa. É um impulso profundamente sentido que aproxima dois indivíduos, num desejo de criar algo que é maior do que cada um deles pode personificar. Esta criatividade pode incluir conceber filhos - mas não se limita a produzir frutos físicos da sexualidade. Na própria ternura, na intimidade, é ultrapassada uma barreira - compreendo que sou mais do que eu próprio, que sou também parte de outro. Nesta área íntima, em que de repente sou mais que eu próprio, é conseguida uma profundidade de existência qualitativamente nova - e é este novo nível de existência que constitui o objectivo mais profundo e belo da sexualidade.

No norte, encontramos a SIDA numa altura em que esta experiência da sexualidade é, de muitas formas, estilhaçada e despedaçada. A sexualidade tornou-se um produto entre muitos outros, e negociamos corpos das formas mais estranhas, com símbolos e rituais cada vez mais elaborados. Já não estamos juntos apenas para encontrarmos o outro num agora genuíno e profundamente sentido - procuramos, de forma desesperada e sofrida, uma confirmação da nossa própria existência, da nossa própria identidade e significado. A sexualidade torna-se um meio através do qual esperamos encontrar

aquilo que procuramos: a segurança de que somos amados, de que somos mais do que a insignificância que sentimos invadir a nossa alma.

A SIDA não surgiu no vazio, mas numa altura em que o amor já se encontra sufocado pela morte - não uma morte física e externa, mas uma morte subtil que nos invade profundamente. Esta morte ocorre quando deixamos de sentir que somos amados de forma natural, e o significado e coerência da vida parecem despedaçar-se. A SIDA atinge-nos como um murro bem direccionado, encontrando o ponto fraco na nossa consciência onde já temos feridas incuradas. A ansiedade que muitos sentem em relação ao VIH/SIDA resulta das impressões criadas nas nossas mentes por muitos anos de debate intenso nos média. Uma série de imagens dançam perante as nossas mentes quando ouvimos a palavra "SIDA" - e são estas imagens, e não a própria doença, que constituem o problema.

A SIDA mexe os fios do nosso subconsciente mais profundo: medo de aniquilação, medo da sexualidade... medo de ser humilhado por uma doença que nos torna impotentes e sem controlo.

É sobretudo o aspecto sexual do VIH/SIDA que nos afecta. A ideia de que a sexualidade faz parte do nosso mundo real tem sido reprimida durante séculos, pelo que rola no nosso interior como uma bomba por explodir - e quando uma doença mortal transmitida por contacto sexual aparece, traz camadas profundas de ansiedade à superfície.

A SIDA é muito mais do que uma "doença" - muito mais do que uma série de sintomas que podem ser descritos e observados de forma clínica. A SIDA é também uma "moléstia" - um estado social, psicológico e emocional que provoca mudanças radicais, não só na vida dos indivíduos mas em todo o processo social de interacção e formação de sentido. A SIDA é um catalisador para a criação de imagens colectivas, metáforas conscientes ou subconscientes que distorcem a forma como pensamos sobre a vida e a morte.

O risco de infecções e a integridade pessoal

A SIDA mexe com um ponto sensível - a esfera mais essencial da vida humana, através da qual toda a vida biológica tem origem: a sexualidade. A SIDA é causada pelo vírus do VIH, que é transmitido através do sêmen e do sangue - e estes fluidos corporais são agora associados a uma doença mortal.

O amor em si não está infectado, mas parece que a própria

Amor e sexualidade

Muito está escrito na Bíblia e muito é dito na Igreja sobre o amor e o amor pelo próximo e pelos outros; sobre o amor de Deus por nós e o nosso amor por Deus. Estas são as bases da fé cristã - e é muito triste que as pessoas religiosas tenham tanto medo do sexo. É verdade que o amor divino e eterno - tanto quanto sabemos - tem uma forma incorpórea. Mas nas nossas vivências experimentamos outro tipo de amor, de tipo sexual. E acho que temos de ter isso em conta, dado que desempenha um papel tão importante na consciência e na vida emocional de uma pessoa. O sexo cria sentimentos tão fortes dentro de nós, como por exemplo o nosso conceito de Deus ou a nossa fé religiosa.

É como se as pessoas religiosas tenham muito medo do aspecto sexual do que acontece quando duas pessoas se encontram - e que, no seu todo, apenas se refiram a isso como um exemplo de tudo que pode estar errado. Em vez disso, poderiam dizer "Vejam como pode ser belo, se se amarem uns aos outros e o mostrarem através do vosso espírito, mente e sentimentos... e também dos vossos corpos. E depois manterem o que disseram, para que não se trate apenas de palavras sem sentido. Penso que é lamentável separar sexo e amor, dado que os dois aspectos estão unidos, bem lá no fundo.

TESTEMUNHO DE JESPER, QUE MORREU COM SIDA, DINAMARCA

fonte da vida está. Uma desintegração física repugnante ameaça-nos como um demónio importuno no corpo.

Para debatermos como evitar o alastramento do VIH, é necessário ter em conta os factores psicológicos profundos que são a força impulsionadora subjacente à sexualidade - e não só pensar que o problema pode ser resolvido tanto de forma técnica, realçando a necessidade de preservativos, como de forma moral, pregando a abstinência sexual. Qualquer destas medidas pode ser adequada, de acordo com os pressupostos que temos para a nossa escolha de solução, mas nenhuma delas toma completamente em conta o campo doloroso de tensão em que a sexualidade muitas vezes tem lugar.

Abster-se ou utilizar um preservativo requerem uma capacidade sólida de defender a integridade pessoal própria - e isto, por sua vez, requer um sentimento de identidade relativamente forte, ou seja, um conhecimento de quem sou e aquilo que pretendo. Para além disso, exige um desejo de viver - o que equivale a dizer, ter cuidado consigo próprio de acordo com os próprios pressupostos. Se uma pessoa não tiver identidade, não tiver ideia de um sentido na vida, não sentir que tem o direito a viver uma vida de dignidade e felicidade - bem, qualquer menção a uma escolha consciente numa situação sexual é absurda, quer se pense aqui em abstinência ou em preservativos.

Por outras palavras, não é possível abordar a prevenção do alastramento do VIH sem ter em conta os factores sociais e psicológicos que contribuem para uma situação em que, aparentemente, não são tomados cursos de acção racionais. Deve ser dada toda a prioridade, naturalmente, à divulgação de informações práticas sobre a forma como se pode evitar a infecção com o VIH - mas, além disso, é preciso ir mais longe. A baixa auto-estima que caracteriza muitas pessoas na sociedade actual é um factor decisivo na falta de motivação para nos protegermos a nós mesmos e aos outros - e a necessidade

principal é, neste caso, garantir que os grupos vulneráveis (especialmente os jovens) têm uma rede à sua volta adequada, eficaz e que os apoia.

Aliviar os traumas

É do conhecimento geral que uma atitude ambivalente perante a sexualidade e uma incapacidade de estabelecer limites nas situações sexuais é, frequentemente, o resultado de experiências de abuso sexual. O amor verdadeiro torna-se inatingível, e é frequentemente confundido com a necessidade de se oferecer sexualmente, de forma incondicional e sem limites, não segundo os nossos pressupostos mas segundo os pressupostos do outro. Um desejo subconsciente de repetir o trauma torna-se a força impulsionadora na sexualidade - e a dor é aliviada através de uma sexualidade que se torna indirectamente um espelho da violência que se viveu.

A capacidade de empatia e carinho, tanto perante nós como perante os outros, pressupõe que as pessoas tenham recebido e recebam amor e carinho suficientes. Se estes não existirem, será para elas difícil mostrar respeito, ternura e consideração pelos seus próximos - e também por si mesmas. Sentem que não são dignas de amor e carinho verdadeiros - e terminam numa espiral de comprovação destrutiva desse sentimento. A falta de auto-respeito dificulta-lhes a tarefa de tomarem conta de si próprias e da sua própria integridade pessoal - especialmente em situações sexuais.

Para aqueles que se considerem solitários, o sexo pode ser a única forma de encontrar calor humano e afirmação pessoal - e será, então, fácil consentir nos desejos dos vários parceiros.

Desiste-se da força de vontade: recebe-se aquilo que nos dão e não se fazem exigências. O indivíduo expõe-se a experiências humilhantes - mas para os fracos do ponto de vista emocional, a ansia de intimidade pode ser tão grande que é impossível levantar objecções.



Os muito jovens têm uma necessidade especial de todas as formas possíveis de conselhos e apoio que lhes permitam tomar as decisões certas - e é importante ter um ponto de vista equilibrado das possibilidades que cada indivíduo tem. Os adultos que estão em contacto diariamente com os jovens têm, neste aspecto, uma responsabilidade especial, dado que as decisões tomadas pelos jovens não são tomadas num só dia. Os altos e baixos emocionais serão consideráveis - e é novamente importante reforçar a auto-confiança dos jovens, tendo em mente que há ainda territórios a ser explorados por estes jovens. Há uma identidade, um espaço a preencher, apesar da sua esperança de vida parecer ser mais curta que a da maioria das pessoas.

Proximidade e ânsia

Para a maioria dos jovens, o desejo de encontrar um parceiro e de explorar o seu corpo e sexualidade é uma força impulsiva importante. Encontram num parceiro um espelho que lhes dá consciência da própria identidade e de que merecem ser amados - amados como alguém e não so como menino da mamã ou do papá. O que torna o processo de emancipação dos pais possível é a descoberta da pessoa com quem um dia poderá partilhar tudo, como adulto e em termos de igualdade. A ânsia de encontrar o próprio parceiro, o espelho da própria identidade, é básica e profunda - e vibra como uma inspiração inevitável para viver a vida. As pessoas infectadas com o VIH na sua ânsia de encontrar um companheiro, não só estão infectadas com um vírus, mas são impedidas no seu entusiasmo de viver, no desejo de se descobrirem a si mesmas através de outra pessoa. O que estava associado a uma apetência pela vida, com o desejo de explorar-se a si mesmo e as possibilidades inerentes na sua própria identidade, torna-se, de repente, associado à morte. O resultado é um curto-circuito de carácter emocional infinitamente profundo.

Abanar a cabeça não ajuda neste caso. Não vale a pena dizer, "Podias ter recusado!" - pois, quem pode dizer aos jovens para refrearem os seus impulsos interiores mais profundos, a ânsia de se encontrarem através de outra pessoa? A sexualidade é uma força que contém muitas outras dimensões do que por vezes estamos cientes, e esta dimensão, associada à identidade, é a última que deveríamos esquecer. Na sexualidade somos polarizados, expandidos numa existência intensa, unidos à outra pessoa e, desta forma, sentindo-nos de uma forma nova e muitas vezes surpreendente.

Muitos de nós não estamos conscientes disto - mas mesmo assim é o motivo da nossa procura constante e ansiosa dessa pessoa que se pretende unir a nós, ao nível mais profundo. Poucas pessoas têm uma intuição suficientemente boa para encontrarem a pessoa certa de imediato. Para muitas pessoas, a procura é longa e difícil, embora nesse percurso avistem por vezes a felicidade e reconhecimento. Se nesse percurso se vir confrontado com o VIH, pode ser muito difícil recriar uma atitude positiva perante a sexualidade e tudo dentro de si que previamente tenha dado esperança e significado à vida.

Esses jovens que conseguem encontrar uma identidade clara de outras formas que não sexualmente estão melhor protegidos contra o VIH e SIDA do que aqueles que não o fazem. Têm algo para que viver, algo para proteger - e conseguem mais facilmente recusar o sexo não protegido do que os que, com um vazio persistente no seu interior, têm medo de ser rejeitados. A ânsia de se unir ao outro para se encontrarem pode ser tão desesperada que um preservativo pode parecer uma barreira repugnante e inútil.

Muitas pessoas que têm VIH acham difícil reestabelecer um equilíbrio na sua vida sexual, sair da sua concha, procurar ternura e amor, mas ao mesmo tempo respeitam os limites que garantem que os outros não ficam expostos à infecção. Muitos optam por isolar-se e não procuram contacto físico



com ninguém - e se o fizerem, precisam de muita coragem para contarem ao seu parceiro que estão infectados com o VIH. Não é a primeira coisa que se menciona quando se encontra alguém - e embora se opte conscientemente por praticar sexo seguro, a questão surge se e quando a relação se tornar mais sólida. Como é que vou contar aquilo que não contei? E, como é que vou contar por que razão não contei? O medo de ser rejeitado e de não ser compreendido fá-lo sentir-se extremamente inseguro sobre dizer algo.

A responsabilidade

A forma mais eficaz – mas também a mais exigente – de evitar o alastramento do VIH é apoiar os indivíduos de forma a estes se absterem de opções auto-destrutivas. Se sentir amor profundamente no coração, não duvida já muito de que forma procurá-lo - e sentir-se-á também valioso demais para se envolver numa relação onde não há acordo mútuo de cuidarem um do outro

Mesmo que alguém se vista com roupa elegante e faça parte dos homens/mulheres de carreira, pode ser emocionalmente frágil interiormente - e ao falar de protecção contra o VIH/SIDA aos jovens, é essencial ser bom observador. Isto aplica-se especialmente se for uma pessoa que tem contactos com jovens durante um período de tempo prolongado, ou fizer parte da sua rede directa, quer como membro familiar, amigo, líder jovem ou professor. Os líderes das organizações religiosas de jovens têm uma responsabilidade especial - pois o que é a Igreja senão um refúgio para aqueles que podem não ter coragem de revelar os seus problemas mais pessoais em qualquer outro local?

Ao falar sobre VIH e SIDA, é totalmente errado pensar que se está em terreno seguro ao mencionar "seguro" e soluções "racionais" - quer tenda para o uso de preservativos ou abstinência sexual, de acordo com os seus pontos de vista sobre moralidade e sexualidade. Pode ser importante debater os cursos de acção abertos aos indivíduos, e apresentar soluções alternativas para os jovens - mas é também impor-

A vontade de Deus é romper com o estigma, vergonha, negação, discriminação e todos os valores que negam a vida. A Zâmbia sofreu com o silêncio teológico em relação ao assunto do VIH/SIDA. Temos de enfrentar dois assuntos que as nossas Igrejas modernas e as culturas que herdámos, tanto ocidentais como africanas, não conseguiram abordar abertamente e de forma construtiva - a morte e a sexualidade. Como é que o VIH, esta arma de 'destruição massiva', pode estar tão intimamente associada ao próprio instrumento da procriação de gerações futuras?

JAPHET NDHLOVU

tante não tentar convencê-los de que há apenas uma certa forma limitada de comportamento.

Diga-se o que se disser, optarão por viverem as suas vidas, com base nas condições que possuem dentro de si - ou seja, a visão da vida e de si próprios que lhes foi transmitida por meio da sua educação, contexto social, etc. Aqueles que se sentem reprimidos e negligenciados no seu contexto familiar reagirão frequentemente com revolta - ou seja, comportar-se-ão exactamente da forma contrária àquela que os pais, professores e outros os tentaram persuadir a comportarem-se. Todas as informações sobre a SIDA têm, assim, de ser transmitidas de acordo com os pressupostos dos jovens, a começar pela situação real em que se encontram, na actualidade, e com uma profunda sensibilidade pela dor, sofrimento e ânsia que cada indivíduo carrega em si, na sua forma própria e única.

O melhor colaborador na área da SIDA é aquele que acompanha intensamente um grupo de jovens durante um longo período de tempo, para poder ter uma ideia da situação de cada indivíduo, ideias práticas e cheias de ânsia e experiências reais de sexualidade. A Igreja é necessária como um apoio alternativo para os jovens que não sabem para onde se dirigir na sua ânsia profunda de irmandade, que os possa apoiar nas suas crises. Há uma necessidade notória de líderes que sejam abertos e saibam escutar - e sejam também sensíveis às coisas que nem sempre podem ser expressas por palavras.

É uma tarefa abrangente apoiar os jovens, para que estes possam atingir maturidade interior que lhes permita fazer escolhas positivas, não só no que respeita ao sexo, mas de forma geral. O problema é que geralmente os próprios adultos não atingiram essa maturidade, e se sentem tão ameaçados e destruídos como os jovens. A sua capacidade de auto-controlo pode ter-se desenvolvido ao longo dos anos - mas por outro lado, podem não conhecer outra solução a não ser o controlo. A sua capacidade de mostrarem empatia e escutarem é limitada - e, deste modo, também a sua capacidade de ajuda.

Nos círculos religiosos, é importante ter consciência activa do doloroso mundo interior em que muitas pessoas vivem. Os requisitos morais idealistas podem estar certos como requisitos para si mesmo, mas se se pretender impingí-los aos outros sem ter em conta a situação em que se encontram, o resultado não será nunca satisfatório. Na pior das hipóteses, pode não conseguir cumprir a sua vocação de ajudar a aliviar o sofrimento - na melhor das hipóteses alienará aqueles que precisam da sua ajuda, pelo que estes se dirigirão para outros locais, na esperança de serem melhor compreendidos.

Muitas pessoas, tanto jovens como mais velhas, não têm uma rede que as apoie nas crises de carácter mais fundamental. A Igreja, na sua forma original como uma comunidade viva e dinâmica, deveria ser a irmandade de que as pessoas necessitam tão desesperadamente - mas, na realidade, isto está longe de ser verdade.

O alicerce da Igreja é uma visão, uma visão profunda e intensa de uma comunidade humana que atravessa todas as fronteiras, uma irmandade que dá também aos indivíduos significado e cura espiritual. Ao longo da sua imensa história, a Igreja tem sido isso - mas tem sido muito mais que isso.

A SIDA é um desafio, um apelo perante a Igreja para restabelecer comunidades expressivas - um lar para aqueles que já não se sentem à vontade consigo próprios. É necessária uma mão, uma mão que toque o coração de forma profunda - os corações quebrados na sombra da rejeição. O caos e confusão têm de ser transformados em integridade e coesão - em relação tanto com a individualidade das pessoas como com a própria vida.

Isto não inclui construir cercas para limitar os indivíduos na sua auto-expressão, mas pelo contrário criar a convicção de que todos têm uma visão para a sua vida. E, com base nisto, a confiança no amor pode crescer - e com ela a capacidade de gerir a sexualidade, para que deixe de ser o campo de batalha caótico da repressão mas uma fonte essencial de vida.





O Conceito – A Natureza – A Relevância

A Igreja Abrangente

DOCUMENTO CONCEITUAL PELO GRUPO PRINCIPAL NORDIC-FOCCISA, LUSAKA, 2004

Na era do VIH/SIDA, apesar do seu papel de liderança na área de tratamento e apoio, a Igreja tem sido vítima de muitas acusações. Foi acusada de ser um 'gigante adormecido'; de promover atitudes de estigmatização e discriminação baseadas no medo e preconceito; de emitir juízos morais severos sobre os infectados; de colocar obstáculos ao trabalho do mundo secular na área da prevenção e de reduzir os problemas da SIDA a declarações morais simplistas. As Igrejas não têm sido reconhecidas como locais de refúgio e consolo, mas locais de exclusão para todos os que não estão senão a 'sofrer as consequências da sua própria devassidão e pecado.'

À medida que o VIH/SIDA afecta mais profundamente o próprio tecido social, acarretando dor e sofrimento, há uma necessidade crescente de que a Igreja recue até às suas origens para redescobrir a natureza da Igreja - o que significa ser Igreja - e, desta forma, tornar-se muito mais relevante nesta era do VIH/SIDA.

O problema

A Igreja de hoje, em muitos casos, perdeu de vista a sua vocação original, de amar e ser amada por Deus.

Por vezes parece funcionar isoladamente, sem ter em conta muitos dos problemas que o mundo enfrenta actualmente. O VIH e a SIDA foram muitas vezes considerados um problema médico e não espiritual e da comunidade. Mas o que afecta um, afecta todos, 'dado que somos todos um corpo no Senhor.'

O problema do dualismo criou barreiras entre as pessoas tanto dentro como fora da Igreja. Uma atitude de 'nós' e 'eles' serve para dividir em vez de curar e unir. E a forte associação entre sexo e pecado leva a que algumas pessoas sejam condenadas 'como pecadoras' que merecem castigo.

Um povo – uma Igreja vista de baixo

Nas Igrejas temos por vezes uma imagem perigosa de nós mesmos como sendo alguém especial, como se fôssemos melhores que os outros. De muitas formas criamos um 'nós' e 'eles', criando uma distância, como se já não estivéssemos 'no' mundo. Temos de compreender o que significa ser abrangente.

Porque é que as pessoas que vivem com VIH/SIDA não vêm de forma livre e aberta à Igreja?

Da mesma forma que Cristo se identificou com os mais necessitados, partilhando a mesa com os cobradores de impostos, pecadores e doentes, nós como Igreja somos também chamados a identificar-nos com as pessoas que são desprezadas. A Igreja tem de começar com aqueles com quem Jesus se identificou – os excluídos, os rejeitados, os marginalizados e necessitados. As pessoas nestas situações não devem ser 'objectos' das nossas boas acções; não existem para nos darem crédito perante Deus. Pelo contrário, é no meio destas situações de vida que Deus Se revela. Isto exige uma verdadeira solidariedade com todos os seres humanos necessitados.

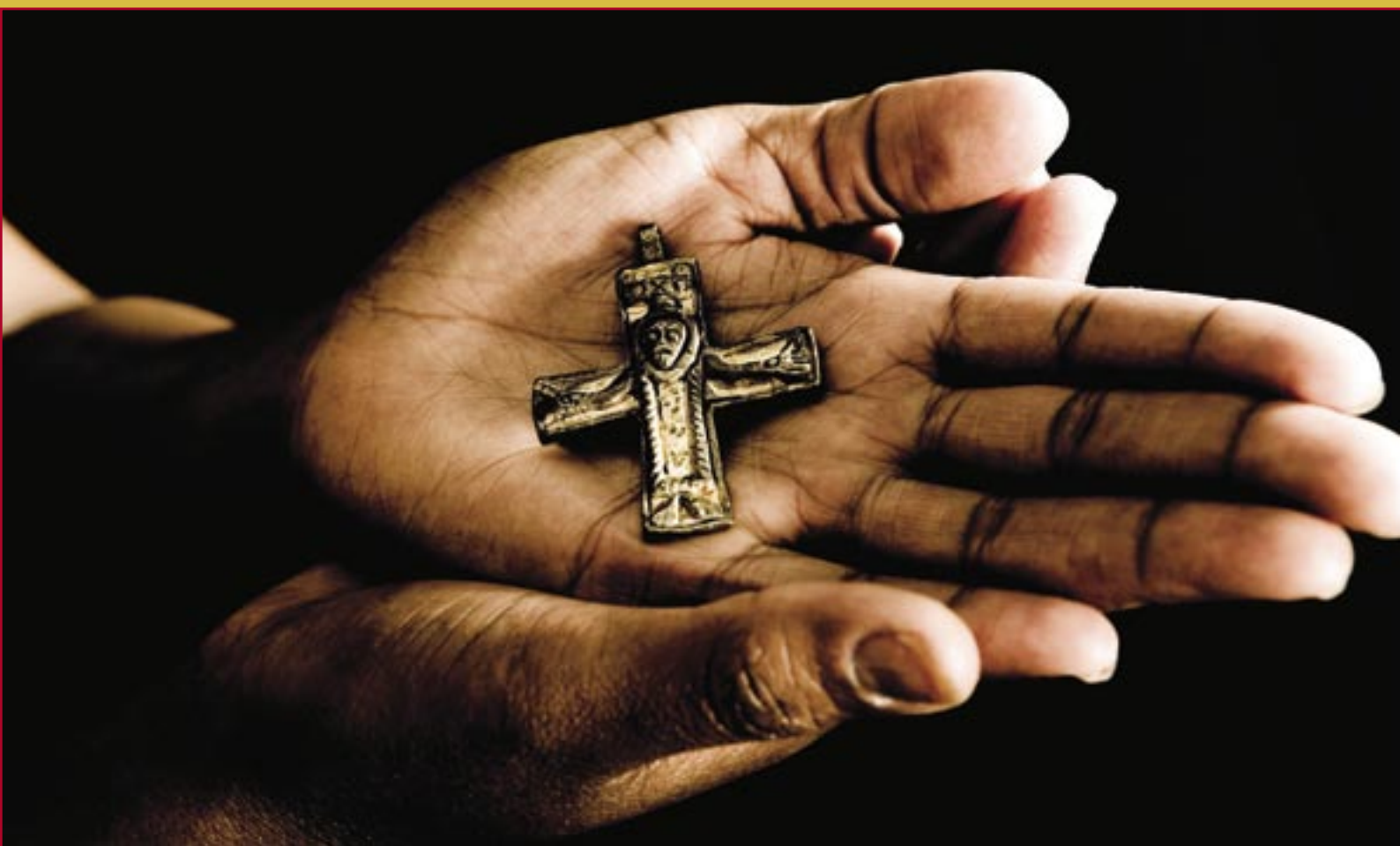
Há também necessidade de aprender a ler as escrituras através dos olhos do VIH/SIDA; de criar uma teologia da compaixão, aceitação e inclusão, e de criar a liturgia adequada para este efeito

Perspectiva holística e centrada em Cristo

Há uma tendência, também, da Igreja dividir a vida naquilo que é espiritual e o que é físico - sendo apenas o primeiro considerado preocupação da Igreja. A Igreja tem de se libertar desta prisão do dualismo. Cristo veio para que possamos ter a vida e tê-la em abundância - e isto significa tudo que tem a ver com a vida como ser humano. A Igreja tem de ter uma abordagem holística, o que significa preocupar-se com a continuidade de prestação de cuidados através dos tempos.

Ao procurar a identidade da Igreja - o que é, no centro do seu coração - uma fonte importante pode encontrar-se no Evangelho – na vida de Jesus Cristo. Temos de ver o que Ele fez, quem encontrou, como se relacionou com as pessoas, como escutou, o que disse, como foi a sua atitude e como esteve presente. Tal como Ele fez na estrada de Emaús, Jesus caminhou a par das pessoas que sofriam e esteve presente para elas.

Cristo amou incondicionalmente. Isto, cremos, mostra o verdadeiro espírito da diaconia – viver com, caminhar com, tocar, compreender, partilhar, cuidar e 'lutar lado a lado'. O que afecta os homens e mulheres, crianças e idosos - criados como todos nós à imagem de Deus – afecta a Igreja e é, deste modo, uma preocupação da Igreja.



A Igreja atenta

Para sermos importantes nas vidas que os homens e as mulheres vivem actualmente, e para criarmos um lar acolhedor como local de refúgio e consolo para TODOS os necessitados, temos em primeiro lugar que estar presentes e escutar: para ouvir o grito do povo de Deus, ouvir as suas necessidades e a sua fome e sede

O 'fazer' tem de resultar do 'ser': temos de ser humanos que 'são' antes de sermos humanos que 'fazem'; e de SER a Igreja para os necessitados antes de começarmos a fazer e falar. Acreditamos que isto é evangelização pura – dando vida a Jesus e oferecendo esperança e bem-estar a todos os necessitados. Cristo a Palavra tem de começar com Cristo o Corpo. Não podemos, pregar a Palavra sem reconhecer o Corpo.

Ser um corpo

Tal como Cristo não é dividido, nós como Igreja não podemos ser divididos. O desafio actual é tão grande que não podemos continuar a estar separados. Quando um sofre, sofremos todos. O actual momento Kairos é uma oportunidade de verdadeiro ecumenismo, e de sermos uma Igreja universal - norte e sul, este e oeste. No final devemos trabalhar todos em conjunto com todas as pessoas de boa vontade.

Na Igreja tem havido por vezes uma suspeição sobre aqueles que não são 'Membros da família da Igreja,' uma incapacidade de diálogo e de partilha de experiências, de aprender uns com os outros e de interagir com os outros, com os quais poderíamos aprender muito.

Em relação ao VIH/SIDA, uma falta de informações exactas e capacidades adequadas tem levado frequentemente a atitudes de juízo, linguagem de estigmatização, comportamento discriminatório e silêncio acerca de assuntos sobre os quais é difícil debater abertamente na Igreja.

A liderança exige formação, orientação, recursos, informações exactas e melhores contactos. Exige também vontade de colaborar com os outros que estão a reagir com mais eficácia, e uma disposição para enfrentar medos e discriminação irracionais.

Além disso, o mundo secular reconheceu a necessidade de participação das Igrejas, devido à sua presença na comunidade, à sua credibilidade, autoridade e vocação.

Luz do Mundo

A Igreja é chamada a ser 'a Luz do Mundo,' uma luz, não para si, mas para o mundo. Ser uma luz, como uma vela ardente, significa sacrificar-se em serviço.

Ser uma luz, viver as nossas vidas na luz, significa também viver de forma positiva, e quebrar o silêncio sobre assuntos sobre os quais geralmente não gostamos de falar, como a sexualidade. A Igreja tem, também, uma obrigação de começar a falar sobre assuntos que estão a impulsionar a epidemia, tais como a pobreza, o acesso desigual, abuso sexual, violência doméstica, problemas de igualdade entre os sexos e culturais, etc. O VIH/SIDA põe em causa o centro das nossas crenças. Falar destes assuntos nos nossos sermões, de forma sensível e com compaixão, pode ajudar a quebrar o silêncio.



A Igreja não pode continuar a esconder
a cabeça na areia. Como é que a Igreja
pode ser uma comunidade que cura?

ZÂMBIA

A Igreja que cura

POR JAPHET NDHLOVU

A Igreja na Zâmbia, em conjunto com a Igreja no resto da África subsariana, não pode continuar a esconder a cabeça na areia. O impacto do VIH/SIDA está a ser sentido a todos os níveis da sociedade. Isto colocou uma ameaça ao avanço económico e ao desenvolvimento humano, ao atacar o grupo correspondente à idade economicamente mais produtiva e inverter os avanços feitos em termos de esperança de vida e sobrevivência infantil.

Dado que alguns membros da Igreja são seropositivos, podemos dizer com certeza que a Igreja - o corpo de Cristo - tem SIDA. A SIDA é um desastre nacional. Não pode ser gerida se não se mobilizarem todos os sectores da nação. A Igreja na Zâmbia tem de fazer da prevenção da SIDA um assunto da máxima prioridade.

Mas a Igreja é, pela sua própria natureza e pregação, uma comunidade de prestação de cuidados e deveria participar em estratégias de intervenção destinadas a satisfazer as necessidades humanas. A Igreja é - como corpo de Cristo - chamada a ser ousada e diferente. À luz da pandemia do VIH/SIDA, a Igreja é chamada a lutar contra a discriminação, estigma, preconceito, injustiça e opressão. A Igreja deve ser um representante de Jesus nas formas de incentivar os cuidados, amor, compaixão pelos doentes e oprimidos, compreensão pelos afectados e infectados nas nossas comunidades, assumindo responsabilidade, dizendo a verdade e vivendo como luz do mundo (Mateus 5: 13 –16).

Em grande medida, as Igrejas da Zâmbia ainda não trataram adequadamente do problema do VIH/SIDA. De vez em quando, é realizado um seminário, e o pessoal médico é convidado a fazer discursos: mas ainda não foi dada uma resposta com motivação teológica. Exceptuando o papel assistencial desempenhado, na associação de mulheres, pela maioria dos membros femininos da Igreja, as nossas Igrejas parecem encontrar-se numa fase de recusa. O púlpito fez muito pouco para abordar esta praga humana. Ouvem-se sermões mais desaprovadores e moralistas (em especial ao condenar o uso de preservativos nas mensagens de prevenção) do que propostas concretas sobre como atacar a epidemia.

A falta de grupos de apoio a nível congregacional local é um desafio imenso para a Igreja, se esta pretender empenhar-se efectivamente no combate ao VIH/SIDA. A ausência de grupos de apoio nas comunidades de fé locais incentiva o estigma. Têm de ser dados os meios suficientes às comunidades de fé para discernirem a vontade de Deus em situações contextuais como a colocada pelo VIH e SIDA.

O problema é ainda mais complexo pelo facto das instituições teológicas onde os pastores são formados terem introduzido apenas recentemente um programa de estudos que aborda o VIH/SIDA. Os pastores que foram formados antes da introdução do programa de estudos sobre o VIH/SIDA continuam a ser a maioria, e é necessário aumentar o programa de readaptação profissional. Isto coloca por si um novo desafio.

A presença do VIH/SIDA na comunidade zambiana, em espe-

Não podemos enganar Deus, mas podemos tentar enganar as pessoas. Isolei-me dois anos com o meu segredo. Dois anos num inferno psicológico, espiritual e emocional. Dois anos de mentiras, desculpas e repressão. Dois anos que me afastaram cada vez mais dos amigos e família, para uma solidão fria e escura. Afastei-me da minha Igreja. Enfrentava a excomunhão.

PREBEN BAKBO SLOTH, AFECTADO PELO VIH, DINAMARCA

cial mas não exclusivamente na comunidade religiosa, exige que os cristãos descubram quem são e como estão a reagir à necessidade urgente de agir no sentido da inclusão e justiça. Os cristãos não são apenas chamados a oferecerem caridade às pessoas cujos corpos físicos têm o vírus. Pelo facto de pertencerem a esta comunidade, a Igreja desafia-os a reconhecerem que o vírus atingiu o corpo de Cristo, que, desse modo, tem de dar uma resposta urgente, através de estratégias de intervenção tangíveis e realistas. A recusa, medo, traição, má informação, exploração e ignorância têm sido os principais obstáculos no tratamento do VIH e SIDA.

Os milagres de cura de Jesus

O Novo Testamento descreve as curas de Jesus. Curar faz parte de criar uma nova ordem na sociedade. Anuncia a salvação. Demonstra justiça. Aponta no sentido do shalom, a integridade pretendida por Deus para toda a criação.

Por contraste, muitas das curas efectuadas pelas Igrejas hoje foram cooptadas pelo 'sistema'. Em vez de testemunhar uma nova ordem baseada na justiça de Deus, é fácil fazer um compromisso difícil com o sistema em vigor.

Com muita frequência, os seres humanos são cerrados em definições de cuidados de saúde estreitas, provincianas e que procuram o proveito próprio, que não estão claramente de acordo com a Bíblia e reforçam a compartimentalização da vida que recusa a integridade da mensagem do Evangelho. Quando a saúde é restringida ao indivíduo, quando as pessoas são encarceradas pela promessa resplandecente de domínio tecnológico, quando não se consegue unir os cuidados de saúde e a justiça social e quando se recusa que a cura tem uma relação intrínseca com o cuidarmos da terra, então, temos uma indicação clara de que há uma resistência à definição bíblica de saúde, cura e integridade.

Desde o início da Bíblia, é claro que toda a criação é uma, proclamada como boa, e intimamente relacionada com o seu criador. A intenção de Deus para a criação é expressa na visão de shalom referida no Velho Testamento: um termo que indicava uma integridade, realização, harmonia, e paz que caracterizaram a Terra e todos os seus habitantes. Esta é a origem da compreensão de saúde da Bíblia; oferece uma base para a compreensão de salvação do Velho Testamento. Este shalom nunca é individual mas conjunto, experimentado em comunidade. Não é nunca só entre pessoas, mas incorpora sempre

uma relação certa com toda a criação. O seu objectivo não é domínio e mestria humanos, mas o louvor e glória de Deus.

Jesus Cristo surge como o príncipe deste shalom. Paz - no corpo de Cristo - é ser o sinal de que a própria criação foi resgatada. O reino de Deus virá sobre a Terra. São estes os alicerces de todo o ministério de cura da Igreja - cura da pessoa, cura da comunidade, cura da Terra, para a glória de Deus.

O conceito da Igreja como uma comunidade que cura tem origem na crença de que o corpo de Cristo é uma realidade global e ecuménica. Embora as comunidades possam ter visões e formas diferentes de colaborar para cumprirem a sua missão, em última instância todas existem para curar as nações.

O ministério de cura

Tal como no tempo de Jesus, o ministério de cura da Igreja hoje tem de se enraizar firmemente no contexto das vidas das pessoas. Nenhuma forma de necessidade humana, nenhuma área de sofrimento é excluída da compaixão de Jesus.

No Novo Testamento é-nos apresentada a carne e sangue de Jesus, que se encontra enredado na controvérsia sobre os seus ministérios de cura e pregações no templo. O toque de Jesus é o toque que cura do Mais Santificado. Ele nasce num mundo em que a doença e o sofrimento são desmedidos. Muito cedo, Ele compreende que as ordens do templo relativas à santidade constituirão um obstáculo ao seu trabalho de cura. Jesus terá de decidir se vai observar as leis da Tora e do templo ou ser obediente a Deus.

Jesus redefiniu o significado e actividades de santidade. Em Jesus, a santidade incluía a participação nas vidas dos outros. A santidade tornou-se um acto de compromisso, não um estado de separação. Em Jesus, a santidade assumiu o sofrimento dos outros; a santidade associada com o que é humilde, modesto, desprezado. Em Jesus, o toque santo foi o toque da inclusão e participação; o toque que disse 'tu fazes parte.'

Num mundo tão fascinado com a noção da causa pecaminosa do sofrimento, Jesus entrou, e deu atenção à doença e sofrimento como oportunidades para se experimentar a compaixão e amor de Deus. Num mundo que julgou claramente alguns como pecadores e excluiu outros, chegou esse homem Jesus e, ao perdoar o pecado e curar a lepra, deu uma visão do reino mais justo e misericordioso de Deus.

Do ponto de vista histórico, os códigos de pureza estabele-

ceram fronteiras externas que delinearam o que é santo e profano, puro e impuro. Os mais puros, santos e dignos eram os sacerdotes e os levitas, aqueles ligados ao serviço do templo. Do outro lado do espectro encontrava-se a lepra. Estigmatizada como aquilo em que a impureza dominava, a lepra era a mais receada: aquela que era anunciada com as palavras, 'impuro, impuro.'

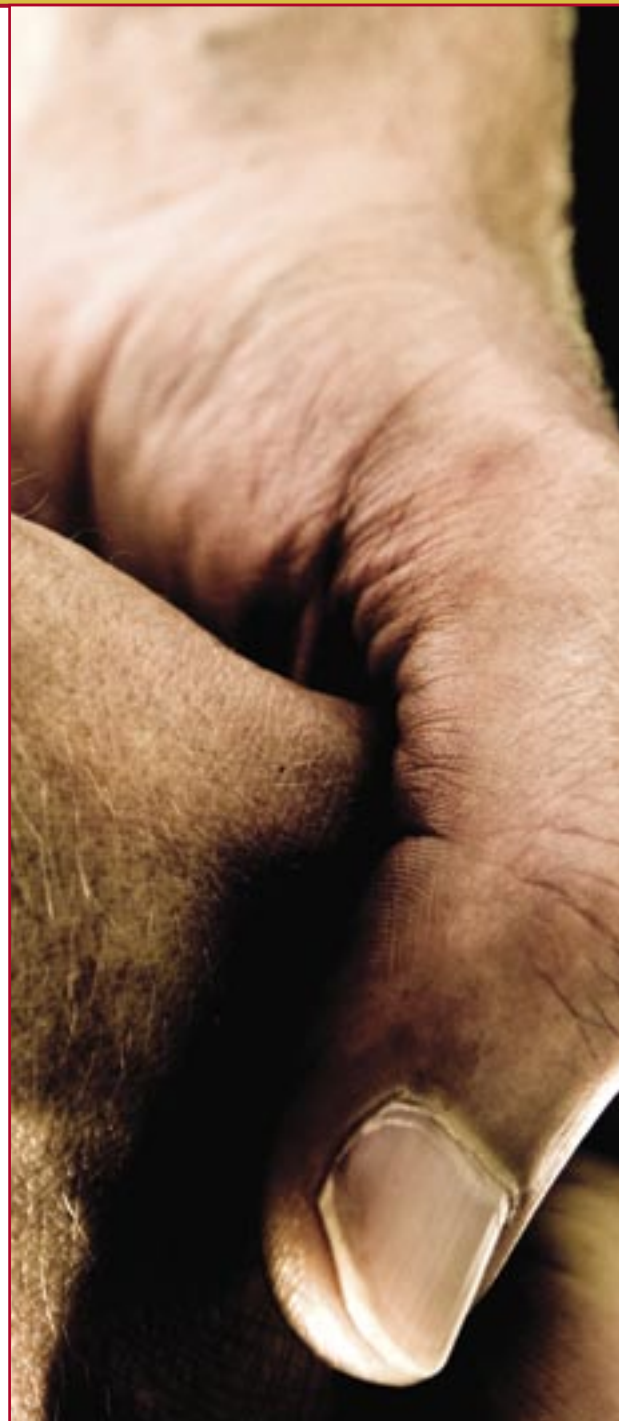
Foi a esse mundo que Jesus chegou e tocou os leprosos. A esse mundo Jesus chegou e trouxe uma imagem de santidade definida não pela sua distância daquilo que era considerado impuro, mas pela sua proximidade a isso. Num mundo tão dividido e separado dentro de si mesmo, Jesus chegou e, com o seu toque, restaurou a comunidade humana.

O Jesus radical e provocador violou os códigos de pureza. Foi rejeitado, forçado a ir para o campo devido à sua associação e contacto físico com os leprosos. Foi desprezado pelo templo, uma vez que aceitou perdoar os pecados do povo. Este Jesus dos milagres de cura é o Jesus com quem muitas pessoas perderam contacto no início da epidemia da SIDA.

No início dos anos 80 e 90, muitos sentiram-se obrigados a pregar a ira de Deus, a proclamar as palavras de juízo e condenação de Deus; a proclamar que a SIDA é o castigo de Deus pelo pecado. Isso era contrário certamente ao Jesus dos milagres de cura, presente sempre junto dos doentes e sofredores; o Jesus que sempre se colocou a si e ao amor incondicional e imensurável de Deus precisamente no ponto onde a criação de Deus mais sofria. Se o Jesus histórico estivesse presente fisicamente hoje, apresentar-se-ia com os sinais visíveis do Sarcoma de Kaposi. Tão completa, total e inevitável seria a sua identificação com todos os que vivem com VIH/SIDA.

Os milagres de cura do Novo Testamento apresentam-nos um Jesus que quebrou barreiras, que assumiu riscos que nos desafiam hoje. Jesus arriscou tudo, incondicionalmente, pelo próximo, sem medo da sua reputação. Arriscou a sua vida e perdeu-a, depois voltou para revelar a promessa das escrituras de vida eterna. O desafio de Jesus está omnipresente neste momento de Kairos. Jesus pode ser encontrado no rosto de qualquer pessoa que vive com VIH/SIDA.

Se a Igreja se atrever a trabalhar em estreita colaboração com as pessoas que vivem com VIH/SIDA, surgirá à superfície uma maior compreensão de amor. A SIDA ensinou à humanidade coisas sobre o amor que transcendem os debates de todas as Igrejas de todos os séculos. A epidemia da SIDA ofereceu



à Igreja uma oportunidade de aprender sobre o carácter do amor que sustenta e apoia, na doença e na saúde, e ao aprender a cuidar uns dos outros e amar-nos uns aos outros nos melhores e piores momentos, a SIDA trouxe à comunidade de crentes experiências de amor que são mais amplas que algo jamais experimentado, compreendido ou solicitado. No meio de toda a dor, agonia, medo, solidão e perda, a Igreja é tomada por um amor deste tipo.

Uma Comunidade que Cuida

A Igreja tem de cuidar do seu ministério de cura no meio da epidemia de SIDA. As Igrejas têm de fazer um pacto de cuidados, um conceito que é tão simples e, no entanto enraizado tão profundamente no Velho e Novo Testamento.

As realidades políticas e sociais mais amplas com que a Igreja

A Igreja - no sentido mais profundo da palavra - não é uma instituição, estrutura ou denominação. A Igreja é uma comunidade - o testemunho comunitário do amor onnipresente de Deus nas vidas das pessoas. É uma comunidade que tenta servir Cristo num mundo que vê diariamente a família humana atormentada, despedaçada e torturada. A Igreja é uma união comunitária dos que lembram, seguem e servem o Cristo, que foi um homem sofredor, rejeitado e desprezado.

JAPHET NDHLOVU

na Zâmbia se defronta actualmente são tão enormes que há a tentação de nos focarmos na crise da SIDA num isolamento relativo dos vários problemas que constituem os seus alicerces sólidos. O significado da crise da SIDA não pode ser reduzido, mas tem de ser colocado numa perspectiva adequada. Para além do problema do vírus, a maior parte dos problemas vividos pelo povo zambiano representam velhos problemas que foram mal remendados e enfaixados ou ignorados por inteiro.

De preferência, os cuidados às pessoas que vivem com o VIH/SIDA devem incluir uma vasta gama de cuidados de saúde e serviços sociais concebidos para aumentar a qualidade de vida, maximizar a opção individual, e minimizar os cuidados hospitalares e institucionais. Os serviços domiciliários devem ser prestados com compaixão, por forma a permitir que as pessoas que vivem com VIH/SIDA e os seus entes queridos ajam como parceiros dos prestadores de cuidados de saúde. Aqueles que cuidaram de pessoas com VIH/SIDA sabem que a doença, especialmente nas últimas fases, apresenta desafios complexos. O conjunto de infecções oportunistas que caracterizam a SIDA podem atacar virtualmente qualquer parte do corpo, dado que esta recusa teimosamente a limitar-se a um único órgão ou estratégia de tratamento.

Os cuidados têm de variar entre populações diferentes. A doença do VIH nas mulheres manifesta-se de forma bastante diferente que nos homens; a doença do VIH nas crianças manifesta-se de forma bastante diferente que nos adultos. As complicações neurológicas da doença do VIH podem colocar desafios únicos. Os indivíduos com a doença do VIH têm também necessidades sociais e psicológicas únicas resultantes da natureza terrível da doença e do estigma que acompanha o diagnóstico.

Na realidade, os sistemas de serviço de saúde e humanos (bem como muitas famílias) estão já assolados pela crise, ou mal preparados para lidarem com ela. É improvável que Jesus se tivesse sentido em casa nesta paisagem confusa, rodeada de todos os lados por normas estritas que regem o que está certo e errado, o que é comportamento adequado e pecaminoso, e quem será bem-vindo ou afastado às portas das igrejas e templos.

Redes de Contactos

Construir redes de contactos e parcerias serão elementos essenciais do processo futuro. A Igreja na Zâmbia não tem escolha na luta contra o VIH/SIDA senão construir redes e

alianças estratégicas com as ONGs de carácter semelhante para reforçar os cuidados às pessoas que vivem com o VIH/SIDA.

Tem de haver reflexões teológicas adequadas que abordem a verdade, liberdade, justiça, paz, sexualidade, ministério e moralidade, camaradagem, cuidados e educação. Podemos apenas discernir a vontade de Deus para a situação presente através de liderança crítica e sensível no sentido de provocar uma cura autêntica. A função da Igreja local e da rede de contactos são componentes essenciais de uma visão da Zâmbia sem VIH/SIDA. Nada disto se pode materializar e ser mantido se não houver um processo contínuo de mediação, formação e definição de visões.

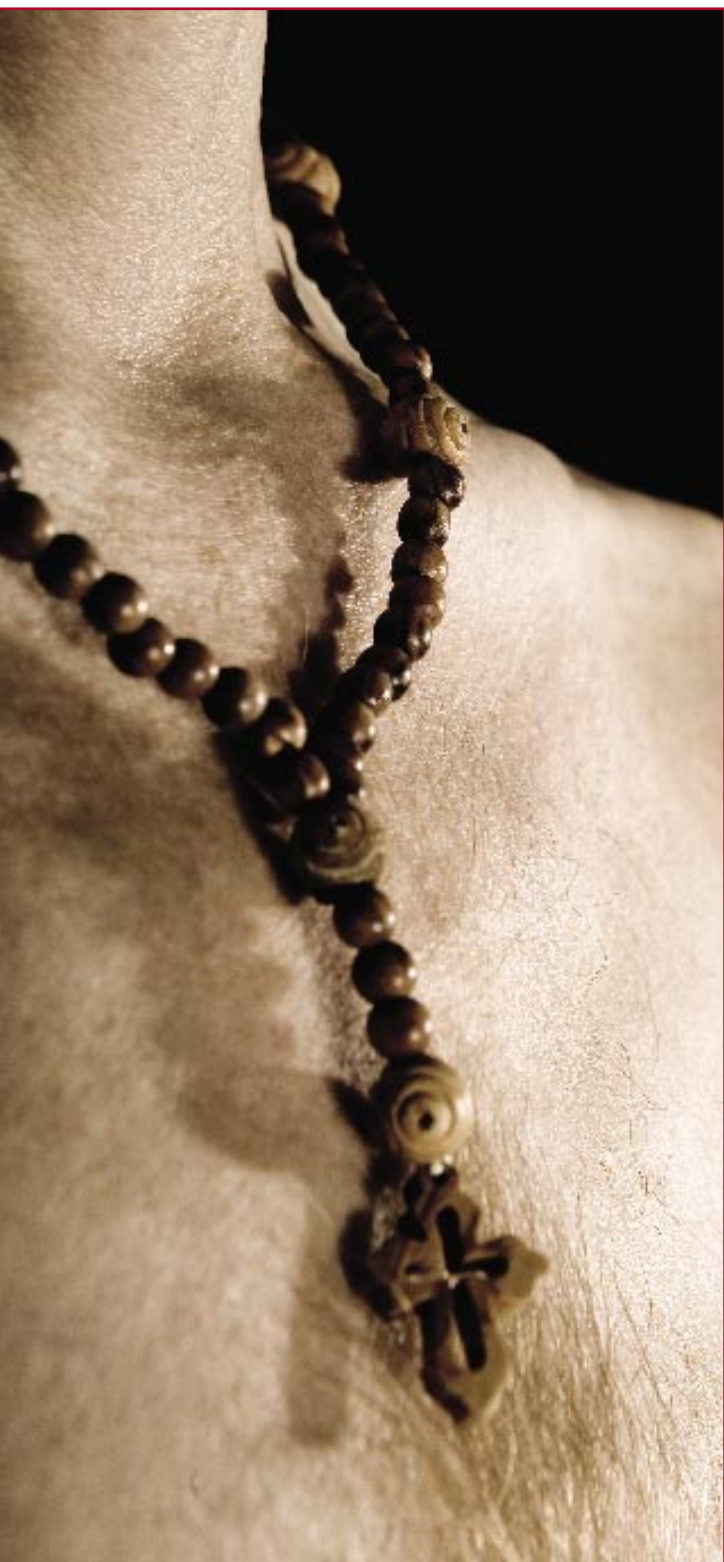
Os chefes religiosos que já estão encarregados de muitos outros deveres podem não realizar estas tarefas adicionais. Ao nível de todas as estratégias acima indicadas, a Igreja na Zâmbia poderia oferecer um contributo valioso mobilizando o seu capital social.

A Igreja envolveu as pessoas a um nível profundo. Em qualquer semana do ano, os cristãos pertencentes a todos os extractos sociais interagem em congregações e efectuam várias actividades no seio das comunidades. Na maior parte da Zâmbia rural, a Igreja é quase a única instituição social com que as pessoas, cristãs e não cristãs, têm alguma ligação. Cinquenta por cento de todas as instalações de saúde rurais na Zâmbia são fornecidas pelas instituições religiosas.

A Igreja na Zâmbia ocupa, assim, um papel social estratégico e oferece uma rede vasta que liga os cidadãos comuns em muitas actividades sociais e económicas. Deste modo, a galvanização de esforços dos seus membros libertaria energia no sentido de erradicar o estigma e discriminação associados com o VIH/SIDA, e ajudaria a construir uma Zâmbia sem VIH/SIDA.

Tal como uma mulher seropositiva para o VIH disse uma vez na Zâmbia, "Deus não nos pediu para julgarmos, mas para orientarmos, apoiarmos, amarmos, cuidarmos e levarmos esperança às pessoas que vivem com o VIH. Não me julguem por favor, aproximem-se de mim, conheçam-me, apoiem me. Como pretendem que cresça se não me derem uma chance?"





Pessoas vivendo com VIH e a comunidade cristã

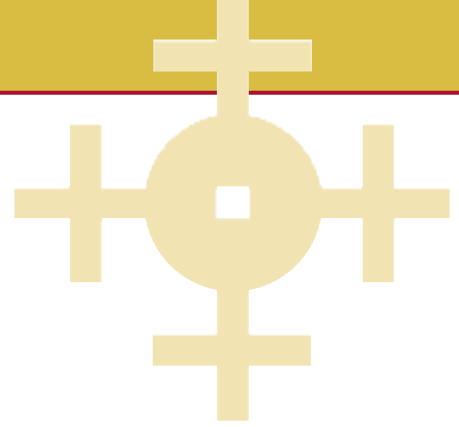
O Corpo

POR THEODOR JØRGENSEN

Paulo compara a comunidade cristã ou a Igreja a um corpo e chama-lhe o Corpo de Cristo (v. 1 Coríntios 12:12ss). É uma boa comparação, que vale a pena reter quando a confraternidade cristã é posta em prática na vida diária. Um corpo tem muitos órgãos diferentes com muitas funções diferentes, mas todos pertencem ao mesmo corpo. Ao partilharem, deste modo, a vida em conjunto, quando um órgão padece, todos padecem, e se um está feliz, todos partilham essa felicidade. O mesmo se aplica à Igreja como Corpo de Cristo, diz Paulo. Cada indivíduo é um órgão do corpo e pertence, em conjunto com todos os outros, à vida comum em Cristo.

Paulo vê uma estreita ligação entre a Igreja como Corpo de Cristo e a celebração da eucaristia: "O pão que partimos, não é uma participação do corpo de Cristo? Dado que há um pão, nós que somos muitos somos um corpo, dado que todos participamos do mesmo pão" (1 Coríntios 10:16s). Na celebração da eucaristia, a confraternidade da Igreja com e em Cristo como seu corpo torna-se tangível. A vida em Cristo, na qual participamos através da eucaristia, é também uma vida com e para os outros na alegria e sofrimento - alegria e sofrimento que são a alegria e sofrimento do próprio Cristo.

Há algo profundamente perturbador na forma como Cristo disse que estará presente na sua Igreja. Mas não ficamos perturbados, porque estamos tão habituados a concentrar-nos apenas em duas formas: a pregação da Palavra e a administração dos sacramentos do baptismo e eucaristia. Mas Jesus disse também que estaria presente no nosso semelhante sofredor. Esta é uma terceira via. Na parábola do Juízo Final em Mateus 25:31ss, Cristo confirma isto claramente na sua resposta aos justos: 'Em verdade vos digo: Quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos (ou seja os esfomeados, sedentos, sem roupa, estrangeiros, doentes, prisioneiros), a Mim o fizestes'. E, de forma correspondente, aos que estavam à sua esquerda: 'Quantas vezes o deixastes de fazer a um dos meus irmãos mais pequeninos, também a Mim o deixastes de fazer'.



DINAMARCA de Cristo

Da mesma forma que Cristo está presente para nós na eucaristia, temos de estar presentes para ele quando ele vem ter connosco através do nosso semelhante sofredor. É isto que significa partilhar com Cristo também no seu sofrimento. Mas que Igreja local põe isto em prática?

A reflexão sobre esta questão pode talvez levar à reflexão sobre toda a questão do que significa ser uma comunidade cristã.

É a nível das paróquia que têm de ser tomadas acções decisivas, dado que Cristo vem ter connosco através das pessoas com VIH/SIDA, tal como vem ter connosco através de cada ser humano sofredor. O sofrimento provocado pela SIDA é o sofrimento do próprio Cristo. Passar por pessoas com VIH/SIDA é passar pelo próprio Cristo. Dar às pessoas que padecem de SIDA toda a ajuda e amor que podermos é dar ajuda e amor a Cristo.

Tabu na Igreja

Dito isto, não será necessário dizer mais nada. Tudo o resto será óbvio. Mas é preciso dizer mais - especialmente porque a SIDA é sobretudo uma doença sexualmente transmitida, e no contexto nórdico do seu surto parecer ter sido geralmente restringida a círculos homossexuais, ou seja ligada à actividade homossexual. Mas essa é uma esfera da vida que tem sido tabu na Igreja. Foram conseguidos avanços notáveis ao falar de sexualidade como uma expressão de amor para com o próximo. Há agora apenas uma ínfima minoria de cristãos que legitimariam a sexualidade apenas pela necessidade de multiplicação da espécie. Mesmo assim, a sexualidade em si pode levar a sentimentos conscientes ou inconscientes de culpa. E no caso da homossexualidade, o percurso até ao reconhecimento geral nos círculos cristãos de expressões de amor pelo próximo por pessoas com essa tendência parece ainda longo. Antes pelo contrário: há os que dizem que a SIDA é o castigo de Deus pela homossexualidade, ou mais indirectamente afirmam que é a forma da natureza se vingar contra o que consideram uma forma não natural de contacto entre seres humanos.

Isto significa que muitas pessoas a quem foi diagnosticada SIDA como doentes de VIH ou que já têm sintomas de SIDA

evitarão a Igreja. Têm medo antecipadamente de serem condenados. E isso aplica-se também a amigos e família dos doentes de SIDA.

Culpa e responsabilidade

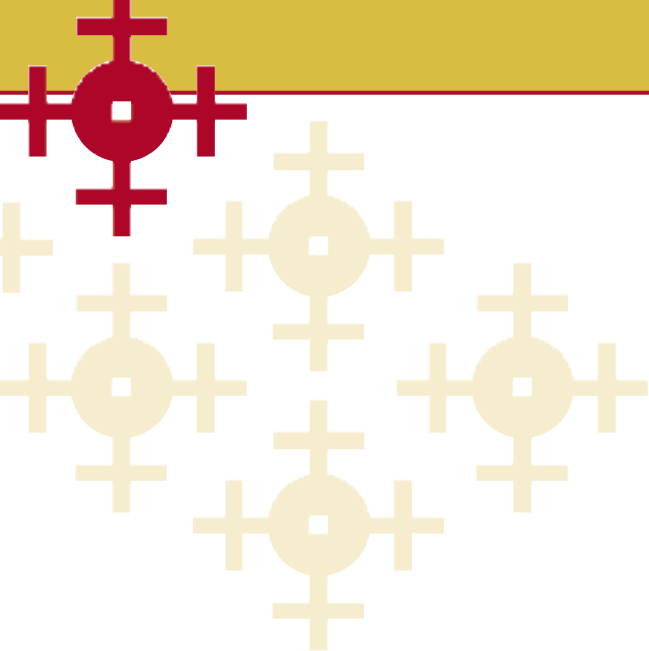
A Igreja devia ser a comunidade onde as pessoas com SIDA e as suas famílias deveriam experimentar o contrário daquilo que experimentam tão frequentemente. São geralmente isolados no seu local de trabalho e perdem o seu posto de trabalho, perdem os amigos e o seu círculo social, são vistos como "gente indigna". Ninguém se atreve a tocar-lhes, às vezes nem mesmo os médicos ou enfermeiros. Em resumo, são tratados como lixo e suspeita-se que sejam uma ameaça para o seu meio-ambiente e um perigo para a sociedade. Alguns pensam mesmo que devem ser isolados e talvez mesmo encarcerados.

E o receio de morte acompanha frequentemente os sentimentos de culpa. No contexto nórdico, a SIDA é apelidada de doença ligada ao estilo de vida, dado que o perigo de se infectar depende, em grande medida, dos hábitos sexuais de cada pessoa. As pessoas com VIH/SIDA não podem, dessa forma, evitar a questão da culpa e da responsabilidade pelas suas vidas - e também pelas vidas dos outros que possam, involuntariamente, ter infectado.

"Se não tivesse feito o que fiz, o que poderia ter acontecido à minha vida e talvez à de outra pessoa?" Toda a culpa conduz à morte, dado que destrói uma área da vida para os outros e para si mesmo. Ninguém deve esquecer isso. Mas para as pessoas com SIDA, esse facto é tão dolorosamente óbvio que pode parecer uma praga. E quando o sentimento de estar amaldiçoado acompanha o facto de se ser rejeitado, uma pessoa não se pode sentir mais em baixo.

Não é castigo de Deus

Se o sofrimento das pessoas com SIDA é o próprio sofrimento de Cristo, devem encontrar na Igreja o contrário de condenação, o contrário de isolamento, rejeição e medo de contacto. O que é que isto significa para a comunidade cristã no seu encontro com pessoas com SIDA?



Significa sobretudo que levamos a sério aquilo que nós geralmente cantam e professam a respeito de Cristo nos seus cultos. Tal como esta passagem do Livro dos Hinos Dinamarquês: “Levaste contigo a nossa culpa e arcaste com a nossa vergonha para maneres as nossas almas vivas.” Dado que Cristo na cruz arcou realmente com a nossa culpa, e sofreu a morte por nós, de uma vez por todas, como castigo por essa culpa, a morte não pode continuar a ser o castigo de Deus para nós, um facto que é claramente expresso no culto, na absolvição.

Em nenhum caso, a morte que as pessoas com SIDA enfrentam, como consequência da sua doença, pode ser descrita como castigo de Deus. Da perspectiva da Sexta-feira Santa e da manhã de Páscoa, a sua morte é igual a qualquer outra: uma morte de que Deus nos salvará, para nos levar à ressurreição e vida eterna. Dado que o sofrimento das pessoas com SIDA é também o sofrimento de Cristo, estes estão também incluídos na ressurreição de Cristo. Ou, nas palavras do mesmo hino, “Por nós morreste e ressuscitaste, compraste-nos com o teu precioso sangue, e só tu és a nossa bem-aventurança.”

A comunidade cristã

Como é que a comunidade cristã pode tornar isto credível para as pessoas que vivem com o VIH/SIDA? Acima de tudo pela sua atitude. A confiança, abertura, entusiasmo, aceitação devem caracterizar a atitude cristã perante as pessoas com SIDA. Uma das dificuldades básicas com que as pessoas com SIDA

se debatem é serem capazes de afirmar a sua própria vida tal como é, e manterem a sua própria dignidade humana. Perante a desconfiança a que são votados, é uma ajuda preciosa saberem que são importantes para os outros, que a sua vida significa tanto para os outros que estes não podem deixar de dar o seu contributo. Não na forma de “caridade”, entendida como tendo de ser bons para os menos afortunados. Esse tipo de caridade pode ser tremendamente humilhante. Não, esse envolvimento tem de ser na forma de respeito e amor. No seu contacto com as pessoas que vivem com VIH/SIDA, a comunidade cristã deve fazê-los compreender e estar cientes de que as suas vidas tiveram, e continuam a ter, um valor inestimável para Deus. As pessoas com VIH/SIDA devem ter consciência do seu papel na comunidade, não só como aqueles que recebem, mas como alguém que tem algo a dar. Na aceitação básica de Deus das pessoas com SIDA, este usa a comunidade cristã como as suas mãos. E como parte do corpo de Cristo, as pessoas com SIDA dão o seu contributo para a vida e crescimento comuns do Corpo.

O que é necessário são acções específicas, tão específicas como os exemplos que o próprio Jesus nos dá na parábola do Juízo Final (Mateus 25:31ss): atender às necessidades diárias, visitar, ouvir, falar, ter tempo para discutir os problemas imediatos que surgirão inevitavelmente ao longo do tempo, mas também ter tempo para falar sobre a vida e a morte, culpa e perdão e vida eterna. De qualquer modo, deve ficar claro e preciso que a vida não acaba simplesmente com a morte, mas



é abarcada por uma esperança viva através da ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos. A vida de cada pessoa atingirá, assim, o seu auge para além da morte, independentemente de quão casual e insignificamente a morte possa parecer ter chegado àquela vida. E por fim, um factor simples, mas extremamente importante neste contexto: Os cristãos têm de mostrar ternura física através do toque, abraços e carícias. As pessoas com SIDA sentem o medo de contactos físicos por parte das pessoas que encontram, de uma forma assustadora. Isto é apenas histeria e falta de realismo, dado que sabemos qual é o modo de transmissão e, deste modo, o perigo mínimo de infecção que existe. O medo de contactos físicos faz as pessoas com SIDA sentir uma solidão literalmente de morte. Na comunidade cristã, esse medo de contactos físicos deve ser impensável.

Mas, e se alguns pensarem, no entanto, que o perigo de infecção é maior do que inicialmente suposto e o risco de se contagiarem também é maior? "Quem achar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida por minha causa, achá-la-á", disse Jesus (Mateus 10:39). Há, assim, uma antiga tradição na Igreja de arriscar a sua própria vida, se necessário, quando a vida e bem-estar de outra pessoa estiverem em risco. Os conventos demonstraram isto durante as epidemias na Idade Média, os que cuidam de leprosos provaram-no desde então. E, desde tempos imemoráveis, faz parte da ética médica. Se a esperança cristã pretender tornar-se realmente convincente para as pessoas com SIDA, estas devem poder aperceber-se de

que a comunidade cristã se libertou do medo da morte, que se traduz no medo de contactos físicos com que se deparam de resto.

A Igreja local

A nível da Igreja local, o companheirismo confiante pode ser concretizado de forma ideal através da criação de grupos de apoio. Estes devem ser constituídos por famílias e indivíduos que, em cooperação com outros grupos de apoio na área, pretendam abrir as suas casas, darem ajuda específica e visitarem as pessoas com SIDA em suas casas ou no hospital. Estes grupos de apoio têm de se dar a conhecer de qualquer forma, para que as pessoas que vivem com VIH/SIDA possam saber a quem se dirigir com plena confiança - se, por exemplo, alguém que foi declarado VIH positivo pretender continuar anónimo, mas precisar de alguém com quem partilhar este conhecimento opressivo. Estes grupos de apoio devem tornar-se associações com elas na forma de comunidades populares que realizam cultos e, não menos importante, celebram a eucaristia em conjunto - uma vez que a eucaristia é a expressão mais forte dessa associação em Cristo, onde ninguém fica excluído.

O VIH/SIDA é um desafio para as paróquias e pode levar a uma compreensão daquilo que significa na prática viver como um Corpo de Cristo, sentindo em conjunto as alegrias e sofrimento da vida, com a esperança clara da vida eterna concretizada pelo serviço atencioso aos outros, em que encontramos o próprio Cristo no nosso semelhante sofredor.

As iniciativas globais têm de ser feitas em conjunto com as actividades locais de base, para criar apoio e solidariedade para as pessoas infectadas ou afectadas pelo VIH e SIDA.

MOÇAMBIQUE

Estigmatização

POR ELIAS ZACARIAS MASSICAME

Só se consegue lutar contra a estigmatização das pessoas com VIH/SIDA e a segregação das famílias afectadas se o VIH/ SIDA for integrado em práticas culturais e em abordagens actuais desmistificadas. A pessoa afectada pelo VIH/SIDA é um ser humano e continua a ter direito à vida e à dignidade. Haverá uma altura em que o VIH/SIDA será levado a sério e passará a ser uma das realidades culturais do mundo?

Qualquer paciente merece o apoio e a solidariedade das outras pessoas para ultrapassar o impacto psicológico da doença. Mas a doença de um membro da família, embora simples, afecta os outros membros da família, especialmente se o infectado for o chefe de família. Tal como qualquer outra pessoa, tem sentimentos e precisa do amor, carinho e apoio dos outros, em especial dos amigos e familiares. E é no sofrimento que a solidariedade e o amor são mais precisos, porque o desespero é maior.

Enquanto sociedade, a Igreja é chamada a promover a compreensão, a proximidade, o carinho, o amor e a compaixão, segundo o exemplo de Jesus Cristo. Deus está sempre com todos e sabemos que Ele não abandona os que estão infectados ou afectados pelo VIH/SIDA.

O Cristianismo, enquanto comunhão de pessoas fiéis a Cristo, deve ser um instrumento de amor para com os outros e um refúgio para os que estão doentes. Mas, para sermos solidários uns com os outros, precisamos de aprender a valorizar a vida

em primeiro lugar e a valorizarmo-nos, para nos colocarmos numa melhor posição para dar amor aos outros. Numa situação de VIH/SIDA, a necessidade de ter um sentido de valor e valorizar o outro é muito importante.

Em cada sociedade, o comportamento e a mudança de atitude são profundamente influenciados pela cultura e pela maneira como as instituições de uma sociedade materializam a sua cultura. A Igreja, como instituição que desempenha um papel importante no processo da socialização, especialmente em tempos de crise, tem de encontrar sempre uma abordagem mais contextualizada se quiser tornar-se a luz e o sal do mundo.

O que é o pecado?

Muitas pessoas pensam que o principal problema que teriam de enfrentar se fossem seropositivas era serem vistas como pecadoras. Esta forma negativa de pensar tem levado muitas pessoas ao isolamento. Ver com um olhar condenador as pessoas doentes com VIH/SIDA resulta em estigma e numa total rejeição por parte da sociedade.

A sociedade precisa de compreender que o VIH/SIDA não é sinónimo de pecado. Pelo contrário, é pecado quando discriminamos e rejeitamos o nosso irmão ou irmã por ele ou ela estar infectado/a ou afectado/a pelo VIH/SIDA.

O amor e a compaixão caracterizam o sacerdócio de Jesus e, por isso, torna-se acima de tudo um imperativo para aqueles que são chamados pelo Seu nome de Cristo. Como Cristãos somos chamados a amar e não a julgar. O próprio Jesus deu-nos o exemplo na forma como mostrou amor e compaixão pelo sofrimento. Jesus diz-nos: "... amai-vos uns aos outros como a vós mesmos". Por isso, devemos ter compaixão "na intenção deliberada do sofrimento para com o próximo".

A Igreja e os Cristãos estão encarnados em Cristo e, por isso, são chamados a expressar o amor de Jesus para com aqueles que estão infectados com VIH/SIDA e a tratá-los com compaixão e carinho. Isto significa que enquanto Seus representantes, Cristo deverá estar representado em nós mesmos e que não deveríamos agir de um modo que nos agrada, mas sim de um modo como Jesus agiria se estivesse fisicamente presente. Precisamos de compreender também que o vírus é um inimigo e reconhecer que as pessoas com VIH/SIDA têm uma grande experiência da pandemia, que pode ser utilizada em benefício de todos.

A luta contra a discriminação e a estigmatização não é uma tarefa fácil. Requer um entendimento, consentimento e apoio dos infectados e afectados e de outros grupos da sociedade que incluem a família, os amigos, a Igreja, as organizações não governamentais, o governo e os legisladores.

O papel das Igrejas

A Igreja e as comunidades Cristãs têm um papel importante a desempenhar, enquanto parte da sociedade, no combate à pandemia do VIH/SIDA e de outras doenças sexualmente transmissíveis.





Uma Igreja é um local de culto, consolo e camaradagem. Mas na maioria dos casos, o VIH foi considerado uma situação vergonhosa. Dado que não podemos falar abertamente sobre sexualidade, muitas pessoas são estigmatizadas.

CIRCLES OF HOPE (CÍRCULOS DE ESPERANÇA), ZÂMBIA

Uma vez que o VIH/SIDA tem afectado todos os aspectos da humanidade, bem como os culturais, espirituais, económicos, políticos, sociais e psicológicos, entre outros, acreditamos que a Igreja pode desempenhar os seguintes papéis importantes:

- ensinar e falar com as comunidades sobre a sexualidade humana;
- exercer pressão e defender as pessoas com VIH/SIDA de forma a reduzir o estigma e a discriminação;
- aconselhar e cuidar dos doentes oferecendo-lhes o amor e o carinho de que tanto precisam;
- proteger órfãos e crianças vulneráveis;
- promover e encorajar o tratamento de doenças relacionadas com o VIH/SIDA.

A necessidade de um modo de vida saudável

O Arcebispo Anglicano da Cidade do Cabo, Njongonkulu Ndungane, afirmou que uma razão para a relutância em falar sobre o VIH/SIDA, em especial por parte dos pais aos filhos e aos jovens, é o medo de embaraço por parte da sociedade e Igreja. Ao mesmo tempo, a tradição de não se falar sobre sexo até um jovem estar prestes a casar-se, também tem sido um obstáculo. Esta situação deixa as crianças e os jovens vulneráveis ao

VIH. Felizmente, existe uma consciencialização cada vez maior sobre o VIH/SIDA e há tentativas para o encarar através da forma como as pessoas estão incluídas num contexto social e global, em que a qualidade de vida em termos de acesso à água e ao saneamento, alimentação e nutrição, emprego, distribuição da riqueza, acesso a serviços de saúde e participação na vida política, entre outras coisas, determina o estado de saúde de uma pessoa.

Tornar o corpo forte, criar auto-estima e um sentido de propriedade numa pessoa é a única base sobre a qual as pessoas podem levar vidas decentes e saudáveis.

Para que um cidadão leve uma vida saudável não basta tomar precauções contra as infecções. Se as condições de saneamento forem inadequadas, se a qualidade da água for má, isso afectará o ambiente em que as pessoas vivem e poderá criar condições para doenças endémicas como a malária e a meningite. A falta de meios financeiros para responder às doenças pode também dar origem a transfusões de sangue sem condições de segurança que podem pôr em risco a vida dos cidadãos. A sensibilização e a educação de pessoas sobre saúde pública e o VIH/SIDA só podem ser alcançadas quando as iniciativas em curso forem consistentes e tratarem as causas de origem.

O programa VIH/SIDA do Conselho Cristão de Moçambique deu o primeiro passo em direcção a uma abordagem holística ao ligar as suas actividades sobre o VIH/SIDA à luta contra outras doenças endémicas, tais como a malária, diarreia, doenças sexualmente transmissíveis, doenças de pele e a má nutrição.

As pequenas iniciativas levadas a cabo a nível ecuménico como o estabelecimento de estruturas que lidam com o VIH/SIDA e a literatura de oração já produzida devem ser divulgadas através das línguas oficiais do movimento ecuménico mundial para que sejam partilhadas por todos. Os países africanos também devem procurar formas através das quais as línguas africanas possam ser utilizadas na divulgação de informações sobre o VIH/SIDA.

O problema só poderá ser resolvido se houver uma vontade global por parte daqueles que têm as informações, os conhecimentos científicos, os meios financeiros e a vontade política para fazerem a diferença. As iniciativas globais, em conjunto com as iniciativas locais, em que a população local faz parte da solução, diminuirão o impacto psicológico de qualquer surto da doença.



Pensamentos, reflexões e experiências por pessoas
que vivem ou estão afectadas com VIH ou com SIDA

NORUEGA

Sem Medo

Nas nossas reuniões entre pessoas seropositivas e seronegativas, em Oslo, o que sentimos foi que à medida que os participantes se mantinham mais unidos, as pessoas confiavam cada vez mais umas nas outras. Partilhámos pensamentos e questões, incidentes, fé, desespero e raiva. Então por que é que é tão difícil para a Igreja ser um espaço seguro para este tipo de partilha que cura?

O problema é que a Igreja significa coisas diferentes para diferentes pessoas. Os média, os sermões e as declarações daqueles que têm autoridade, combinam todos para dar a impressão de que muitas coisas na vida têm de ser deixadas de fora porque não têm lugar na Igreja. Tal como disse uma mulher com VIH: "Sentimos que a nossa vida tem de passar por uma espécie de censura quando falamos com os pastores". O sexo e o VIH são assuntos sobre os quais não se fala. E outro participante disse: "É tabu". Um desejo em preservar a identidade da Igreja – que é legítimo – parece resultar numa obsessão para com "as regras" e na exclusão ou vitimização daqueles que não vivem de acordo com elas: e isso faz com que seja muito difícil para a Igreja cumprir o outro papel, que é ensinar as pessoas a aceitarem-se a si próprias e aos outros de um modo honesto.

"A Igreja", disse um participante, "pode desempenhar um papel importante oferecendo um espaço seguro onde seja possível ser-se honesto e falar a verdade sobre a nossa própria vida e sobre as questões e dúvidas que temos." Isto não é tão simples como parece. "Por vezes encontramos atitudes e acções com as quais discordamos veemente. Porém, temos de aprender a aceitar as diferenças, a não colocar as pessoas em categorias separadas e a fazer juízos de valor nos quais baseamos as nossas opiniões sobre quem deve ser incluído e quem deve ser excluído. E devemos estar dispostos a descobrir que somos todos – ao nível da nossa humanidade básica – bastante parecidos". "No sentido mais profundo, isto é o conhecimento que está disponível a todas as pessoas, mas para pessoas com VIH é o conhecimento em primeira mão o que estão dispostos a oferecer como recurso a toda a comunidade da Igreja".

Encorajada por este sentido de abertura e segurança, a Igreja pode aprender a trabalhar com pessoas a níveis mais inacessíveis onde é preciso um palco "em que o medo e a mácula

podem ser trazidos à luz". Para que esse palco exista, é essencial que seja "Correcto falar sobre o que quer que seja que preencha as nossas vidas". É a este nível difícil e doloroso que as atitudes de estigmatização crescem e prosperam, e que se forjam padrões de vida destrutivos por entre os "desesperados que são vítimas dos preconceitos das outras pessoas". Tal como disse um participante: "Quando não existe irmandade, a pessoa com VIH pode ser perigosa para si própria e para as outras pessoas. Pode ficar com um péssimo humor e tornar-se destrutiva. O que faz com que seja possível tornarem-se responsáveis para com elas próprias e para com os outros é um ambiente seguro e de aceitação".

Os valores de uma comunidade

Ao explorarem uma base de valores possível para essa comunidade, os grupos resumiram a sua discussão em três ideias básicas que precisam de ser mantidas unidas:

- 1) O valor da diversidade humana, expresso em respeito pela singularidade de cada indivíduo;
- 2) A base normal de receio, vulnerabilidade e de humanidade comum que existe dentro dessa diversidade;
- 3) A compreensão de que somos membros muito diferentes de um único corpo.

: Por que é assim tão difícil de acontecer? "Porque em vez disso", disse um participante, "a Igreja reflecte muitas vezes os valores de competição, exclusão e sucesso económico que se encontra na sociedade". Depois apoia activamente esses valores através das suas estruturas hierárquicas. Mas, na realidade, a Igreja é chamada a ter uma hierarquia que é exactamente o contrário da hierarquia secular: Jesus sublinhou que aqueles que são estigmatizados pelo mundo são os mesmos que são chamados para envergonhar os fortes e os sábios". Porque o nosso mérito e a nossa identidade mais verdadeira têm a ver com o facto de sermos criados e amados por Deus. Isto faz também parte da imagem de Deus em nós: o Deus que diz: "Sou quem sou".

Esta visão aponta para uma contradição no centro daquilo que esperamos da Igreja e também para um grande desafio. Por um lado, queremos que as nossas Igrejas sejam comunidades fortes que nos mantenham a salvo das coisas que tememos. Por outro, queremos que sejam abertas e tolerantes e que nos

ajudem a enfrentar as coisas que tememos, e não a censurá-las. Negamos a nossa própria vulnerabilidade, e também a dos outros, porque a tememos. “Por isso nunca nos livraremos totalmente da estigmatização, porque ela provém da nossa compreensão do que é ameaçador para nós próprios”.

Pensava-se que a imagem de S. Paulo da Igreja enquanto “o corpo” fosse uma imagem particularmente poderosa. “A raça humana é, na verdade, uma pessoa, um corpo universal que é importante que conheçamos”, disse um participante. “Quando destruímos outra pessoa, destruímos algo em nós próprios e, como consequência, em toda a humanidade. O que alguém faz aos outros faz a si próprio e a todos nós. Mas isto não significa que nós, humanos, sejamos iguais. Há uma grande diversidade entre nós, do mesmo modo que há diversidade em cada um de nós”. A exclusão e a negação acontecem quando esta diversidade não é reconhecida.

Um espaço seguro

A experiência da exclusão foi partilhada pela maioria dos participantes. “As autoridades da Igreja - homens na sua grande maioria – muitas vezes estabeleceram regras que definem as pessoas como estando de fora, sugerindo que não nos conformamos com a ‘imagem ideal’ referida na sessão sobre ‘ser humano’. Havia raiva e confusão à medida que os participantes falavam do sentido de vergonha que esta exclusão criava. “Como é que é possível que até a Sagrada Comunhão tenha sido usada para excluir as pessoas?” “E se as nossas experiências de vida nos tornam inaceitáveis para a Igreja, então como é que pensam que nos sentimos em relação a nós próprios?”

Segundo afirmaram os nossos participantes, é de importância crucial que as nossas igrejas passem a ser locais de esperança, tanto para os indivíduos que são excluídos como para aquelas partes de nós mesmos que excluímos ou mantemos escondidas. Mas como podemos incentivar a que isto aconteça? Os participantes sugeriram o seguinte:

- 1) É importante fazer com que o VIH seja visível nas nossas Igrejas. “Os pastores têm de falar sobre estigmatização e preconceito a partir do púlpito”. “Os sermões devem dirigir-se às nossas vidas quotidianas, incluindo a vida com o VIH”. “Alguém deveria dizer como é a vida quotidiana para alguém com VIH: há tanta ignorância!” “Deveríamos estabelecer ligações entre



o que a Bíblia diz e o que enfrentamos hoje em dia”.

- 2) As Igrejas poderiam tentar tornar-se espaços seguros onde não seja necessário ser sempre forte, e onde as pessoas possam reconhecer e partilhar os seus medos e a sua vulnerabilidade.
- 3) Existe uma necessidade premente de as Igrejas voltarem a examinar as suas atitudes em relação ao sexo e à sexualidade.
- 4) As Igrejas beneficiariam grandemente se voltassem a debruçar-se sobre a questão de como viver como um corpo, tanto em termos de corpo como uma imagem de comunidade Cristã, como em termos do valor da vida real de corpos reais, sofredores e individuais
- 5) As Igrejas e as suas congregações precisam de pensar e viver como se fossem locais de esperança, não de exclusão. “Estamos aqui” – poderiam dizer – “como uma dádiva de Deus para tornar a vida possível, para tornar a vida bonita e para ser um espaço acolhedor para os poderes curativos”. Suponham como seria se toda a gente pensasse assim!

Por que é que a SIDA parece tão assustadora?

Trabalhar com o VIH/SIDA é trabalhar com nós próprios

– os nossos medos e limitações e a nossa capacidade de dar apesar da ansiedade

DINAMARCA

Superando Isolamento



POR ELIZABETH KNOX-SEITH

Se for um membro de uma denominação Cristã e quiser envolver-se nos assuntos relativos ao VIH/SIDA, encontrará muitos desafios.

Antes de mais nada, encontrará o desafio de expor as estruturas na sua própria forma de pensar, para que não trabalhe com “pontos de ignorância”, isto é, com formas de entender situações que determinam inconscientemente a maneira como você aborda as tarefas que se lhe apresentam. Se não estiver consciente da existência desses padrões de

percepção, eles podem ter um efeito negativo, especialmente na sua relação com as pessoas que espera poder ajudar.

É especialmente importante concentrar-se no conceito de vergonha, culpa e castigo – porque são muitas vezes os nossos sentimentos subconscientes e profundamente enraizados nesta área que determinam a nossa atitude para com a doença e a morte.

Um método eficaz de alcançar um sentimento de controlo é remeter a razão para o início da doença para a própria pessoa que sofre. É a pessoa cujo comportamento levou à doença. Ao alterar o modelo de comportamento que deu origem à doença, a própria doença pode ser ultrapassada. Isto volta a colocar um grau de poder e de energia nas mãos da pessoa em questão – mas ao mesmo tempo pode induzir fortes sentimentos de culpa. Se uma forma específica de comportamento faz com que as pessoas fiquem doentes, estas podem facilmente ser condenadas pelos que estão à sua volta – e os que estão doentes podem muito facilmente interiorizar a condenação e começar a condenarem-se a si próprios.

A ansiedade e a condenação são dois lados negros da face que a SIDA tem mostrado ao mundo – dois lados que têm de ser iluminados.

Como é que lidamos com os nossos próprios cismas interiores? Será que a nossa ansiedade sobre a morte está ligada à nossa ansiedade quanto à sexualidade? Haverá alguns factores especiais na nossa ansiedade sobre a SIDA? Porque é que a SIDA e VIH parecem muito mais assustadoras do que outras doenças em que o curso físico do sofrimento é o mesmo? O que podemos fazer para conhecermos pessoas com SIDA sem esta ansiedade?

Ser ouvinte é atravessar fronteiras

Trabalhar com o VIH/SIDA é trabalhar consigo próprio – os seus próprios limites, a sua própria capacidade, a sua capacidade de dar apesar da sua própria ansiedade. Através do encontro com indivíduos pode aprender-se mais sobre a vida e a morte do que poderá aprender-se lendo uma biblioteca repleta de livros – e mesmo assim, ao falar com pessoas com VIH, a interacção de conhecimento e a empatia são o alfa e o ómega. O conhecimento sobre a forma como o vírus se propaga e a doença se desenvolve pode ser essencial quando se confronta

O que me chateia é que o meu papel na sociedade mudou. Já não é fácil encontrar amigos, especialmente da mesma forma que antes. Sei que pensam de mim como uma pessoa infectada. Muitas vezes pioro a situação eu própria. Sinto que posso viver com a minha lepra ou VIH afastando-me. Não é o VIH que me faz sofrer, são as pessoas.

UMA HISTÓRIA CONTADA POR UMA MULHER DE LUSAKA

com a sua própria ansiedade e a das outras pessoas – mas este conhecimento não é adequado quando se encontra frente a frente com a outra pessoa. Aí precisa muitas vezes de esquecer o que está para trás e conhecer a pessoa com abertura e curiosidade, pronto a aprender o que este ser humano único tem para dar. Atravessar uma crise pode ser o acontecimento mais educativo de uma vida – e os que vivem ao lado de alguém neste processo aprendem algo profundo e que marca uma época por cada passo que é dado. Ter os seus olhos abertos às novas questões para aprender em cada encontro com cada nova pessoa é vital para a renovação pessoal, para a satisfação no trabalho e para a vitalidade contínua.

Durante as suas vidas, muitas pessoas com SIDA têm tido encontros traumáticos com a Igreja. É importante descobrir como é que estes encontros foram absorvidos e como formam os pensamentos actuais da pessoa sobre Deus, a Igreja e a religião. Se, por exemplo, Deus for idêntico a um pai punitivo que impediu o seu filho de se amar e aceitar, então não vale a pena falar sobre um Deus que ama. Deus passará a ser o contrário de amor na consciência do ouvinte – e, por isso, é essencial falar sobre a sua actual experiência de Deus, em vez de falar sobre Deus de forma abstracta, numa linguagem e num universo de ideias que serão totalmente incompatíveis com a experiência que a pessoa tem dentro dela própria.

Participar em conversas sobre estes assuntos requer acima de tudo que você se atreva a estar perto, se atreva a deitar fora os seus conceitos e as mais queridas explicações, e olhar para o mundo outra vez através dos olhos da pessoa com quem está a falar. A compaixão e a simpatia podem alienar e são inadequadas – assim como respostas prontas e entusiastas podem ser uma barreira que impede o outro de se abrir. Terá de estar presente e ser perspicaz; atreva-se a seguir a pessoa moribunda para dentro da esfera do ser que é, única e individualmente, só dele ou dela.

A doença enfraquece a dimensão física da sexualidade, ao mesmo tempo que a necessidade de ternura e proximidade aumenta em conformidade. O sexo poderá ter substituído ou preenchido esta necessidade anteriormente – mas já não é possível fechar os olhos à necessidade de uma intimidade que pode incluir sexo, mas também excedê-lo. Para as vítimas da SIDA, isto torna-se ainda mais difícil de encarar porque pode ser-lhes difícil encontrar alguém que se atreva a partilhar essa

intimidade com elas. Podem facilmente sentir que é devido à sua doença que não conseguem encontrar o contacto que precisam. O medo de que o seu parceiro possa reacear ser infectado muitas vezes impede-os de se atreverem a pedir qualquer contacto físico – e muitos dos seus parceiros acham difícil ficar ligados a uma pessoa que sabem que provavelmente ainda vai sofrer muito. As pessoas com SIDA e VIH podem achar difícil impor a outra o sofrimento e a morte que ambos sabem que virá – e isto significa que ambos os parceiros se sentem inseguros, e nenhum deles se prenderá tão profundamente como na realidade desejam. A consciência da morte torna-se uma barreira – do mesmo modo que ideias mais ou menos subconscientes sobre o risco de infecção etc., são uma barreira que impede o contacto físico.

Quebrar as barreiras do medo

É importante ajudar as pessoas a quebrarem essas barreiras do medo – e especialmente ajudar os portadores de VIH a verem que o corpo ainda é um templo de beleza que merece atenção, amor e afecto, também sob a forma de contacto físico e carinho. Se, por exemplo, tiverem desenvolvido o sarcoma de Kaposi ou outras doenças de pele, a impressão de ser repulsivo pode ser tão opressiva que não querem sequer ser tocados ou até mesmo mostrar o seu corpo a alguém. Ainda assim, a ânsia e a necessidade de ternura estarão normalmente debaixo da superfície, e por isso é importante ajudar as pessoas visadas a lidarem com o desprezo pelo seu próprio corpo que é uma consequência de alguns sintomas da doença. Ser capaz de estender a mão e pedir contacto físico pode ser um passo importante para ultrapassar o desprezo por elas próprias – e ser tocado, suave e afectuosamente, apesar de se sentir intocável, pode ser um passo importante para voltar a ganhar dignidade, auto-estima e vontade de viver.

Em Lucas 4, Jesus vai à sua cidade natal, Nazaré, onde lhe pedem que leia a profecia de Isaías. A mensagem é de boas novas para os pobres, de libertação para os cativos, de recuperação da visão para os cegos. As bem conhecidas palavras do texto antigo tomam vida para os ouvintes. “Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos”, diz Jesus, inspirado e profético. Mas esta mensagem é demasiado boa, demasiado universal. Os habitantes da cidade estão cheios de raiva e afastam-no para o cume da colina onde foi construída Nazaré,



com a intenção de o matarem. “Mas Ele passou por entre eles e seguiu o seu caminho”.

Jesus descobriu o que é ser-se um excluído, mesmo entre parentes e vizinhos na sua cidade natal Nazaré. As pessoas com VIH e SIDA têm muitas vezes a mesma experiência quando vão para casa para junto da sua família e amigos na pequena cidade; o local que deixaram quando começaram a sentir a dor de serem “diferentes”.

Alguns deles têm uma identidade sexual diferente: são homossexuais, algo que não sentiram poder contar às suas famílias. Fugiram dos mexericos da aldeia para o anonimato da cidade – para um lugar onde puderam encontrar aceitação e afecto, uma vida com novos amigos, uma identidade menos rígida.

Outros são jovens que foram para a cidade para terem uma educação – não para fugirem da aldeia, mas apenas para aprenderem algo novo. Quando adquirem o VIH sentem-se estigmatizados como “promíscuos” – não se atrevem a voltar para casa para partilhar o medo que sentem. Enquanto antes pensavam que eram “normais”, agora são também diferentes. Interiormente são super sensíveis a qualquer reacção que possa endossar a sua ansiedade.

Outros são de novo toxicodependentes que, muitas vezes, fugiram das famílias e da aldeia com um sentimento de não pertencerem lá. No meio destrutivo da cidade encontram o eco do caos que têm dentro de si – e encontram uma escapatória que proporciona a libertação imediata da dor. Mas podem ainda por cima adquirir o VIH, e sentem que são escumalha duas vezes.

O invisível torna-se visível

A experiência do Ocidente mostra que o VIH se propaga mais facilmente em meios onde a dor e a autodestruição são mais fortes. O VIH e a SIDA são a um alto nível um fenómeno socialmente determinado – muito embora o próprio vírus não distinga entre género, preferência sexual, raça ou classe. Todos os que praticam sexo não seguro ou partilham seringas que não estejam limpas encontram-se na zona de perigo, mas os factores sociais e psicológicos determinam que alguns são capazes de tomar precauções, enquanto outros caem repetidas vezes no fosso, como algo quase típico do seu estilo de vida.

Haverá sempre padrões psicológicos e sociais típicos que são a razão pela qual algumas pessoas, mesmo que bem informadas, não conseguem deixar de viver de um modo perigoso.

Isto aplica-se especialmente àqueles cuja autoconfiança enfraqueceu – em particular, aqueles que estiveram expostos a abusos sexuais ou a outras formas de violência. Os seus limites foram ameaçados – as barreiras emocionais que as crianças criam entre si próprias e o mundo à sua volta. A sua identidade é frágil e anseiam por amor – e muitas vezes acham difícil fazer pedidos qualitativos desse amor. Falta-lhes a capacidade de estabelecerem limites que são naturais para outros, e muitas vezes pensam que podem encontrar a intimidade e a proximidade que procuram em relações sexuais de curto prazo. Muitas vezes o seu trauma é confirmado: Não mereço ser amado. São abusados e rejeitados.

A SIDA não é apenas um problema para a cidade. Nazaré, a pequena cidade é também responsável. Vivem cá, as pessoas que rejeitam a sua descendência, directa ou indirectamente, ao não aceitarem as diferenças entre crianças.

Hoje em dia muitos pais lutam com a questão: Onde é que errámos? Tinham tão boas intenções, educaram os filhos segundo a Bíblia e o culto Cristão, e mesmo assim tiveram a experiência dos filhos lhes virarem as costas, saírem de casa e procurarem novos meios que lhes são completamente estranhos.

Jesus foi à sinagoga na sua cidade natal com uma mensagem que quebrou todas as barreiras. Isto é o que as pessoas afectadas pela SIDA estão a fazer por nós actualmente. Dentro do mesmo espírito, é uma mensagem sobre a vida e a morte, e sobre uma ânsia para que a Igreja abandone as suas formas antigas e rígidas e se torne uma Igreja repleta de afeição e vida.

A SIDA, como uma de muitas doenças, é um espelho para a nossa vida, para a nossa atitude face ao nosso vizinho e para nós próprios. Será que nos atrevemos a conhecer os que são estranhos, que têm outros modos de vida diferentes dos nossos? Será que nos atrevemos a atravessar as nossas próprias fronteiras e a entrar num país com outras maneiras de pensar, outros valores, identidades desconhecidas?

VIH e SIDA obriga-nos a pensar em questões existenciais sobre as quais normalmente evitamos reflectir – e o cerne da questão é o amor. Como é que conhecemos jovens que vivem de modo diferente do que os adultos tinham esperado? Com

Nós que temos VIH podemos facilmente tornar-nos vítimas e permitir-nos sentir inferiores. Se não olharmos por nós mesmos e esperarmos algo de nós próprios, não podemos esperar nada dos outros. O que temos de fazer é tornar claro o que esperamos de nós mesmos e dizermos o que pretendemos. Não somos seres miseráveis que podem ser rejeitados, somos iguais a todos os outros. Temos de ser respeitados por aquilo que somos e nada mais. Trata-se apenas de sermos humanos, de compaixão humana... de amor. É fácil dizê-lo, mas temos de nos amar a nós próprios antes de podermos amar os outros. Por isso, os que nos rejeitam e, deste modo, não nos amam, estão a dizer “Não me amo a mim próprio”.

TESTEMUNHO DE RONNY, QUE MORREU DE SIDA, DINAMARCA

admoestações ou com a compreensão afável que todos sabemos ser a ponte mais sólida entre as pessoas? Mergulharmos num estudo sobre o VIH e a SIDA dá-nos a possibilidade de quebrar a estigmatização que a doença frequentemente comporta; a possibilidade para os pais de encontrarem os filhos de uma nova maneira; uma possibilidade para a Igreja de abandonar as muitas palavras e, em vez disso, agir com um carinho dedicado.

O VIH e a SIDA surgiram como um desafio para a Igreja – um grito para derrubar muros, atravessar fronteiras, deitar fora preconceitos. Toda a gente tem algo a aprender com um diálogo, por exemplo, sobre os prazeres, as formas e as responsabilidades que o sexo comporta. Uma procura comum de respostas ajuda-nos a todos a seguir em frente, e temos muito que partilhar com aqueles que se confrontam com a morte.

A reflexão enigmática

A SIDA projecta luz sobre o que geralmente é invisível – e também sobre as discordâncias que existem nos círculos da Igreja, no âmbito de todas as denominações. Alguns baptistas, metodistas, luteranos, anglicanos, católicos e ortodoxos podem concordar que é necessário envolverem-se na questão da SIDA – enquanto todos enfrentam uma forte e, por vezes, insuportável oposição dentro das suas próprias denominações. É importante atrevermo-nos a atravessar as fronteiras – e ao mesmo tempo retomar as questões existenciais e doutrinárias que sempre aparecem na sequência da SIDA.

Cada dia levanta novas questões e novos desafios – e é importante ser-se capaz de enfrentar a própria ansiedade e hesitação, bem como ser-se razoável e equilibrado quando se conhece outras pessoas. Ninguém tem uma resposta definitiva para todas as questões que se colocam sobre o VIH e a SIDA. Aqui, mais do que noutro contexto, apenas “vemos a reflexão enigmática num espelho”. A SIDA é o espelho, o enigma, simbólica e especificamente.

A ansiedade e a alienação reinam muitas vezes em círculos religiosos – e temos uma tarefa colossal ao ultrapassar o isolamento. O próprio Cristo foi aquele que mais do que ninguém conseguiu quebrar as barreiras da ansiedade e da indiferença – em especial ao perceber a dor que está sempre na sua origem. Na Igreja de hoje precisamos de reflectir sobre o quão radical era Jesus na sua maneira de se aproximar

não só dos doentes e dos excluídos, como também daqueles que os desprezavam e rejeitavam. O Cristianismo implica um

desafio que é o de nos colocarmos no lugar dos outros e percebermos as razões por que as pessoas agem da forma que agem – tanto os outros como nós próprios. Se não compreendermos a dor que nos faz reagir como reagimos, o resultado é uma negligência destrutiva – não só dos outros, mas também de nós próprios. A condenação e a negligência são duas faces da mesma moeda.

A teóloga alemã Dorothee Sölle capta este convite à radicalidade, quando identifica três implicações nas palavras, “Carrega a tua cruz e segue-me”. Que são:

- quebrar com a neutralidade;
- tornar o invisível visível;
- ter uma visão comum.

Dorothee realça como Cristo, em cada situação, estava do lado da vítima. Deste modo, a morte é ultrapassada, e com isto quer dizer a morte-em-vida que aprisiona certos grupos de pessoas em algumas funções: “pecadores”, por exemplo, ou “excluídos”, “os vergonhosos”, “os irresponsáveis”. Quebrar com a neutralidade não é apenas ver as coisas do ponto de vista dos que são desprezados e rejeitados, mas sim tornar o invisível visível – isto é, levantar o véu dos pensamentos e sentimentos que dentro de nós estão reprimidos, o véu que na forma “normal” de pensar da sociedade faz com que esses elementos pareçam “indignos”, “indignos de que se pense neles” e por fim “diabólicos”. Isto significa ver o valor das coisas que parecem não valer a pena, que são reprimidas – e lutar para as trazer à tona, para que possa ser aceite o que previamente reprimimos e lhe seja dado o direito de existir. Aqui na instância final encontra-se a visão – a visão que pode trazer à luz o que não é visto e está oculto, para que olhos cegos possam ver de novo o mundo.

O sofrimento não é apenas sofrimento, é também um empecilho para o que é radicalmente novo, para um género de mudança especial. O sofrimento é um empecilho para a luta, para a visão de uma vida diferente e melhor. Aqui estão as oportunidades e a esperança na SIDA – não só a um mas a muitos níveis.





Graça, amor e compaixão

Imagens de Deus

DOCUMENTO CONCEITUAL PELO GRUPO PRINCIPAL NORDIC-FOCCISA, LUSAKA, 2004

Desde o aparecimento da pandemia do VIH que muita gente a vê como um castigo de Deus. Esta interpretação implicaria a existência de um Deus juiz e punitivo. Em última instância, tal imagem de Deus tem vindo a contribuir para a estigmatização e discriminação daqueles que foram infectados ou afectados pela doença. Para além disso, esta representação tem um impacto nas próprias imagens das pessoas com VIH e SIDA.

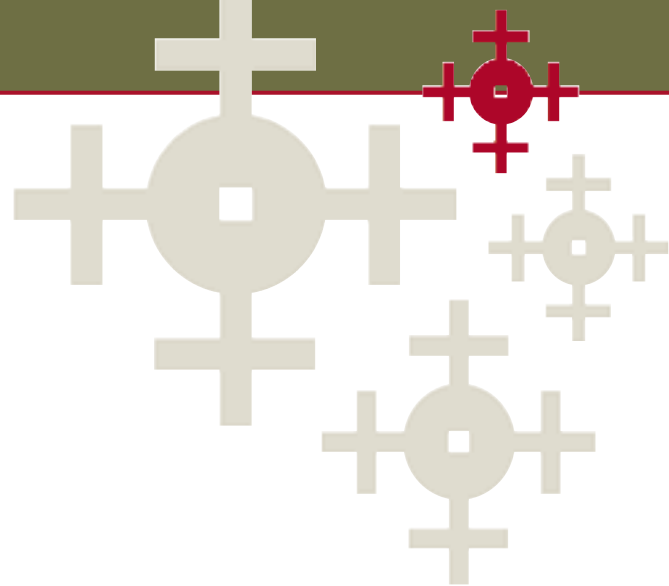
Na busca pela humanidade de uma maior compreensão do sofrimento causado pelo VIH/SIDA, frequentemente as pessoas tendem a referir imagens negativas de Deus que por

vezes são mesmo geradas pelos ensinamentos da Igreja.

Algumas das imagens negativas de Deus assumem-no inclusive, como sendo:

- Um juiz vingativo – por os homens não entenderem a Justiça Divina;
- Um contabilista inflexível dos nossos erros;
- Um sádico cruel que tem prazer no nosso sofrimento;
- Uma força fatal que determina os destinos de todos nós.
- Um Deus indiferente que não se importa com o sofrimento da Humanidade.

Na sua luta contra o estigma e a discriminação e os consequentes sentimentos de culpa e vergonha, a Igreja tem de



proclamar e ensinar as imagens positivas de Deus. Tanto no Velho como no Novo Testamento da Bíblia existem várias imagens de Deus que ajudam a este propósito. Para efeitos da nossa reflexão, devemos centrar a nossa atenção no seguinte:

Do Antigo Testamento

Deus como Criador: Deus criou todas as coisas boas e deleita-se com a sua própria criação. À sua imagem, criou seres humanos como tementes e maravilhosos. A imagem de Deus não se destrói nas pessoas que estão infectadas com o VIH.

Deus com Emanuel - Deus connosco: Quando estudamos os tormentos de Job, é claro para nós que o seu sofrimento não resulta de qualquer pecado que tenha ele cometido. A Bíblia refere-se a Job como um homem sem culpa, temente a Deus e afastado do mal. Não há qualquer ligação entre as suas acções e as suas derrotas. Deste modo, parece não haver razão para estabelecer qualquer relação entre a doença e a culpa. A doença nunca faz parte dos planos de Deus para connosco - nem como castigo, nem como provação.

Parece como se Deus tivesse abandonado Job, mas Job insiste na presença Divina. Deus mantém-se ao lado de Job durante todo o seu sofrimento - como uma força atenta que acaba por recuperá-lo. Deus está connosco mesmo quando nos sentimos abandonados

Do Novo Testamento

Deus todo cheio de Graça: Na parábola do filho pródigo (Lucas 15, 11-32) vemos a imagem de Deus reflectida através das acções do Pai. Deus revela amor, piedade, paciência, compaixão e alegria pelo regresso do filho perdido. Vemos nele uma imagem de um Deus ansioso por nos encontrar onde quer que estejamos. Na verdade, Ele está tão ansioso por nos encontrar "que deu o seu único Filho para que todos os que acreditam Nele possam não morrer e alcançar assim a vida eterna" (João, 3-16).

Um Deus sofredor: Na crucificação, vemos a imagem de um Deus vulnerável e sofredor. Ele é impotente, e no entanto há poder na sua impotência. Com a Ressurreição revela-se todo o poder com que Deus oferece esperança a todos os que estão em sofrimento. É um Deus que sofre connosco.

Esta solidariedade revela-se na parábola da caminhada para

Emaús. Aí vemos uma imagem de Deus como um companheiro. Isto está intimamente ligado a Deus como Emanuel (v. a parábola de Job). Na verdade, é um Deus na cruz e um Deus nas nossas jornadas de incerteza e tristeza. Deus está connosco tanto na vida como na morte.

Deus como aquele que cura: Na parábola da cura do homem nascido cego (João 9, 1-12) vemos uma imagem de Deus que rejeita a associação entre culpa e destino. Enquanto os seus discípulos procuravam quem culpar, Jesus responde-lhes de forma directa que o homem era cego para que o poder de Deus pudesse manifestar-se. As escrituras revelam (Mateus 6, 45b) que Deus lança a sua luz sobre o Mal e o Bem e benze tanto os justos como os injustos, indicando assim que tanto coisas boas acontecem aos maus, como coisas más acontecem aos bons - referindo a parábola de Job.

Muitas narrativas bíblicas mostram-nos Deus como sendo aquele que cura. Pode não haver agora cura para o VIH/SIDA mas, mesmo assim, Deus ainda cura as pessoas reconciliando as com Ele próprio e umas com as outras e com a própria doença. A imagem de Deus como aquele que cura ajuda-nos a aceitar a realidade da doença e a nossa permanente dependência de Ele.

Deus como aquele que serve: Na narrativa de Jesus lavando os pés dos seus discípulos (João 13, 1-17) vemos uma imagem de Deus como um servo humilde. O filho de Deus não receia ajoelhar-se e servir. Esse devia ser um ideal para a liderança na Igreja nos dias de hoje. Seguir Cristo é alcançar e tocar todos os necessitados e, neste caso, especialmente todos os que vivem com o VIH/SIDA.

Deus como aquele que ajuda: Deus está sempre do lado dos fracos e dos pobres - demonstra-o através do seu filho, Jesus. Jesus indigna-se sempre com arrogâncias e hipocrisias porque deseja que as pessoas vivam plenamente as suas próprias vidas. Quando Jesus critica os Fariseus e os pregadores da lei, fá-lo para mostrar como se destroem as relações entre os seres humanos se nos julgarmos uns aos outros segundo normas rígidas e através de uma interpretação humana do poder de Deus.

Todos os seres humanos são filhos amados por Deus. E para que o pudéssemos reconhecer totalmente, Deus enviou-nos o Espírito Santo como aquele que nos ajuda.



Reflexões sobre duas histórias bíblicas essenciais

NORUEGA

Nossa Identidade Mais Profunda é o Amor

POR HELGE FISKNES

A Criação

Deus disse, “Façamos a humanidade à nossa imagem, de acordo com a nossa semelhança...”. Por isso, Deus criou a humanidade à sua imagem, à imagem de Deus, Ele criou-os; homem e mulher Ele criou-os... E Deus viu tudo o que tinha feito e, na verdade, foi muito bom”.

Somos amados. Somos criados em amor.

Fazemos parte de um mundo que assenta em amor. A nossa identidade mais profunda é o amor. Somos mais do que as nossas palavras e os nossos feitos. Somos muito mais amados do que nos apercebemos. Em alguma altura da vida todos nós já ouvimos Deus sussurrar ao nosso ouvido: “É muito bom”. Podemos não tê-la reconhecido como a voz religiosa, mas ainda assim... Sentimos que alguma coisa boa estava em uníssono connosco. Sentimo-la a correr através do nosso corpo, endireitámo-nos, deixámo-nos descansar nela. Deixá-la ter consciência de nós mesmos, muito antes de alguma outra coisa o pudesse fazer. Trouxe-nos sorrisos e alegrias.

É como ver duas pessoas apaixonadas sentadas num banco. Não conseguem estar sem se tocar. Não conseguem deixar de se olhar nos olhos. Sorriem e riem. Não conseguem evitá-lo. Em apenas um único segundo estiveram mais vivas e felizes do que nunca.

Nós que estamos a olhar também temos que sorrir – e sentimos uma pontinha de perda. Às vezes pode ser um abismo de perda. O amor dá-nos o reconhecimento mais forte que po-

demus ter. Anos mais tarde, o momento do banco acabou. Na nossa memória, guardado bem fundo e apenas lembrado em ocasiões festivas, está a experiência poderosa de um olhar, a experiência poderosa de ter vivido.

Somos uma história contada por Deus. Atrás e sob o mais profundo em nós que nos é conhecido, tanto as memórias que conseguimos gerar como aquelas que já não conseguimos alcançar, existe uma profundidade que só Deus conhece. NELE estamos ligados a um amor intocável pelo que fizemos ou não de tudo isto. Somos amados no momento da concepção. Somos amados no ventre da nossa mãe. Somos amados no momento em que vemos a luz do dia pela primeira vez. Nada do que a vida nos possa trazer nos vai tirar isto.

A Queda

Eles estão nus, o homem e a sua esposa, mas não tinham vergonha. Mas as coisas mudam, e num momento – ao comer o fruto proibido – somos arrastados para um mundo que conhecemos de cor. Onde a confiança no amor e a preservação de um pouco de dignidade perdem cada vez mais terreno.

Da mesma forma que os seres humanos são uma fonte inesgotável de amor, também são uma fonte inesgotável daquilo que causa sofrimento. Para ser directo: Escolhemos a morte tantas vezes quanto escolhemos a vida. Toda a gente o faz. Existimos na tensão entre o bem e o mal, entre a vida e a morte, entre aquilo que preserva a vida e aquilo que a destrói, entre aquilo que cria irmandade e aquilo que isola as pessoas – ou para o colocar de uma forma religiosa: existimos



entre Deus e o diabo. NINGUÉM existe apenas num lado e ninguém existe apenas no outro. Pode ser agradavelmente surpreendido quando alguns dos seus pontos mais sublimes aparecerem – e pode ficar pior do que aterrorizado quando descobrir algumas das profundezas mais diabólicas dentro de si.

Só podemos dizer a verdade acerca dos seres humanos quando nos vemos todos como parte do divino que dá a vida e do seu contrário que traz a morte.

Mas a nossa identidade mais profunda é o amor.

Na mesma altura, fazemos parte do mundo em sofrimento, em luta e ferido. Somos filhos de rios engolidos e desastres naturais, de guerras e violências, de epidemias e fomes. Filhos de portas batidas e vozes levantadas, de intransigência e da exploração de terceiros. Os mitos fazem do bem e do mal propriedade comum. Para o melhor ou para o pior, estamos atados juntos e devemos partilhar os destinos uns dos outros. Da mesma maneira que estamos ligados à bondade para todo o sempre, estamos também ligados à maldade.

Mas a nossa identidade mais profunda é o amor. Esta ideia precisa de ser mais específica.

Confrontados com a epidemia do VIH, o amor é tudo o que aqueles que foram afectados pediram. Havia demasiada vergonha. Ameaçava a vida. O vírus ameaçava demasiado as suas vidas. Eles pediram ajuda à Igreja. Queriam que fôssemos nós, que estamos na Igreja, a deitar abaixo a epidemia, para que o vírus pudesse ser visto por aquilo que era – sem julgamentos morais ligados a ele. Queriam que

mantivéssemos mão firme na dignidade humana quando tantos perderam o sentido disso. Mas a Igreja fechou-o em si mesma. Fechou as suas portas. Não se apercebeu de quão importante era para a vida do mundo. Não viu o sofrimento. Apenas a “imoralidade”.

É evidente que precisamos de moralidade para vivermos em conjunto. Ajuda-nos a estabelecer limites, a tomarmos conta uns dos outros e de nós mesmos. Alguns disseram que a SIDA é um sinal do colapso dos valores morais e da nossa falta de moralidade sexual. Pode não estar completamente errado, mas está errado fazer das pessoas portadoras de SIDA um sinal disso. Nesse caso já não estamos a falar de moralidade, mas a ser moralistas. E da mesma forma que a moralidade é boa, ser moralista é mau. Torna algumas pessoas melhores que outras e põe rótulos nas pessoas.

A Bíblia conta a história de Jesus. É verdade que muitas pessoas se sentiam à vontade na Sua companhia. É como se a sua auto-estima fosse fortalecida através Dele. Ele reviveu a sua fé na sua própria dignidade.

Numa altura em que a dignidade humana parece ser uma oferta barata, esta deve ser uma das tarefas mais importantes para a Igreja hoje em dia: aumentar o respeito pelos seres humanos como criaturas amadas por Deus que são. Isto não se aplica apenas às necessidades físicas, mas também às necessidades psicológicas.

Ser reconhecido como ser humano ou reconhecer-se como ser humano é descobrir o bem dentro de si.

A nossa identidade mais profunda é o amor.

Existe uma ligação clara entre as nossas
imagens de Deus e as nossas imagens de nós próprios

DINAMARCA

Imagens Construtivas e Deformadas

POR CARENA WØHLK

Durante os meus oito anos de aconselhamento pastoral, como capelão para pessoas com VIH e SIDA, na Dinamarca, encontrei duas imagens particularmente destrutivas de Deus e ou de nós próprios, que são:

- 1) Deus como juiz - os seres humanos como criminosos castigados. Justiça é a palavra chave. Nós estamos numa sala de tribunal. A lei impera. O poder é exercido.
- 2) Deus como executor - os seres humanos como vítimas. Injustiça é a palavra-chave. Nós estamos numa câmara de tortura. A falta de lei impera. Há abuso de poder.

Em ambos os casos as imagens de Deus e de nós próprios estão relacionadas com o conceito de justiça - quer envolvido com a justiça ou a lutar contra ela.

No Antigo Testamento Deus diz Dele próprio: "Eu sou aquele que sou!". E no Novo Testamento Ele mostra-nos, em Cristo, que nós também podemos ser quem somos. Este é um aspecto importante da verdade do Evangelho. No meu aconselhamento pastoral tento encorajar os meus clientes a adoptar, em vez disso, uma imagem: de Deus que é centrado em Cristo e uma auto-imagem que tem a sua fonte no Evangelho Cristão, conduzindo a:

- 3) Deus como amante - os seres humanos como amados. A 'falta de justiça' é a palavra-chave. Nós estamos num nicho íntimo dentro da amplitude divina. Amor e boa-vontade imperam. A falta de poder é uma condição de vida.

Deus como juiz - os seres humanos como criminosos castigados

Na consciência de muitas pessoas Deus é um actor num sistema jurídico. A maioria de nós tem um senso profundamente enraizado da justiça. Nós assumimos que a vida é basicamente justa - e que normalmente recebemos o que merecemos. Por outras palavras, acreditamos numa relação de causa e efeito entre as nossas acções e o que nos acontece. Estamos convencidos do efeito bumerangue - que aquilo que enviamos voltará para nós. Pensamos que se praticarmos o Bem será bom para nós. E que se fizermos o mal teremos que pagar por isso - na forma de doença, acidentes ou outras desgraças.

Quando algo de mau acontece, interpretamos isto com base na nossa história de vida pessoal.

Conheço frequentemente pessoas com VIH/SIDA que

pensam que foram infectadas porque se comportaram mal. Isto aplica-se especialmente aos meus clientes homossexuais. Eles acreditam que são culpados de fazer algo errado e que devem sofrer as consequências - e infelizmente há muitas pessoas que querem reforçar a sua crença.

O facto é que nós achamos difícil agarrar coisas sem sentido. Quando o sofrimento inexplicável nos ataca, procuramos explicações que nos podem dar a impressão de coerência num mundo que se desintegra.

Sentir culpa cria uma impressão de significado na loucura. Nós já não nos sentimos completamente impotentes diante do que está a acontecer-nos. Nós próprios desempenhamos um papel no que nos aconteceu, e temos alguma responsabilidade nisso. A culpa tem que conduzir ao castigo, e muitos acreditam que Deus trata imediatamente dos agressores. Deus avalia a extensão do crime e executa o seu julgamento. Esta imagem de Deus e de nós próprios pode parecer atraente porque Deus e os seres humanos permanecem poderosos. O problema é que tanto a causa como o efeito da doença devem ser suportados pelos próprios sofredores.

O conceito de Deus como contabilista e dos seres humanos como vantagens e desvantagens no seu livro negro é uma variação do mesmo tema. Deus é concebido como reagindo severamente contra os que se desviam mesmo um pouco do caminho certo e estreito. E a determinação franca é considerada como justa e adequada - temos o que merecemos. É nossa a culpa.

Este conceito pleno de justiça tem a sua fonte na teologia do Antigo Testamento. No Antigo Testamento, Deus é frequentemente retratado como um monarca ciumento que não pode tolerar a falta de fé. Quando os seres humanos falham, Ele não hesita em destruir a sua própria criação: um exemplo disso é a Inundação que fez Deus pensar novamente e prometer não reagir da mesma maneira no futuro. Há cenas de julgamento no Novo Testamento: por exemplo, Mateus 25, que contém a parábola das dez noivas e a previsão do julgamento Final.

Basicamente, o Novo Testamento transmite e proclama uma imagem completamente diferente de Deus, uma imagem que transcende todo o conceito de justiça. Uma boa reflexão disto é o Sermão no Monte (Mateus 5): "Ele faz o sol subir no mal e no bem, e envia chuva sobre os justos e injustos"; ou a parábola do Filho Pródigo (Lucas 15).

Deus como carrasco – os seres humanos como vítimas

Em algumas conversas com pessoas portadoras do VIH encontrei uma percepção de Deus e uma compreensão deles próprios a acompanhá-la que estão enraizadas na sua experiência de injustiça do seu modo de vida.

Deus não é entendido como um juiz rígido, mas justo - não, Ele é considerado como um carneiro brutal, e os humanos como vítimas dos Seus humores. Ele ataca-nos ao acaso - e muito além do que merecemos. Não são os humanos que são maus, é Deus! Ele castiga-nos como Lhe apetece, sem qualquer razão legítima. E assim nós mudámo-nos de repente da sala de tribunal com a sua linguagem forense para uma câmara de tortura horrenda. Deus já não é um actor num sistema forense, mas um sádico sem lei. Nós estamos sujeitos à sua loucura. Um Deus que sacrifica o seu próprio filho na cruz deve estar louco, não deve? E se Ele está disposto a sacrificar o Seu Filho, porque é que não pode pregar-nos à parede se Lhe apetecer?

Esta percepção de Deus envolve uma percepção de nós próprios que nos deixa vulneráveis e expostos. A falta de sentido e uma perda final de controlo dominam o dia.

Um exemplo disso é C.S.Lewis, 'A Grief Observed'. Neste livro, Lewis retrata Deus como um visissecionista que faz experiências com seres humanos no laboratório mundial. Os seres humanos já não são castigados pela sua maldade; Deus demonstra a sua própria maldade ao castigar seres humanos indefesos.

Encontrei esta imagem de Deus e do Eu principalmente com toxicodependentes infectados com o VIH. Têm um sentimento forte de estarem expostos e vulneráveis. E na sua impotência extrema Deus aparece-lhes como um tirano



Deus como amante - os seres humanos como os amados

Como consultor pastoral para pessoas com VIH é importante que eu forneça um correctivo Cristão a estas imagens destrutivas de Deus e de si mesmo.

Neste contexto, considero útil introduzir o conceito de "ausência de justiça". Na minha opinião, Deus está além de

todas as concepções de justiça. Deus não mede justiça em milímetros. Ele ama – e isso é algo qualitativamente diferente. Ele é um amante. Ele ama os seres humanos - e o amor Dele nem pode nem mudará aquele facto. Pode observar-se uma reflexão acerca disto em 2 Timóteo 2:13, "Se estamos sem fé, Ele permanece fiel – pois Ele não pode negar-se".

Deus não é razoável nem insensato. Ele não nos quer esmagar, quer acariciar-nos. A imagem de Deus como amante é encontrada na teologia feminista. A teóloga feminista norte-americana, Sallie McFague, utiliza esta imagem de Deus como amante juntamente com a de Deus como mãe e amiga, no seu livro 'Models of God'.

Uma reflexão desta perspectiva é vista em João 15:13-15, onde Jesus diz: "Ninguém tem maior amor que este: abandonar a vida pelos seus amigos. Vocês são meus amigos se fizerem o que eu mando. Deixo de vos chamar servos, porque o servo não sabe o que o mestre está a fazer; mas eu chamo-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi do meu Pai".

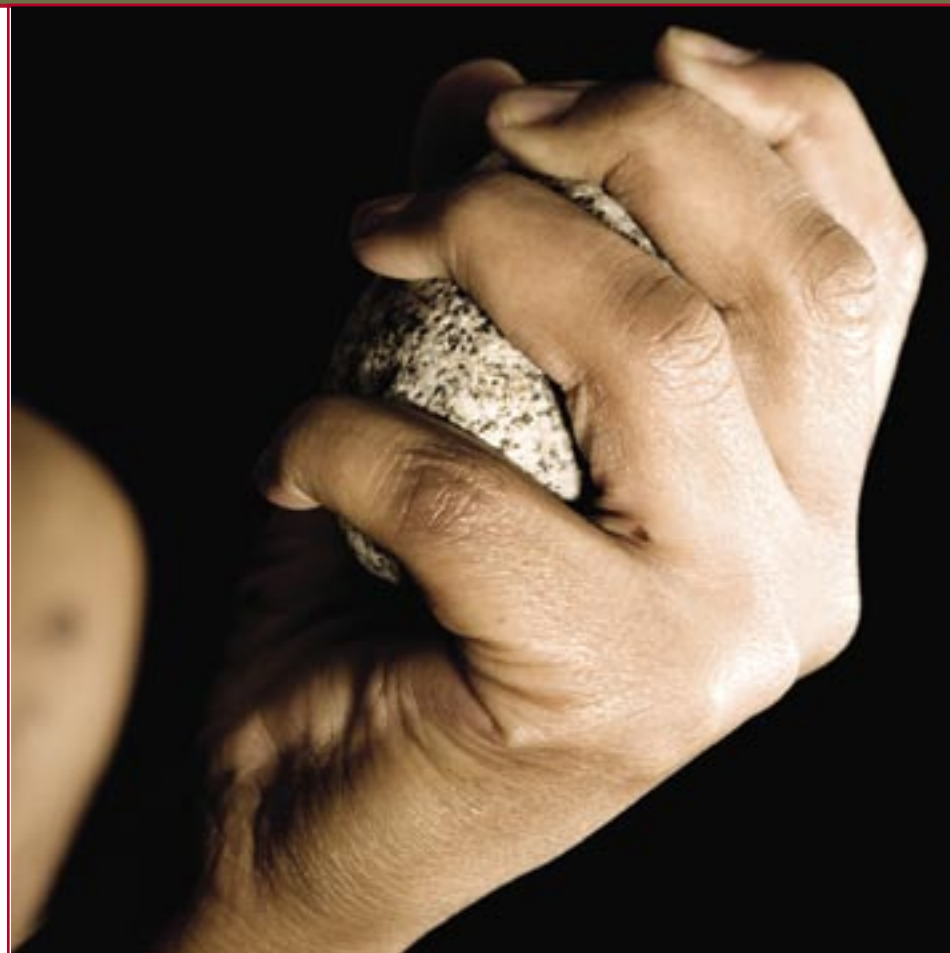
1 João 4:17-18 enfatiza que "não há nenhum medo no amor". O amor não tem medo, e as imagens terríveis e assustadoras de Deus e do próprio devem ceder à

imagem de um Deus que é amor. Aqueles que acreditam num Deus de amor acham mais fácil preservar o seu amor-próprio, um sentimento integrado de ser amado, até mesmo quando acontecem desastres.

Mais vale admitirmos imediatamente: que não há nenhum processo de causa e efeito entre a culpa e o destino. A conta em João 9:1-15 da cura do homem nascido cego enfatiza isto. E nós estamos completamente conscientes disto, se tirarmos tempo para pensar. Às vezes corre bem para os maus e mal para os bons. A realidade é assim. Deus não se rege pela

lei da causa e efeito que domina o horizonte do pensamento humano. Deus ama-nos porque não pode evitá-lo - não porque nós fizemos algo que mereça o amor Dele, não porque nós Lhe damos razões para nos amar. Deus é o próprio amor - e o amor nunca pode ser tão restrito e rígido como a justiça. Ele está connosco – mesmo quando tudo está contra nós.

Pensamentos, experiências e reflexões de pessoas que vivem ou estão afectadas por VIH ou SIDA



NORUEGA

Significado e Identidade

Para os participantes nas reuniões norueguesas, a nossa experiência de Deus provou ser um factor importante na forma como o VIH e o estigma a ele associado foram vivenciados. Muitas das nossas discussões dependeram das imagens de Deus que recebemos durante os nossos anos de formação, aquelas que temos como adultos e aquelas que gostaríamos de ter. Gradualmente, ficou claro que há uma ligação directa entre a nossa compreensão da humanidade e a nossa compreensão de Deus. O modo como nós próprios nos vemos e como nos vemos uns aos outros, nos nossos contextos eclesiais e Cristãos, depende em grande parte de como vemos Deus.

As nossas imagens de Deus dependerão das nossas experiências dos nossos pais, das nossas Igrejas e de outras figuras de autoridade. Vários dos participantes da discussão tinham encontrado um Deus irado durante os seus anos de formação: um Deus que é bom para alguns mas mau para outros; um Deus com duas faces que coloca algumas pessoas “do lado de dentro” e outras “do lado de fora”. Os participantes sentiam que quando a crise do VIH – ou outras coisas más – os atingia, era esta a imagem de infância “por defeito” de Deus que emergia das sombras e assumia o controlo.

Para os participantes em geral, a imagem de infância dominante era a de um Deus rígido e justo: o juiz, o legislador, o professor duro e severo, e aquele que castiga o mal, o Deus que fica, incompreensivelmente, “irado até mesmo quando tento fazer o meu melhor”. “Os meus pais usaram Deus para

me ameaçar: “Vais para o inferno se não fores bom!” diziam eles. Deus estava no quadro como um legislador, aplicando uma lista de leis para muitas áreas da vida, especialmente no que diz respeito a sexo”.

“Quem pecou, este homem ou os pais dele, para que ele tenha nascido cego?” perguntam os discípulos (João 9:2). Quando este Deus castiga, é porque pecámos, quer o tenhamos feito deliberadamente ou não, porque este Deus está encarregue da lei da causa e efeito. O VIH é castigo por e evidência de pecado. Este Deus é um Deus caprichoso, irado, castigador, responsável por se certificar que cada um tem o que merece, por muito injusto que isto possa parecer.

Dois participantes relacionaram as suas experiências iniciais de Deus com as suas reacções ao conhecerem o seu diagnóstico. Como disse um “o VIH está relacionado com o sexo, mas fui infectado através de carinho e amor. No princípio, odiei Deus por causa do VIH e vi isso como um castigo Dele. Onde é que fui buscar aquela ideia?” E a outra acrescentou: “Eu não merecia isto. Era uma boa menina e acreditei que Deus existia. Entretanto todo o inferno se soltou porque não me estava a dar bem na escola nem nos estudos, e não era diligente. Mas ainda assim tive contacto com este Deus julgador. Depois veio o VIH, como uma dor que ameaça a vida e bati no fundo”.

Em resposta à pergunta: “Quem pecou?” Jesus respondeu: “nem Ele nem os pais Dele”. Para estes dois participantes, como para muitos outros, o VIH tornou-se um catalisador para uma

Muitas Igrejas consideraram que o testemunho de pessoas infectadas com VIH/SIDA melhorou as suas próprias vidas, pois estas lembraram à Igreja de que é possível afirmar a vida mesmo quando confrontados com doenças graves e incuráveis e limites físicos graves, que a doença e morte não são a bitola pela qual a vida é avaliada, mas que é a qualidade de vida - independentemente da sua duração - que é o mais importante. Um tal testemunho convida as Igrejas a responder com amor e cuidados extremos.

JAPHET NDHLOVU

consciencialização cada vez maior de que Deus não é, afinal de contas, o Deus castigador, julgador das suas infâncias. “Escolhi ser aberto e falar sobre isto,” disse um. “Encontrei o caminho para o meu Deus e eventualmente um significado para o que aconteceu e o que isto me fez. Ou como outra afirma, “Quando aceitei a minha situação, librei-me da condenação. Se os outros não me puderem aceitar, então esse é o problema deles. E foi nessa altura que comecei a encontrar a minha própria imagem de Deus”. “Não é Deus que transforma o VIH em castigo, são as pessoas”, confirma o terceiro participante.

Recomeçar de novo

Porém, para muitas pessoas seropositivas, o processo de se libertarem destas imagens iniciais de Deus foi uma viagem dura, dolorosa e solitária. “A minha compreensão de Deus mudou por causa da necessidade de aceitar o VIH e evitar suicidar-me. Mas tive que recomeçar novamente, bem do fundo, com pessoas que me aceitaram. Tive que me esforçar para acreditar que ainda tenho valor, que ainda mereço a delicadeza e a amizade das outras pessoas. Era necessário afastar aquele caminho de auto-desprezo. Levou muito, muito tempo, especialmente antes de ser possível comungar”.

Também foi confuso. De onde vieram estas imagens negativas, e - se conseguirmos ultrapassá-las - podemos substituí-las? “Então onde encontramos Deus? Obedecendo às regras? Não podemos captar Deus: Deus não funciona com um “interior” e um “exterior” onde ele está ou não está. Afinal de contas, talvez sejamos nós humanos, que queremos controlar Deus, e que o utilizamos para dar legitimidade ao nosso poder

e às nossas atitudes.” E durante todo o tempo esse “outro” Deus está à nossa espera, a chamar por nós. “Como adulto cheguei a uma nova compreensão, de um Deus que tem só uma face. Vi claramente Deus a ir buscar-me ao lugar onde vivo sem Ele e onde sou miserável”. Por isso, é possível passar da imagem de Deus como um “tipo de pai rígido do Velho Testamento” para uma experiência nova de Deus como “uma força que traz a cura e em quem está incluída toda a vida”. Ou como outro participante afirma: “Olhando para trás, posso ver agora que Deus estava lá para mim o tempo todo”.

Os participantes nos grupos de discussão salientaram que muitas pessoas, lá no fundo, têm fé na bondade e acreditam que o “Deus verdadeiro” é um Deus bom. O “meu Deus” disse um participante, é bastante diferente de “o Deus da Igreja”: e vários outros concordaram. “Tive que chegar à minha própria imagem de Deus”, disse o mesmo participante; “um Deus que ama, que não julga e que me ajuda a ser livre da condenação”. Vários participantes deram ênfase à extensão e solidão da viagem até – ou de volta ao – “Deus bom”. Como uma pessoa disse: “Foi a minha leitura independente do Novo Testamento que me levou à conclusão de que o Deus que encontrei não era igual ao Deus que foi apresentado nas orações e sermões que ouvi na igreja. E depois disso os cultos na igreja não eram tão dolorosos”. Ou como outro resumiu: “Tive que trabalhar sozinho para mudar a imagem de Deus com que tinha crescido. Tive que fazer uma ruptura com as noções e expectativas das outras pessoas e depois voltar. No fim, tive que encontrar Deus dentro de mim, encontrar a minha própria verdade e defendê-la”.

O Evangelho e a fé Cristã quebram com a ligação entre causa e efeito. A salvação de Deus é precisamente uma questão de se receber aquilo que não se merece. Esta é a doutrina de graça. A Igreja deveria estar na primeira linha para se opor à noção de que há portadores do VIH culpados e inocentes.

DAS REFLEXÕES NORUEGUESAS

O Deus que cura e que é carinhoso

Então, foram as características deste Deus que cura e é carinhoso que é a meta da nossa viagem assim como a estrada por onde andamos? E o que é preciso para nos libertarmos da imagem de um Deus irado, que rejeita? Porque este Deus carinhoso e atencioso é vulnerável, constantemente batido não só pela experiência quotidiana mas também pela experiência de pessoas da Igreja institucional. Muitos participantes disseram que podiam definir reuniões particulares com grupos específicos ou indivíduos – leigos e clérigos - que provocaram uma mudança gradual na sua imagem de Deus. Descobriram as comunidades, dentro da Igreja, onde um Deus atencioso e carinhoso começa a parecer mais real que o Deus irado da sua experiência anterior. Para muitos participantes tinha sido maravilhoso descobrir o potencial transformador do Cristianismo e o evangelho. Como outro participante disse: “Os evangelhos enfatizam a importância de se amar a si e ao próximo”. Ou como outro disse: “Podem ser ferramentas fantásticas para a vida. Ser libertado; ser lavado e limpo de tudo que deitou a pessoa abaixo; ser libertado de uma visão fragmentada da humanidade e das coisas que criam culpa e vergonha!”

Foi na procura destas imagens de Deus que cura, limpa, liberta que olhámos durante o nosso primeiro encontro para um dos textos no Evangelho de Lucas. Em Lucas 13:10-17, encontramos a história de Jesus que cura uma mulher aleijada no Sabat. Em discussões posteriores, esta história assumiu um significado particular para o grupo. O facto de Jesus ter curado no Sabat revelou-se importante para a compreensão de um dos atributos de Deus mais significativos. Aqui conhecemos um Deus que se opõe às autoridades e solta as correntes daqueles que estão presos. “É um Deus que não só está disposto a trabalhar das 9h00 às 17h00, mas uma força que não será limitada. “Nesta história vemos o próprio Deus a quebrar as regras das escrituras” porque Deus colocou as pessoas e a compaixão acima da lei. O que Jesus insinua é que a intenção da lei é mais importante que a adesão absoluta a regras individuais”. Ou como um participante disse: “Amar está na natureza de Deus, e o propósito das suas palavras e acções é soltar correntes, erguer os oprimidos, libertar as pessoas, curar e salvar”.

IMAGENS DE DEUS

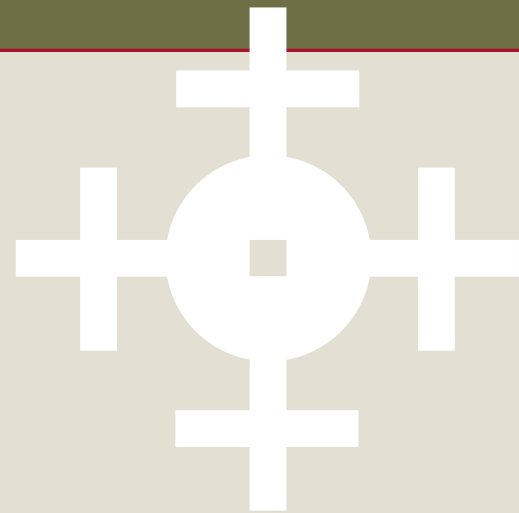
Ser humano - especialmente viver com outros seres humanos - implica culpa.

POR CARINA WØHLK

A culpa é o tema mais importante no meu aconselhamento pastoral às pessoas portadoras do VIH. Numa grande maioria dos casos, os meus clientes não estão preocupados por terem falhado em assumir qualquer responsabilidade real. Ao contrário, pesa-lhes uma culpa irreal - um forte sentimento de autodestruição que assenta na necessidade que têm de possuírem e controlarem a sua própria vida.

É extremamente importante saber distinguir entre a culpa genuína e a falsa culpa. A culpa genuína está ligada à responsabilidade que todos temos pela circunstância de sermos humanos e termos nas mãos a vida uns dos outros. A culpa genuína e existencial é algo com que temos de contar sempre e com a qual devemos aprender a viver. Não podemos caminhar na vida sem assumirmos culpas - por uma palavra que magoa, uma violação não premeditada, uma omissão estúpida ou qualquer coisa ainda pior.

Em contraste com a culpa genuína, a falsa culpa não faz parte da gravidade natural da vida humana. Em vez disso, a falsa culpa é uma carga incómoda, uma massa



DINAMARCA

Culpa e Perdão

inerte que pesa sobre nós até nos afundar – porque a falsa culpa pesa-nos mais do que aquilo que podemos aguentar. A culpa torna-se demasiado pesada. E não está no local certo. Por isso, temos de nos livrar dela.

Muitas das pessoas com VIH ouvem dizer que a culpa é sua. As vozes dos que são incapazes de amar interpretam o HIV/SIDA como um castigo de Deus para aqueles cuja vida é obscena.

Infelizmente, na procura de uma referência cósmica, muitas das pessoas com VIH interiorizam essa falsa interpretação. A falsa culpa que então sentem, gera um sentido na loucura. Podem ver uma relação entre causa e efeito, entre o que fizeram e o que lhes aconteceu. A sua doença não é apenas um resultado das destruições ocasionais da coincidência.

Mas, a interiorização desta falsa interpretação comporta um elevado custo pelo efeito que tem na imagem que temos de nós próprios e de Deus. O preço que se paga pela ilusão de que controlamos os nossos destinos é uma destruição da nossa auto-estima. Para aqueles que estão infectados, o VIH não é uma expressão da correcção do Deus que ama, mas uma prova de que não merecem ser amados. Têm que viver com uma imagem de si próprios de vergonha e culpa – e com uma imagem de Deus como o Mestre que condena sem com-

promisso. Deste modo, gera sofrimento sobre sofrimento.

Cura genuína

A culpa genuína leva à necessidade de perdão, à necessidade de ser capaz de viver sem a culpa a pairar como uma sombra pelo resto da vida. Perdão significa ser capaz de continuar a viver em conjunto, estar junto e conversar com aqueles que causaram a dor. Ou, então, perdão significa sermos capazes de viver com nós próprios - apesar de tudo...

O Evangelho cristão tem muito a dizer sobre o poder de cura do amor - também quando toda a nossa vida parece ter sido ferida e mutilada para além de todo o reconhecimento. O perdão chega sempre aos outros. Jesus Cristo vem até nós e isso significa que nos podemos reconciliar com a história das nossas próprias vidas e a dos outros, por mais terríveis e frustrantes que tenham sido.

Como cristãos, o nosso dever é sermos servos de vida e luz. Ou seja, alegrar a vida dos doentes e iluminar os preconceituosos. O VIH/SIDA projecta a sombra da morte sobre muitas vidas humanas. Interpretações erradas sobre o vírus escurecem muitas mentes. Cabe a nós afastar a escuridão - de mãos dadas com o Senhor da vida.



Sentir vergonha é sentir que não se merece amor. Os sentimentos de vergonha, impureza e mácula estão ligados. Como é que Deus nos reconcilia com a nossa humanidade?

DINAMARCA

Vergonha

POR CARINA WØHLK

Vergonha é sermos quem não devíamos ser, enquanto culpa é termos feito algo que não devíamos. Entendida desta forma, é de facto muito mais difícil lidar com a vergonha do que com a culpa, na medida em que está em causa a nossa identidade e não apenas o nosso comportamento.

Podemos ter vergonha de inúmeras coisas - doenças mentais, alcoolismo, suicídios na família, homossexualidade ou do VIH. A vergonha faz-nos sentir que estamos errados e sujeitos a repreensão - e tudo quanto nos rodeia impulsiona o sentimento. Se se está deprimido, ou se o nosso pai bebe, se o nosso irmão se enforcou, se o nosso filho é homossexual ou a nossa filha é seropositiva, ficamos sujeitos ao risco de a sociedade e o nosso círculo social nos façam sentir envergonhados.

A mácula e a “mácula de vergonha”

Infelizmente, vergonha é o que se tem mesmo perante um pequeno desvio de uma vida pura e correcta. A vergonha e a impureza ou mácula caminham juntas. Falamos de uma “mácula” na reputação de alguém. Em dinamarquês a ligação é ainda mais clara: neste contexto, a palavra mácula significa literalmente uma “marca de vergonha.” Mas, pior ainda, é a vergonha ser acrescentada a todo o sofrimento daqueles que já estão a sofrer intensamente. A vergonha é mais do que embaraço, mais que humilhação, mais do que modéstia ofendida, mais do que esconder a face e desejar desaparecer pelo chão abaixo. A vergonha é um ataque à auto-estima e à dignidade humana.

Na nossa cultura, a vergonha não é uma perda de honra, mas uma perda de valor. Aqueles que sentem vergonha pensam que perderam o valor e que não merecem ser amados. Baixam a cabeça em vez de a manterem erguida acreditando em si próprios - e crendo em Deus que ressuscitou Jesus

Cristo de entre os mortos para que pudéssemos erguer-nos no amor por Ele.

Na vida e morte de Cristo, Deus reconciliou-nos com a nossa humanidade. Quer isto dizer que podemos ser o que somos - para o melhor e para o pior. Quem quer que sejamos, o que quer que aconteça nas nossas vidas, Deus está connosco e ama-nos. Temos uma dignidade e um valor que é uma dádiva de Deus.

Lembre-mo-nos de que há muito espaço na casa do nosso Pai. Não devemos refugiar-nos na vergonha, mas sim erguer-nos e olhar de frente para o próximo. Não devemos fechar-nos dentro de nós próprios, mas sim ter a ousadia de nos abriremos. Não devemos sentir-nos abatidos, mas sim encararmos a nossa vida e a nossa vivência com confiança.

A agonia de Pedro

A vergonha e a mentira estão intimamente ligadas. Apercebemo-nos disso quando observamos o apóstolo Pedro no Novo Testamento. Pedro é um colaborador da confiança de Jesus. É ele que é contemplado para estar perto de Jesus no Monte da Transfiguração e quem Jesus confia as chaves do reino dos céus. É o primeiro a confessar que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus.

Mas mesmo assim, falta-lhe a força para apoiar Nosso Senhor quando os acontecimentos se desenrolam de forma dramática. Jesus preparou mesmo Pedro mentalmente para a possibilidade de que ele o viesse a negar, mas Pedro recusou liminarmente que tal pudesse acontecer. Como podia Deus pensar isso de Pedro! De modo algum Pedro seria tão traicoeiro ou abandonaria o seu Amo!

Mas quando Jesus é preso e o próprio Pedro ameaçado, é isso mesmo que acontece: Pedro nega conhecer o seu Senhor e Amo, negando também que alguma vez tivesse tido algo a ver com ele. Pedro renega Jesus para salvar-se a si próprio e



A SIDA não só roubou às pessoas membros da família, entes queridos e amigos; a SIDA roubou às Igrejas a sua memória colectiva do Jesus piedoso, o Messias dos marginalizados, o profeta mais à vontade entre as pessoas excluídas.

JAPHET NDHLOVU

mente para se proteger a si mesmo.

Quando a terrível verdade cai sobre Pedro, quando a predição de Jesus se confirma, Pedro desfaz-se em lágrimas. Jesus tinha razão. Revela a pessoa que é -- um miserável que não reconhece o seu mais querido Amigo. Pedro está mais preocupado com a sua própria vida e com a sua própria segurança, do que com Jesus. Este acto deixa Pedro numa tristeza profunda. A Bíblia refere que Pedro se afasta e chora profusa e amargamente. As lágrimas amargas de Pedro são lágrimas de vergonha - e Pedro faz o que as pessoas fazem quando sentem vergonha: isola-se.

A vergonha pode surgir como resultado de negação e de repressão. Porque não temos a coragem de aceitar o que somos, a história da nossa vida e as nossas atitudes. Porque esquecemos os nossos princípios e os nossos valores. É uma vergonha disfarçar ou simplesmente esconder a verdade.

Escondendo a verdade dolorosa

É uma vergonha disfarçar ou simplesmente esconder a verdade, e a vergonha pode levar ao fingimento e à farsa. Aqueles que têm vergonha das suas próprias palavras ou dos seus próprios actos têm necessidade de esconder a verdade. Aqueles que sentem vergonha têm necessidade de se esconder. Não deveria ser assim.

Enfrenta decididamente toda a vergonha e coloca a tua vida nas mãos de Deus! Deus não te deixará cair. Deus gosta de ti e permanecerá a teu lado - mesmo quando não consigas sequer olhar para ti próprio, mesmo quando os outros nem sequer te tocam com um ramo ou te empurram.

Talvez não tenhas a coragem ou a força de coração para te defenderes a ti mesmo. Mas Deus defender-te-á - não te abandonará. Talvez tenhas vergonha das escolhas que fizeste na vida. Mas Deus ama-te tal como tu és - sem preconceitos nem reservas. E não há nada de que devas sentir vergonha.

Uma teologia adequada em tempo de VIH e de SIDA

ZÂMBIA

A compaixão de Deus



POR JAPHET NDHLOVU

Uma crise mundial, com as suas histórias dilacerantes e heróicas de sofrimento humano, exige uma resposta e uma reflexão Cristãs. A crise do VIH/SIDA, além do seu alcance global e de uma incidência repentina selvagem, possui algumas características próprias, na medida em que reúne numa mistura explosiva os grandes poderes humanos do sexo e da morte. A forma como a teologia é afectada por esta mistura deverá interessar àqueles que dedicam toda a sua vida à teologia.

Na Zâmbia, a Igreja enfrenta um enorme desafio devido à pandemia do VIH e da SIDA. Não existe teologia sem uma relação com Deus, pois apenas aqueles que vivem dentro da prática de Deus podem verdadeiramente compreender a existência humana. A fé procura compreender o que o Deus vivo exige do seu povo. A pandemia do VIH/SIDA coloca-nos seriamente perante um tempo difícil e perigoso, um momento de verdade e também um momento de graça e de oportunidade – o tempo de kairós.

A comunidade de crentes zambiana, duramente atingida pelo VIH e pela SIDA, tem de encontrar uma alternativa, um paradigma transformativo para o caminho a seguir.

Deus, o Criador, preocupa-se com a situação porque esta afecta a sua imagem na criação. Pela sua própria natureza e missão, a Igreja não pode ignorar a necessidade de combater o estigma, o preconceito e a opressão. A Igreja deve estar viva e atenta, mesmo neste tempo de SIDA. Os seres humanos foram criados à imagem de Deus (Gen. 1: 26 - 28) e a Igreja deve ser o seu corpo. Cristo é a cabeça submissa deste corpo e, ao mesmo tempo, dá-lhe vida através da presença do Espírito.

A falta de uma reflexão teológica séria num tempo de VIH/SIDA é certamente uma tragédia que tem incomodado a Igreja durante as duas últimas décadas. Quando está em causa o desafio que constitui a infecção pelo VIH e a SIDA, os nossos teólogos têm sido lentos e omissos e as Igrejas têm estado igualmente paradas.

A teologia é uma actividade comunitária tanto para especialistas como para leigos; ela desenvolve-se a partir da vida em comunidade das pessoas de fé. Cresce à medida que as pessoas partilham, à luz da fé, as suas vidas e a interpretação dos acontecimentos que as rodeiam.

É provável que ressurgirá o interesse na “teologia do povo” ou na “teologia das congregações” nesta altura em que cada vez

mais Cristãos zambianos são instruídos, ao ponto de terem uma confiança legítima no valor das suas próprias ideias e da sua reflexão crítica sobre a interpretação das escrituras.

Contudo, são reais as diferenças entre as pessoas – diferenças até teológicas. Precisamos de acolher e alimentar a incrível riqueza e especificidade de perspectivas, formações e dons. Estas diferenças englobam diferenças no modo como as pessoas vivem, entendem e se relacionam com Deus em tempo de VIH e de SIDA, no modo como as pessoas conciliam os seus actos com a moral e a ética, e no culto do verdadeiro e único Deus. A unidade da Igreja Cristã é e foi sempre Deus em Cristo. Precisamos de trabalhar juntos, unidos pelo abraço reconciliador de Deus.

A teologia é e foi sempre o produto vivo das comunidades crentes ao debaterem-se com o significado da sua fé face às ambiguidades da vida. Neste processo, as peregrinações de fé de outros povos e comunidades, quer dos que nos antecederam, quer dos que são nossos contemporâneos, são extremamente úteis. A teologia, tal como é desenvolvida pela Igreja, ou melhor no seio da Igreja, surgiu sempre de uma fusão de interações acaloradas entre vários pontos de vista. Estes pontos de vista têm-se confrontado uns com os outros, resultando, numas ocasiões, em compromisso, noutras, em novas formulações e, noutras ainda, na inclusão de uma série de interpretações.

A luta para compreender a vontade de Deus

Muitas pessoas com VIH/SIDA lutam para compreender a vontade de Deus em relação à sua actual situação. Deveriam ser criadas oportunidades para os leigos estarem preparados e habilitados a estabelecer a relação entre a fé e a sua situação diária. A comunidade crente é o lugar de onde emerge a teologia, na medida em que é na comunidade que as pessoas de fé partilham as suas experiências em relação a Deus, à humanidade e à criação.

Não existem especialistas em desenvolver uma teologia viva que se relacione com as vidas das pessoas de uma forma autêntica. São as reflexões sobre essas experiências que geram uma teologia viva. Então, como é que isto nos ajuda na busca de uma teologia adequada ao contexto da SIDA? Surgem dois princípios básicos. Primeiro, são aqueles que vivem a vida cujas reflexões são a base, não a única, mas a base primária para o surgimento de uma teologia adequada a essa mesma vida.

Mais ainda, se a Igreja procura uma teologia da SIDA, precisa

de ouvir aqueles que vivem com o VIH e a SIDA, os que lhes dispensam cuidados, as suas famílias e os amigos. Na verdade, aqueles que estão mais próximos do vírus são os que desenvolvem uma teologia da SIDA. O que isto significa é que aqueles que sofrem de VIH e de SIDA não podem ser afastados da Igreja. Essas pessoas constituem, na realidade, os recursos necessários para realizar a tarefa de reflexão teológica.

É aqui que os membros desta comunidade de pessoas de Deus, criada à imagem de Deus, se envolvem numa interpretação crítica e construtiva baseada na vocação da sua realidade actual de viver de forma positiva com o VIH. Se estas pessoas forem excluídas, a grandeza do amor e da graça de Deus será negada não apenas a elas, mas também ao resto da comunidade crente.

Na comunidade Cristã deve haver lugar para que todas as pessoas de Deus possam procurar Deus, louvar a Deus, reflectir nas suas experiências à luz da fé e descobrirem as suas bases teológicas e morais, como parte integrante da teologia, do culto e da moralidade de toda a comunidade. As exclusões categóricas revelam também falta de confiança em Deus e falta de apreço pela natureza incondicional do amor de Deus.

Jesus esteve sempre empenhado em abolir as exclusões categóricas impostas contra determinado tipo de pessoas como as mulheres, os samaritanos, os leprosos e os possuídos pelo demónio. Esse processo tem sido também uma característica constante da comunidade crente, onde quer que ela se tenha encontrado. A comunidade crente debate-se com frequência com questões relacionadas com o aumento da inclusão e com o derrubar das paredes divisórias que separam umas pessoas das outras, à medida que alcançam uma nova visão em que Deus aceita todas as pessoas.

As pessoas de fé são chamadas a analisarem-se a si próprias, de acordo com a sua experiência de Deus, e não a julgar os outros. É produzido demasiado material ético por aqueles que vivem as questões não como uma realidade pessoal ou comunitária, mas que tomaram as suas decisões antecipadamente, com base em regras de conduta demasiado rígidas.

O sentido surge nas histórias de indivíduos, famílias e sociedades inteiras, devastados pelo medo, pelo sofrimento e pela morte vividos em todo o mundo pelo menos na última década. Para avaliar o verdadeiro desafio da teologia em tempo de SIDA, é necessário escutar estas histórias, quem as conta, as pessoas que têm VIH ou SIDA, os afectados pelo VIH, as famílias, companheiros, amantes e as pessoas que tratam delas.

O sofrimento de Job e a compaixão de Jesus

Uma reflexão teológica em tempo de VIH/SIDA deve começar com Deus, porque fomos todos criados à sua imagem e porque a Igreja, pela sua natureza, deve ser o instrumento de Deus neste mundo. É plausível acreditar que a pandemia não levanta novas questões sobre Deus, mas, no mínimo, levanta algumas questões antigas sob uma nova forma e – para as pessoas directamente envolvidas – uma forma muito aguda. Questões que remetem para a relação entre Deus e o sofrimento ocupam um lugar de destaque na discussão sobre o VIH e a SIDA. Uma dor intensa como a que é provocada pelo VIH e pela SIDA cria a impressão de que Deus está ausente.

O Livro de Job (Job 1-42) pode constituir a mais profunda reflexão sobre a relação do sofrimento humano e a presença divina do poder. Os tormentos físicos e a angústia mental de Job podem suscitar ecos dolorosos em leitores contemporâneos que se debatem com o impacto do VIH/SIDA.

O confronto de Job com o Deus misterioso do remoinho de vento, deixa-o atemorizado e humilde perante a presença e o poder do seu Criador. Ele venceu a disputa. O pecado pessoal não é a causa do seu sofrimento e Deus não o castiga por esse pecado. A lição tem de ser continuamente repetida e o Livro de Job lido várias vezes a esses Cristãos que ainda consideram o sofrimento humano como o castigo de Deus pelos pecados pessoais e vêem uma especial aplicação desta doutrina no surgimento do VIH/SIDA.

Como mostram os ensinamentos bíblicos do Novo Testamento, a presença de Deus não visava, em primeiro lugar, os ricos e os poderosos. Os pecadores e as prostitutas, os pobres e os marginalizados seriam os primeiros a ser recebidos. Ao identificar-se com estes, ao comer e ao beber com eles, Jesus desafiou os cânones vigentes de respeitabilidade política e religiosa. Isto custar-lhe-ia a vida, mais tarde, ao ser considerado demasiado subversor da ordem estabelecida. Após um julgamento fantoche, Jesus foi crucificado às portas da cidade de Jerusalém. Os Cristãos que se sentem impelidos a rejeitar, evitar ou desprezar as pessoas com VIH/SIDA, deveriam ter bem presente o exemplo oposto dado por Jesus, dizendo: “Como fazeis a um dos mais desventurados...”

Somos confrontados com o mistério de Deus que assumiu totalmente a condição humana, ao ponto de suportar o sofrimento humano e de morrer na paixão e na morte de Jesus Cristo. A revelação crucial e cruciforme do sofrimento de Deus em conjunto com os seres humanos na compaixão de Jesus manifesta um aspecto novo do mistério que também se chama amor. Não é facilmente compreensível, mas reafirma a presença de Deus. Em tempos de desespero e de dor, Deus está presente. Através de Jesus, que com a sua fragilidade física morreu na Cruz, dá-se a cura e a ressurreição. O amor inesgotável de Deus não abandona aqueles por quem, em primeiro lugar, a dor foi suportada no Calvário. O sofrimento muda a atitude e a perspectiva da pessoa e torna-a capaz de sentir a presença e o amor de Deus.

Jesus não procurou apenas a companhia dos excluídos; ele também estabeleceu uma nova rede de relações, um novo tipo de comunidade, um novo Israel que daria corpo ao reino de Deus por ele anunciado. Nesta nova comunidade, a presença e o poder de Deus seriam evidentes, sobretudo na prática do amor. E seria um amor eficiente, alimentando os esfomeados, libertando os prisioneiros, devolvendo a visão aos cegos, permitindo que os coxos andassem, curando todas as doenças (Lucas 4: 16).

O ministério de Jesus junto dos doentes tem inspirado gerações de Cristãos. Ele rejeitou explicitamente o antigo erro dos consoladores de Job, que pensavam que o tormento de Job era causado pelo pecado: “Nem este homem, nem os seus pais pecaram”, contou ele aos seus discípulos sobre o homem que nasceu cego (João 9). Neste, como em outros casos, o milagre demonstrava o poder e a glória de Deus ao atender às necessidades imediatas dos que sofriam e dos excluídos.

Nos cuidados Cristãos e no desenvolvimento científico humano, estes recursos vindos de Deus devem ser aplicados para devolver a saúde e o conforto aos aflitos. O amor, tal como Jesus amou, o cuidado e a aceitação incondicional dos necessitados, devem ser expressos da forma mais eficaz possível. Isto deve ser feito em termos médicos, sociais e pessoais e por todos os sacerdotes da igreja.

Esperança

A fé Cristã é uma fé de esperança. Os Cristãos são fortalecidos por esta esperança, enquanto se debatem com

A Igreja como corpo de Cristo deve ser o local onde o amor de Deus que cura e salva é vivido e manifestado. A Igreja é obrigada a partilhar o sofrimento dos outros, a ficar ao seu lado contra toda a rejeição e desespero. Dado que é o corpo de Cristo que morreu por todos e que está solidário com os afectados pelo VIH/SIDA, a nossa esperança na promessa de Deus está viva e pode ser vista pelo mundo.

JAPHET NDHLOVU

questões profundas sobre o sofrimento. Afirmam que o sofrimento não vem de Deus. Afirmam que Deus está com eles, mesmo no meio da doença e do sofrimento, trabalhando pela cura e pela salvação no “vale das sombras da morte” (Salmo 23:4). Através do sofrimento de Cristo na cruz, toda a criação foi absolvida. A esperança Cristã baseia-se na experiência dos actos de salvação de Deus em Jesus Cristo, na vida de Cristo, na morte e na ressurreição.

Tomando Cristo como o servo sofredor, os Cristãos são chamados a partilhar o sofrimento das pessoas com VIH/SIDA, abrindo-se, neste encontro, à sua própria vulnerabilidade e mortalidade. A resposta dos Cristãos e das Igrejas aos afectados e infectados pelo VIH/SIDA deverá ser uma resposta de amor e solidariedade, manifestada no cuidado

e no apoio àqueles directamente atingidos pela doença, e nos esforços para prevenir a sua disseminação.

Muitos Cristãos e Igrejas revelaram o amor de Cristo aos infectados e aos afectados pelo VIH/SIDA, mas infelizmente, alguns também contribuíram para a estigmatização e para a discriminação contra essas pessoas, aumentando assim o seu sofrimento. As maiores barreiras à prevenção do VIH são o medo, a recusa e a ignorância. Imagens de esperança, acompanhadas por exposições espirituais e éticas sobre o significado da vida para além da morte, utilizando a linguagem comum do povo, enriqueceria imenso o discurso sobre formas alternativas de viver com o VIH e a SIDA. Um modelo teologicamente holístico continuará a estar aberto às questões e aos desafios levantados pela pandemia.





Chamados a ser diferentes

Epílogo

POR GILLIAN PATERSON

Uma viagem

A história da nossa fé está repleta de viagens: a viagem à Terra Prometida, a viagem dos Reis Magos, a viagem para a Cruz. Paira um sentimento em torno destas viagens - de haver um destino a cumprir mesmo quando o caminho é obscuro e confuso e o objectivo está envolto em mistério. Existe também a ideia de que estas viagens revelam verdades vitais acerca das intenções de Deus em relação ao mundo, assim como o derradeiro significado de todas as coisas. Há aqui uma urgência também: uma urgência gerada pelo sentimento de ser agora (e não no próximo ano, nem daqui a dez anos) que a viagem tem de ser feita. A estrela que nos guia até Belém não espera. A narrativa exige que se aproveite o momento kairós.

O processo que deu origem a este livro nasceu de um sentimento de urgência semelhante, um sentimento de esta ser uma viagem que tinha de ser empreendida. Foi inspirado por uma convicção, partilhada por líderes religiosos de países nórdicos e da África Austral, de que o estigma associado com o VIH e a SIDA é um desafio que nos convida a encontrar novas formas de explorar a nossa fé, as relações humanas e o tipo de comunidade que a Igreja se diz ser. Ao iniciar o processo, um elemento importante era o facto de ter de ser feito em conjunto por igrejas do Norte e do Sul: um passo difícil e arriscado numa altura em que o discurso sobre a SIDA está repleto de indignações, desacordos e conflitos de interesses, com as próprias religiões acusadas de contribuírem para a epidemia com a natureza exclusiva das suas comunidades e com a natureza moralista das suas mensagens.

E a SIDA protagonizou muitas histórias de divisão, especialmente em relação às diferenças notórias entre as abordagens africanas e as abordagens do Atlântico Norte. Por exemplo, as construções biomédicas da epidemia feitas pelo Ocidente são consideradas opostas às africanas, mais viradas para a comunidade. É um confronto desigual, na medida em que a África depende largamente do financiamento e do conhecimento científico ocidentais para apoiar as suas próprias iniciativas, enquanto os meios de comunicação e as várias publicações utilizam paradigmas ocidentais e línguas europeias para difundir as ideias.

Também em termos teológicos as diferenças reais podem

tornar-se obscuras. De acordo com uma perspectiva do sul, os Cristãos do norte podem parecer autônomos e individualistas, com uma fé matizada, quer por juízos de direita mais rígidos quer por uma moralidade liberal do “vale tudo”. Os europeus (isto é, se souberem alguma coisa acerca da religião em África) podem considerar a herança comunitária e cosmológica da cultura de África como algo que deve ser suprimido a favor de discursos religiosos e filosóficos mais “contemporâneos”. Este tipo de caricaturas estigmatizantes cria revolta e afastamento; votam ao fracasso o diálogo mais eficiente; ficam latentes, como um vírus, bem no coração do discurso internacional sobre a SIDA.

Mas a Igreja, como referido na Introdução, “é chamada a ser diferente”. Esta notável colecção de reflexões é um dos resultados dessa convicção: o produto de um processo que durou dois anos, ao longo dos quais os Conselhos de Igrejas nórdicos e da África Austral trabalharam, separadamente e em conjunto, em três temas teológicos que surgiram em ambas as regiões (e por todo o resto do mundo) como poderosos “condutores” do estigma e da discriminação.

Para além da caricatura

O que estes textos fazem, primeiro e acima de tudo, é desafiar os estereótipos mencionados acima e colocá-los em perspectiva. Pois o que presenciamos aqui são grupos de Cristãos e teólogos individuais que se empenham com entusiasmo na luta em defesa do sentido da fé dentro do contexto cultural de cada um: uma luta que todos nós esperamos seja certamente partilhada pelas nossas Igrejas.

O estigma entranha-se ao nível mais profundo do tecido da sociedade e dos padrões que dão significado à vida dos membros dessa sociedade. Desafie-se o estigma e acender-se-ão paixões profundas, mas que podem não ser conscientemente entendidas. Porque o estigma é o servo do tabu. Os tabus não são prejudiciais por si. Pelo contrário, é através dos tabus profundamente enraizados na consciência individual e da comunidade que as sociedades, instituições ou grupos sociais se protegem de perigos, danos e de encontros arriscados com “o diferente” ou com “o outro”. De um ponto de vista antropológico, a religião tem servido para reforçar os tabus culturais e, com esse procedimento, para dar um sentido cósmico e uma expressão ritual aos valores pelos quais se rege a sociedade.

Todavia, de todos os elementos culturais, os que mostram maior tendência para serem considerados tabu, são o sexo e a sexualidade, o género, a raça, a doença, o pecado e a morte. É principalmente em torno destas questões que o estigma relacionado com a SIDA se desenvolve. Daí, a forte exigência de Japhet Ndhlovu em relação a maior igualdade entre os géneros dentro da cultura da Zâmbia, apoiado pelo reconhecimento do carácter predominantemente patriarcal da interpretação das escrituras e também pela necessidade de valorizar o sexo como uma dádiva que nos permite partilhar com Deus a obra da Criação. Daí, as penetrantes ligações que Carina Wohlk estabelece entre o estigma relacionado com a SIDA e a culpa e a vergonha associadas à sexualidade, particularmente no contexto da homossexualidade. Daí, a afirmação de Elias Massicame de que os africanos de Moçambique vêem o sexo como algo exterior ao domínio do reino de Deus, procurando depois refúgio no silêncio e tornando-se assim vítimas dos media de inspiração ocidental que glorificam o “sexo livre”. Daí a imagem de Elizabeth Knox-Seith da cultura de morte em que os jovens arriscam a própria vida por uma intimidade sexual há muito desejada e, no percurso, provocam um curto-circuito entre o princípio e o fim da vida.

Nestas páginas, temos o privilégio de encontrar Cristãos que – a fim de encarar o estigma da SIDA com honestidade – tiveram a coragem de olhar para o mais fundo das suas almas, assim como para o fundo das “almas” das respectivas sociedades: ou, como refere Carina Wohlk, de confrontar “eu sou quem sou” para que, em Cristo, nós também possamos ser quem somos.

Um só corpo

Poder-se-á argumentar que o silêncio Cristão sobre o sexo e a sexualidade se insere numa negação muito mais ampla do próprio corpo e que é nesse aspecto que devemos focar a nossa atenção teológica. Em relação aos tabus culturais quase universais mencionados anteriormente – o sexo e a sexualidade, o género, a raça, a doença, o pecado e a morte – são todos aspectos ou funções do nosso corpo. Parece, então, que não se pode estar “dentro do corpo” sem se sentir algo da culpa e da vergonha associada com o tabu cultural: sem se ter a sensação do pecado. Porém, é dentro do corpo que somos criados no

ventre materno, nascemos, vivemos, amamos, adoecemos e morremos. Na Encarnação, a Palavra tornou-se – literalmente – carne e sangue: o que tornaria estranho à Bíblia, a partir daí, o facto de os Cristãos denegrirem os seus corpos. É nos nossos corpos e não nos edifícios que os seres humanos se tornam o templo de Deus. É a Eucaristia – a celebração do corpo e do sangue de Cristo – que exprime a inclusão ou a exclusão da comunidade Cristã. Porém, o tabu cultural é algo extraordinariamente poderoso e a nossa capacidade para aceitar a realidade da encarnação está coberta ainda por uma profunda ambivalência.

A exploração da ideia do corpo foi, portanto, o aspecto principal da viagem descrita neste livro. Ao nível individual, grupos de pessoas seropositivas que se encontraram na Noruega debateram a necessidade de uma fé que afirme a corporeidade. Na Zâmbia, Japhet Ndlovhu falou sobre a necessidade de as Igrejas abordarem o ministério da cura como um sacerdócio corporificado: ver a santidade como um acto de comprometimento e não um estado de separação; a imagem da santidade como “proximidade” em vez de “distância” dos impuros.

Conforme se foram desenvolvendo modos de trabalhar inter-regiões, a imagem do Corpo de Cristo de S. Paulo, como metáfora para a Igreja universal, tornou-se uma realidade. Por exemplo, a abertura sentida no Norte sobre a orientação sexual pôs em causa tabus entre os grupos no Sul; de forma análoga, a proeminência da ideia de pecado nos textos do Sul foi mal aceite pelos participantes do Norte. Em contextos com melhores recursos, é mais fácil encontrar tempo para a reflexão e para a escrita, enquanto em organizações que estejam sobrecarregadas, muito embora vejam teoricamente com bons olhos este tipo de projectos, estes podem

ser como o último fardo que faz o burro arrear. Estas são as realidades corpóreas das nossas diferentes experiências, o material com o qual é forjado o reino de Deus. Mas a viagem teve o seu estímulo e sempre que parecia impossível avançar, parecia ainda mais impossível recuar.

No final, não houve qualquer desacordo acerca do título: “Um Só Corpo”. Porque, tal como o corpo é uno e possui vários membros e todos os membros do corpo, embora vários, sejam um corpo, assim acontece com Cristo. E se um membro sofre, todos sofrem juntamente com ele; se um membro recebe uma honra, todos festejam juntamente com ele. (I Cor 12:12, 26)

Avançando

Na experiência das pessoas com VIH e com SIDA, onde está Deus?

Os grupos tanto do Norte como do Sul falavam de Deus como o pai do filho pródigo, avistando ao longe o filho amado e correndo ao seu encontro; do Deus do Deuterónimo, que nos escolheu não por merecermos ou por sermos melhores do que as outras pessoas, mas por sermos amados. Deus revela-se a nós com frequência por entre as partes marginalizadas e excluídas de nós próprios, das nossas instituições e das nossas culturas, na imagem de Cristo encarnado e sofredor.

E a revelação tem o carácter da Trindade. Gera novas reflexões, levando-nos de volta à Palavra e fazendo-nos avançar para a actividade permanente do Espírito. A revelação torna-se então parte de um convite cheio de graça para entrarmos numa história, cujo contexto é a descoberta do reino de Deus, mas a partir de uma entrada que é especificamente a nossa. A nossa pequena viagem passa, por conseguinte, a fazer parte da viagem da Igreja, no contexto da própria criação e da história do povo peregrino de Deus.

Fui convidado a tomar parte nesta viagem, numa fase tardia, como conselheira e como amiga. Foi um privilégio e estou certo de que recebi mais do que contribuí. Na cacofonia de vozes que se opõem, formando o diálogo internacional sobre o VIH e a SIDA, o meu momento de revelação foi uma breve visão do Cristo reconciliador a viajar ao lado dos excluídos e convidando outros para se juntarem à viagem. Neste livro, nesta colecção de textos, é esse o convite que agora se estende a si, leitor.



Um SóCorpo

"Um Só Corpo" surgiu de um grupo principal conjunto, que se reuniu em Lusaka em 2004. Da Zâmbia: Japhet Ndhlovu, Joy Lubinga, Munalula Akakulubelwa, Rose Malowa. De Moçambique: Dinis Matsolo, Elias Massicame. Da Noruega: Jan Bjarne Sodal, Estrid Hesselund, Steinar Eraker. Da Dinamarca: Carina Wohlk, Birthe Juel Christensen. Ehaia: Sue Parry

COLABORADORES:

ZÂMBIA

Rev. Japhet Ndhlovu, Secretário-Geral do Conselho das Igrejas na Zâmbia, em colaboração com Circles of Hope (Círculos de Esperança).

MOÇAMBIQUE

Rev. Elias Zacarias Massicame, Coordenador Nacional do Projecto VIH/SIDA no Conselho Cristão de Moçambique, em cooperação com o Rev. Dinis Matsolo, Secretário-Geral do Conselho Cristão de Moçambique e Boaventura Zita, Chefe do Sector de Comunicação do Conselho Cristão de Moçambique

DINAMARCA

Rev. Birthe Juel Christensen, Director de Informação, DanChurchAid

Rev. Carina Wohlk, Associação Luterana Nacional da SIDA

Elizabeth Knox-Seith, Socióloga Cultural

Rev. Theodor Jørgensen, Professor de Teologia Sistemática

NORUEGA

Jan Bjarne Sodal, coordenador do Projecto sobre VIH e SIDA, o Conselho Cristão da Noruega em colaboração com as pessoas afectadas pelo VIH em Oslo

Rev. Helge Fisknes, pastor na Missão da Cidade de Oslo

EPÍLOGO

Gillian Paterson, escritor e consultor sobre desenvolvimento, com realce especial para a interface entre a teologia cristã e a SIDA.

